

K.C.BERGAMINI

A person stands on the silhouette of a globe, looking up at a starry night sky filled with the Milky Way. The person's reflection is visible on the surface of the globe. The title 'Conectados' is written in a large, white, cursive font across the middle of the image.

Conectados



CONECTADOS

K.C.BERGAMINI

1ª Edição
2019

Copyright © 2018 Katia Cristina Bergamini Titão

Literatura Brasileira. Romance

1º Edição

Revisão: Flávia Andrade - Refraseando

Capa: Kathy Seraph

Diagramação: Katia Titão

Texto revisado pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Está é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produto da imaginação da autora.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



Dedico esse livro para todos aqueles, que assim como eu, acreditam no amor, na força do destino e na forma como ele conspira para unir duas pessoas que estão destinadas a ficarem juntas, porque, quando está escrito, até o universo conspira a favor!

K.C.Bergamini

Prólogo

Dizem que o amor é benigno, que não é invejoso, que tudo perdoa.
Que não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita,
não sustenta o mal nem anda de braços dados com a injustiça.

Que ele tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

Dizem até que o amor não tem credo, não tem raça, não tem cor.

Que pode ser preto, branco ou cinza, se for uma mistura dos dois.

As vezes penso sobre essas afirmações, e me questiono se quem fez essas afirmações já amou algum dia.

Pensando ainda sobre isso, me questiono: existe uma hora certa para o amor aparecer nas nossas vidas?

E quando ele chegar, vai ser suave, pedir licença, entrar e se instalar confortavelmente no seu coração? Ou é um sentimento tão puro e urgente que se infiltra pelas frestas da sua vida, exigindo espaço, derrubando barreiras e bagunçando tudo que encontra pela frente?

Por isso minha dúvida: quem fez essas afirmações realmente amou um dia?

Para um melhor entendimento da história, alguns locais em que o livro é ambientado.

ILHA DE ANHATOMIRIM – FLORIANÓPOLIS



Mais informações (<http://www.fortalezas.ufsc.br/fortalezasanhatomirim/>)

BARCO PÉROLA NEGRA – FLORIANÓPOLIS



PIER CANASVIEIRAS – FLORIANÓPOLIS



TERMINAL URBANO TIKAN



Capítulo 1

“ Uma alma gêmea é alguém cujas fechaduras coincidem com nossas chaves e cujas chaves coincidem com nossas fechaduras. Quando nos sentimos seguros a ponto de abrir as fechaduras, surge o nosso eu mais verdadeiro e podemos ser completa e honradamente quem somos. Cada um descobre a melhor parte do outro.”

Richard Bach

Meus olhos estão fechados. O sol aquece minha pele, espalhando esse calor por todo meu corpo, se infiltrando chegando até os cantos mais escuros da minha alma. O silêncio que me cerca é como um calmante para meu coração atribulado. O único som que ouço é o barulho das folhas de árvores que balançam suavemente quando o vento bate contra elas.

Estou sentada em uma mureta de pedra, embaixo de uma árvore de jaca, no forte do Anhatomirim, que fica numa ilha no meio do oceano, por assim dizer, mais precisamente em uma ilha vizinha à de Florianópolis.

Se abrir meus olhos agora, a imagem que tenho na minha frente é magnífica, quase bela demais para ser absorvida. Este é meu refúgio, meu pedaço do céu aqui na terra. O lugar onde meus sonhos duelam com meus pesadelos, que ajuda a sufocar a dor da perda e a manter minha sanidade.

Três dias... é o prazo que tenho para ver minha vida começar a desmoronar para valer a minha volta. Ou não. Depende das respostas que vou colher dessa viagem. Solto um suspiro profundo e, quando abro os olhos, vejo que minha carona está se aproximando. Nos últimos dois dias tenho vindo para a ilha com o primeiro barco da manhã, pegando carona para retornar no último barco que passa no finalzinho da tarde.

É mês de março e a temporada está quase terminando, mas a ilha de Florianópolis ainda está lotada de turistas. No primeiro dia em que vim até o forte, os responsáveis pelo barco estranharam um pouco o fato de eu querer ficar o dia todo, afinal, para eles é como se uma hora fosse suficiente para realizar o

passeio aqui. Mas o pessoal que cuida da ilha já me conhece, sabe como posso ficar o dia inteiro pensando e simplesmente andando por aí, sentando nas sombras para analisar a paisagem, e por isso ninguém proibiu ou questionou minha permanência.

Olho para o barco^u que se aproxima e um sorriso brota dos meus lábios. Por ser um passeio turístico, simula-se uma embarcação pirata. Se eu não estivesse com a cabeça tão focada nos meus problemas, poderia voltar me divertindo.

Levanto e bato as mãos na minha bermuda para retirar a sujeira que se agarrou ali. Depois, ensaio ir até a entrada da fortaleza para acompanhar a visita junto com os outros turistas. Antes de me virar, olho mais uma vez para o horizonte, sentindo o vento soprando delicadamente em meu rosto. Envolver as mãos em meu corpo, num abraço de aconchego, imaginando que, ao invés das minhas mãos, são as da pessoa que mais sinto falta nesse mundo, meu avô Jair.

É por sua causa que estou vindo até esta ilha. Afinal, este é o seu lugar de descanso eterno, onde sempre vou sentir que está presente, movendo-se ao redor desta construção centenária, no meneio das ondas lá embaixo ou até na brisa do vento que sempre sopra aqui.

Meu avô era um historiador, trabalhou durante muitos anos na conservação e restauração deste prédio. Eu costumava vir com ele para o forte, passava horas correndo por esta ilha, sei todos os detalhes da visita que vou acompanhar daqui a pouco, bem como outros detalhes que não são abordados pelos guias. Sou, inclusive, mais qualificada que o que fará a excursão, mas mesmo assim gosto de ouvir a história deste lugar, é como se a cada vez meu coração absorvesse um pedaço novo desse lugar.

Vou caminhando até o local da primeira parada da visita sem pressa nenhuma. Sei que vai demorar alguns minutos até todos descerem do barco e subirem a enorme escadaria que dá acesso ao forte. Ela é também o único acesso à parte superior da ilha, onde ficam a construção e a guarnição antiga. Quando chego em frente da escadaria, paro bem próxima do pórtico da entrada. Olho para baixo e fico observando a felicidade das pessoas. Principalmente a alegria das famílias.

Sinto uma dor profunda quando vejo a alegria das crianças correndo ao redor e o semblante de felicidade dos pais quando as veem. Famílias felizes, mães dedicadas, irmãos que se amam. Ao mesmo tempo que essa imagem dilacera meu coração, me faz ter esperança de que nem todas as histórias são iguais à minha. E, mesmo assim, essa felicidade é algo que nunca sentirei, independente de qual caminho eu siga. Preciso respirar fundo para afastar o nó que se forma na minha garganta: *apenas pensamentos felizes enquanto estiver*

aqui na Ilha Jake.

Tento afastar esses pensamentos da minha cabeça. Preciso aproveitar cada momento desses últimos três dias, deixar o sofrimento e a carga de infelicidade para mais tarde. Percebo que algumas pessoas já estão subindo a escadaria.

Só então noto quando um rapaz para na frente da escada e começa a conversar com um menino. Não consigo ouvir o que estão falando, mas tenho quase certeza de que estão apostando quem consegue chegar ao topo primeiro. Estou certa, porque os dois logo começam a subir feito loucos a enorme escadaria. Acho graça da situação, pois nenhum dos dois vai conseguir a proeza de subir num pique só!

Observo quando a força dos dois vai diminuindo, até que o rapaz para e coloca as duas mãos sobre a coxa, puxando a respiração. Sorrio da cena, pois o menino, mesmo que mais lentamente, continua subindo a escada. Quando chega perto de onde estou, vira-se para baixo e começa a saltitar enquanto gargalhadas escapam de sua garganta.

— Isso aí! — Me aproximo e estendo a mão. Ele de forma automática bate de volta, num típico gesto de comemoração.

— Ganhei daquele bobão ali! — exclama entre sorrisos. O menino deve ter entre 10 e 12 anos.

— Bobão nada! — O rapaz chega ao topo da escada respirando ofegante. — Essa escada... — Respiração. — É muito... — Respiração. — Grande!

— Ah, mas você disse que conseguia chegar antes, agora perdeu a aposta.

— Não acredito que deixei isso acontecer! — fala coçando a cabeça, enquanto ainda suspira cansado.

— Você é testemunha, moça!

— Sou mesmo! — digo colocando as mãos na cintura. — Esse rapazinho aqui ganhou honestamente essa aposta.

— Nerds com cara de bonzinhos, sempre se protegendo — o rapaz resmunga fingindo estar chateado, mas logo abre um sorriso enorme.

— Nós não nos protegemos nada. Que culpa temos se a razão está sempre do nosso lado, né? — Eu e o menino trocamos um olhar de cumplicidade e acabamos soltando uma gargalhada.

— Jaqueline, mas pode me chamar de Jake. — Estendo a mão para o menino.

— Heitor. — Aperta minha mão. — E esse aí é o Daniel, mas pode chamar de cabeça.

Olho para o Daniel e entro na brincadeira.

— Prazer, cabeção. — Ele arregala os olhos e faz uma careta.

— Não acredito que me chamou de cabeção. — Olha para o Heitor e ergue a mão aberta com os cinco dedos estendidos. — Pirralho, você tem cinco segundos para correr antes de eu te pegar. Cinco, quatro... — Conforme fala, vai abaixando os dedos. — Três... — Sem pensar direito, seguro seus ombros por trás, fingindo segurar seus braços.

— Corre, Heitor, te dou cobertura, seguro ele para você se esconder.

— Mas isso já é sacanagem de vocês dois. — Ele entra na brincadeira e finge lutar para me tirar de cima de seus ombros.

— Desculpa, esse menino é muito elétrico. — Quando o Heitor se afasta gritando de forma divertida, delicadamente me tira de cima de seus ombros, ficando de frente para mim. Seca a mão na bermuda e em seguida a estende. — Prazer, Jaqueline.

— Prazer, cabe... *ops!* Daniel. — Pego a sua mão e as balançamos suavemente em cumprimento.

— Você veio conosco? — Tira sua mão da minha e faz um gesto em direção ao barco.

— Não, não... Vim no barco que chegou aqui de manhã.

— Nossa, ficou o dia todo aqui na ilha?

— Sim, me sinto em casa no meio dessas ruínas. — Ele coloca minha mão no braço e me leva mais para a lateral, pois outras pessoas estão subindo.

— Primeira vez que vem até o forte? — questiono enquanto começo a caminhar para onde sei que será a primeira parada da visita.

— Sim. Na realidade, vim porque o Heitor queria muito andar no Barco Pirata e mergulhar em alto-mar.

— As crianças adoram mesmo esse passeio. Seu filho? — Olho na sua direção.

— Não! Tenho cara de ter um filho desse tamanho? Heitor é meu irmão. E antes que pergunte, nossos pais me enrolaram. Enquanto venho com ele nesse passeio, aqueles dois devem estar na praia tomando água de coco e rindo da minha cara.

— Não está com cara de quem foi chantageado ou obrigado a trazer ele nesse passeio — digo entre sorrisos.

— Não mesmo. — Daniel abre um sorriso também. — Amo esse pentelho. Estudo fora, fico muito longe dele, e este ano será ainda pior. Começo a fazer estágio, não vou ter tempo de visitar muito, então resolvi fazer essa viagem com a minha família.

— Não tem filhos? — *De onde saiu essa pergunta?* Sinto meu rosto ficar vermelho. — Desculpa, não é da minha conta, a pergunta só saiu automática.

— Imagina, Jake, sem problemas. Respondendo sua pergunta, não tenho filhos.

— Ok... — Balanço minhas mãos perto do meu corpo. Fico desconfortável com o silêncio que se abate sobre nós dois.

— Não vai perguntar?

— Perguntar o quê?

— Se tenho namorada, se sou casado... Sei que quer fazer essa pergunta. — Vejo a ponta de malícia na sua voz.

— Não faria nenhuma diferença, Daniel. Se deixei transparecer algum interesse com a minha pergunta, foi sem querer, eu... — Sinto meu rosto pegando fogo de vergonha e desato a falar. Se ele me conhecesse, saberia que só faço isso quando estou nervosa.

— Ei, calma, menina. Foi apenas uma brincadeira, sei que não está interessada em mim. — Ergue as duas mãos na sua frente num gesto de rendição. — Só para saber, não tenho namorada nem sou casado. — Me restrinjo a balançar a cabeça.

— E você?

— Também não tenho namorado e não sou casada.

— Essa não foi a última pergunta que você me fez, mas agradeço pela informação. Quero saber se você vem sempre aqui. — Que raiva do sorriso de deboche que ele estampa no rosto. Involuntariamente, dou um suave soco na lateral do seu braço. — Desculpa, brabinha, mas não podia perder a oportunidade de fazer você ficar vermelha novamente.

Não tenho tempo de responder ao seu comentário, pois o guia começa a dar as primeiras explicações sobre o lugar. O Daniel faz um gesto para que Heitor retorne para seu lado, segurando, na sequência, nos seus ombros. Nitidamente é possível ver o carinho que ele tem com menino e vice-versa.

Tento disfarçar meu interesse por eles, olhando de canto de olho. Daniel é ruivo, deve ter pouco mais de 20 anos de idade, levemente musculoso e os olhos são verdes com um toque de castanho dentro da íris. Possui um ar de leveza, brincalhão, que faz com que você se sinta à vontade ao seu lado, mesmo sem o conhecer.

Se fosse outro momento, poderia até dizer que ele é atraente. Poderia? Ah, para que mentir? Daniel é atraente para caramba, e admitir isso para mim mesma não tem problema nenhum, uma vez que sair com ele está fora de cogitação.

Dou um leve tapinha na minha testa, meio que para me tirar do meio desses devaneios. De onde tirei essa ideia?

Mal percebo o tempo passar e, quando dou por mim, as pessoas já estão caminhando e se dirigindo para o outro lado da construção.

— Não respondeu minha pergunta, vem sempre aqui? — Daniel questiona enquanto nos dirigimos para o local conhecido como prisão.

— Sim. Nem sei quantas vezes já visitei esse lugar. Na realidade, cresci aqui.

— Você morava aqui? Não parece ser tão velha assim. — Seu tom é de brincadeira.

— Engraçadinho — repreendo-o em tom de brincadeira também. — Meu avô trabalhava aqui, então eu vim muitas vezes com ele durante as minhas férias. Agora se tornou um refúgio, um lugar que venho quando quero pensar.

— Você disse que veio no primeiro barco. O que ficou fazendo durante todo esse tempo?

— Pensando... e... ouvindo o vento.

— Como?

— Ouvindo o vento.

— E agora o vento fala?

— Claro que sim! Fala, e muito!

— Estou achando que você é meio maluquinha, menina. — Dá um passo para o lado fingindo que quer manter distância. — Explica isso. Como você ouve o vento?

— Não é algo que posso explicar, só sei que sinto o vento falando comigo. Mas isso é uma história muito grande, não vale a pena perder o passeio para tentar fazer você entender.

— Não, me explica, quero entender.

— Olha, essa parte ali da prisão é muito interessante — falo já dando as costas para ele e indo para junto do restante do pessoal.

Ele não volta a me perguntar nada pessoal no restante do passeio e depois de mais de uma hora andando pela ilha, estamos entrando no barco para retornar ao continente.

Acabo me sentando perto deles e seguimos conversando animadamente.

— Você mora na ilha? — Daniel pergunta quando chegamos mais perto da costa.

— Moro por aí — respondo meio sem jeito e dando de ombros.

— Nossa, bela maneira de falar que não quer conversar sobre assuntos pessoais.

— Não é isso, Daniel. É que moro por aí mesmo. Acabei de mudar e vou ter que me mudar novamente. Ou melhor, essa viagem é justamente para decidir se vou mudar mesmo.

— Essa mudança deve ser bem importante para te deixar tão indecisa.

— Realmente é, muita coisa está em jogo.

— Por isso veio até a ilha? Para ouvir o que o vento tem a te dizer sobre isso?

— Exatamente! — exclamo com a voz um pouco alta demais.

— Conseguiu ouvir a opinião dele?

— Ouvi... Só preciso aceitar.

— Quantos dias ainda fica aqui em Florianópolis?

— Amanhã é meu último dia, meu tempo para tomar uma decisão está acabando. Assim como nosso tempo dentro desse barco. — Levanto e coloco minha mochila sobre o ombro. — Foi um prazer enorme conhecer você, Daniel.

— O prazer foi meu, Jake.

— Heitor, não deixa ele te enrolar, viu?! Tem que fazê-lo pagar a aposta.

— Ah, traidora! Ela tinha esquecido!

— Não tinha esquecido, não, Dani!

— Aproveite o resto dos dias na ilha, Heitor. — Bagunço seu cabelo. — Você também, Dani, divirta-se. Prazer enorme em te conhecer.

Saio do barco sem dar chance para eles se despedirem de mim. Caminho em direção à saída do píer e olho para trás. Ele já saiu e está esperando o Heitor. Daniel olha por cima do ombro e, quando nossos olhares se encontram, sinto uma pontada no meu estômago e uma voz me mandando voltar.

Ele faz um aceno com a mão. Não posso voltar lá! Não posso trazer mais ninguém para dentro desse redemoinho de problemas que estou enfrentando. Ergo minha mão de forma vacilante, fazendo um gesto de tchau também.

Daniel é um cara legal. Em qualquer outro momento, poderia ter aceitado uma aproximação. Mas agora, não posso. Preciso ser apenas mais uma pessoa cruzando a sua vida. Não posso deixar que ninguém se apegue a mim, pois sei o quanto é difícil dizer adeus.

Capítulo 2

O dia amanhece chuvoso. Quase desisto de me levantar da cama. Mas hoje

é meu último dia aqui, não quero desperdiçá-lo deitada dormindo, terei muito tempo para fazer isso daqui para frente.

Meu corpo inteiro dói pela tensão que estou carregando nos ombros nesses últimos dias. Sei que estou me prejudicando fazendo essa viagem, mas preciso disso. Sinto como se estivesse me despedindo da Jake que conheço para incorporar uma que não conheço e não gosto nem um pouco.

Como faço nos últimos dias, levanto, tomo café e me preparo para mais um dia na Ilha do Forte.

Soltando um suspiro triste, sei que hoje é o dia de me despedir da ilha e dessa Jake. Apesar de tudo, sei que meu avô ficaria orgulhoso do que vou fazer. Saio do hotel e em poucos minutos já estou no píer aguardando a saída do barco.

— Bom dia, moça bonita, vai mais uma vez conosco? — questiona um dos responsáveis pelo barco, que está vestido de pirata.

— Sim, mas hoje é o último dia, amanhã termina minhas férias nesse paraíso e é hora de encarar a vida real.

— Aproveita, então, moça!

Passo pela entrada do píer e logo estou embarcando com a ajuda dos rapazes. O barco está quase cheio, por isso me dirijo para parte de baixo e fico olhando o mar, tentando guardar todas as sensações dentro do meu coração.

Poucos minutos depois, começa a agitação da tripulação, com as atividades do passeio. Nos outros dias participei, mas hoje o peso no meu coração é muito grande, quero apenas me preparar para o que farei na ilha.

O barco começa a se movimentar no mar, mas meu olhar está fixo na orla da praia. Estou tão concentrada que nem sinto quando alguém se senta ao meu lado e por isso acabo levando um susto.

— Um chocolate por seus pensamentos. — Uma voz soa perto do meu ouvido.

Viro um pouco assustada e fico totalmente surpreendida.

— Daniel? O que você está fazendo aqui?

— Se falar que foi coincidência você acredita? — Coça a orelha demonstrando seu desconforto.

— Não, cabeçudo — digo entre sorrisos. — Não vou acreditar, mas se te deixa mais confortável, posso fingir que acredito.

— Então finja que acredita. — Faz uma cara de surpresa. — Nossa... Jake? Que coincidência te encontrar por aqui! Você não está me seguindo, né? Meu Deus! É uma *serial killer* e está me perseguindo para me matar!

— Cala a boca, Daniel! — Bato com meu ombro contra o seu — Daqui a

pouco o pessoal vem te socorrer.

— Acho que é apenas coincidência mesmo o fato de te reencontrar hoje. Claro que não estou querendo te conhecer um pouco mais, muito menos porque achei você engraçada e quero descobrir o motivo dessa tristeza nos seus olhos — diz tudo isso me encarando.

—É... Coincidências existem — respondo meio sem graça e volto a encarar o mar.

— Pagou a aposta? — pergunto após alguns segundos de silêncio.

— Ainda não! Você acredita que tive que prometer levá-lo ao Beto Carreiro? Por sinal esse é meu programa amanhã.

— Nossa, deve estar muito contrariado com isso.

— Pois é, essa vida de ser irmão mais velho de um menino que amo muito não é fácil.

O barco para após alguns minutos e pouco a tribulação falando que é para mergulho em alto-mar.

— Vamos? — Ele levanta se equilibrando e estende a mão.

— Não! Nem pensar, tenho medo.

— Sabe nadar?

— Sei... Mas tenho medo, é diferente nadar aqui e nadar numa piscina, né?

— Diferente nada! Aqui a sensação é muito melhor. Vem, estarei do seu lado e cuido de você.

— Negativo, cabeçudo, pode ir que vou ficar sentadinha aqui, só olhando a vista.

— Vai perder a melhor parte do passeio. Faz um favor para mim, então? Pode filmar meu mergulho?

— Ah, sim, claro! — Pego a câmera de sua mão. Ele me explica brevemente como fazer a filmagem. Depois tira a camiseta e me entrega, ficando apenas de bermuda.

— Vamos lá, coloca para gravar, Jake.

— Está bom... gravando. — Faço um sinal de positivo com o dedo.

— Ei medrosa do outro lado da câmera, fique com inveja! — Sai correndo e com um salto mergulha no mar. Fico gravando e após alguns segundos, ele emerge a alguns metros de distância.

— Uhuuu! — Ergue brevemente as mãos e sai nadando para parte traseira do barco para subir pela escada.

Continuo gravando tudo até que ele chegue aos primeiros degraus. Paro de

segurar a câmera com as duas mãos e a mantenho apenas com uma na lateral do meu corpo.

— Medrosa, não acredito que não vai experimentar a sensação.

— Obrigado, mas passo a minha vez. — Estendo a câmera para ele.

— Você deixou a câmera ligada. — Desliga a câmera. — Espero que tenha gravado meu super mergulho.

— Ah, sim, aquele mergulho estilo barrigada? Tudo gravadinho.

— Mas você é danadinha, né? — Ele tenta cutucar minhas costelas com o dedo, mas me desvio rápido. Por causa do movimento brusco, mesmo com o barco parado, sinto uma leve vertigem e cambaleio para trás um pouco tonta.

Num segundo sinto as mãos do Daniel ao redor dos meus ombros.

— Eita, moça! Não é meio cedo para ter bebido? — Me puxa para sentar no banco.

— Estou bem, foi apenas uma leve tontura. — Passo minhas mãos sobre meu rosto para tentar aliviar a sensação de tudo rodando ao meu redor, respiro fundo e fecho os olhos durante alguns segundos.

— Toma. — Abro os olhos e Daniel está me estendendo uma garrafa de água. — Muito calor, possivelmente seja isso.

— Sim. — Tomo um gole da garrafa e desvio o olhar do seu, pois não quero que perceba qualquer tipo de mal-estar na minha voz ou semblante. *Meu tempo está acabando, preciso me decidir logo.*

— Fica sentadinha aí, vou dar mais um mergulho. — Faço um agradecimento silencioso por ele ter saído de perto de mim, me dando a oportunidade de melhorar. Não gosto que as pessoas notem minha fragilidade. De tudo que passo, esta é a pior parte, o olhar de pena.

Daniel dá mais alguns mergulhos e, quando o barco volta a andar, está com a respiração agitada e cansado por ter nadado.

— Nossa, se morasse aqui nessa ilha, seria saradão — diz ofegante.

— Por quê?

— Imagina: nadar, correr na praia... Agora entendo por que os homens dessa ilha são todos bonitões.

— São, é? — Ergo uma sobrancelha de forma inquisitiva.

— Claro que são! — Abre um sorriso. — Admitir que outros homens são bonitos não afeta minha orientação sexual.

— Nem pensei nisso, Daniel...

— Então por que a cara de quem está pensando?

— Estou apenas lembrando os caras que conheço e vendo se tinha razão. E olha, tem toda razão mesmo, só tem homem gostoso nessa ilha.

— Meu Deus! A moreninha tímida está pensando em homens pelados?

— Não, Dani! — Caio na gargalhada. — Para com isso!

— Primeiro me persegue para me encontrar nesse barco, agora fica pensando em homens pelados. Sinceramente, Sra. Jaqueline, achei que era mais sensata.

— É muito engraçadinho, sabia? — Coloco as mãos na cintura para demonstrar minha irritação.

— E você é uma belezinha quando fica com raiva e vermelhinha assim. — Minha boca se abre num “oh” silencioso.

— Por favor, não me mate, estou apenas brincando. — Ergue as mãos em sinal de entrega.

— Não estou vermelha! — Ele apenas balança a cabeça com um sorriso de lábios fechados com um leve biquinho.

— Mas me diga, agora que somos íntimos e já está compartilhando suas fantasias sexuais comigo, me conta por que está indo todos esses dias para a ilha.

Balanço a cabeça dando risada. Esse Daniel é uma figura. Confirmo o que pensei ontem, se fosse em outro momento, seria alguém que quereria manter por perto.

— Primeiro, não compartilhei meus pensamentos.

— Concordo, Jake, não foram pensamentos, mas sim, fantasias sexuais.

— Você é impossível, né?

— A vida é tão curta, gosto de ser feliz, para que ficar carrancudo se podemos sorrir? Se conseguir contaminar as pessoas que são ao seu redor, melhor ainda! Eu, por exemplo, por alguns minutos, senti que a tristeza abandonou seu olhar. — Pega na minha mão e dá um suave aperto. — Posso ser um amigo brincalhão e falar coisas profundas também quando quero ou preciso.

Uma corrente de adrenalina percorre meu corpo. *Caramba! Que cara intenso.*

— O que precisa que seja agora, Jake? Um cara brincalhão para aliviar seus medos ou o cara profundo, que te cativa e faz você compartilhar o motivo dessa tristeza? — Seus olhos estão presos nos meus. Sinto como se suas palavras percorressem todo meu corpo. Abaixo minha cabeça e tento me desvencilhar, quebrando o momento.

— Desculpa, não quis te deixar sem jeito — diz ainda com os dedos ao redor dos meus. Ele se curva e deposita um beijo sobre minha mão. Onde seus

lábios encostam, a pele é atingida por uma descarga elétrica, como se estivesse em carne viva e a sensação é tao forte, que fico sem saber como retomar o rumo dos meus pensamentos.

Por sorte, ele me solta e se apoia na lateral do barco com os dois braços.

— Eu, ahn... — Não quero que perceba como estou afetada, mas é inútil. Por sorte também, ele não faz nenhum comentário da situação.

— Então, o que vai fazer na ilha? — questiona com toda naturalidade, como se o momento anterior nem tivesse acontecido.

— É uma longa história.- Suspiro profundamente.

— Tenho tempo, pode começar.

— Na realidade, não temos tanto tempo assim, porque daqui a alguns minutos vamos chegar na ilha.

— Eu sei, mas vou ficar na ilha com você hoje.

— Por quê?

— Ué, porque quero...

— Daniel, não é uma boa ideia, acho que...

— Não ache, nem perca sua saliva tentando mudar minha ideia, percebi ontem durante a visita que sabe muito mais segredos desse local do que o guia que nos acompanhou.

— Não sei qual sua intenção com isso, Daniel, mas quero deixar claro que não estou à procura de nenhum tipo de relacionamento.

— Também não estou, relaxa, menina. Como disse, quero apenas apagar essa tristeza por alguns momentos. Vai, conta aí, qual é o motivo de ficar o dia todo nessa ilha?

Após alguns momentos de indecisão, não vejo problema nenhum em conversar com ele.

— Bom, na realidade, esta ilha é onde mais me sinto em casa, é como se em cada cantinho tivesse a lembrança dos momentos felizes que passei aqui.

— Como assim? Tenho certeza de que não morava aqui. — Faz cara de assustado. — Não me diga que estamos numa espécie de local, tipo no livro *Outlander*, mas ao contrário, você veio do passado!

— Não! Claro que não. Na realidade, passei minha infância entre essas ruínas. Meu avô trabalhava aqui, te falei ontem. Como morava com ele, quando não tinha aula, essa era minha casa.

— E... seu avô faleceu? — Rapidamente complementa: — Desculpa, mas pela saudade que sinto na sua voz... cheguei a essa conclusão.

— Não precisa se desculpar, ele faleceu mesmo. Quase dois anos já.
— E o fato de vir agora para a ilha significa que precisa senti-lo perto?
— Você é o quê? Psicólogo? Se isso é uma consulta, aviso que não tenho dinheiro para pagar nenhuma sessão.

— Poxa, achei que faria uma graninha extra.— Dá um leve sorriso. — Não sou psicólogo, Jake, na realidade, sou apenas um arquiteto em andamento, mas isso é uma conversa para depois, agora vamos ter que descer do barco e subir aquela escada monstruosa! — Levanta e estende a mão para mim, entrelaçando seus dedos nos meus, me guiando para saída.

Sai antes e me ajuda a desembarcar. Andamos lado a lado até a saída do píer e entramos na fila para pagar a taxa de visitação.

— De novo, ratinha? — Joana, a responsável pelo caixa da recepção pergunta enquanto me dá meu troco.

— Último dia, Joana. — Fico um pouco envergonhada, sentindo seu olhar me examinando.

— Você está bem? Sabe que seu avô te daria uma bronca, né?

— Eu sei, Joana, mas prometo, hoje é o último dia.

— Tenho um pedaço de bolo de banana, depois desce aqui para comer.

— Pode deixar que venho aqui mais tarde.

— Pelo jeito ela conhecia seu avô. — Daniel coloca uma mão na parte de baixo das minhas costas enquanto me empurra levemente em direção à roleta de entrada.

— Sim. — Passo pela roleta.

— Teu avô trabalhou muito tempo aqui?

— Sim. — Estamos caminhando lado a lado em direção às escadas. — Mas me lembro pouco dele trabalhando aqui, pois era pequena ainda. Minhas maiores lembranças são dele como guia voluntário, era nosso refúgio quase todos os finais de semana. Dos 11 aos 16 anos de idade, esse foi o meu mundo.

— Sem ser indelicado, mas já sendo, quantos anos você tem agora?

— Totalmente antiético perguntar a idade de uma dama. — Chegamos na ponta da escada. Coloco as duas mãos na cintura e faço um desafio: — Se chegar no topo da escada antes, conto para você! — Empurro-o de leve com as mãos, que com o susto recua alguns passos. Aproveito que ficou um pouco confuso e disparo na frente, subindo uns bons degraus até ele conseguir assimilar o que está acontecendo.

— Ah sua malandrinha! — Nem olho para trás para saber que ele já está vindo em disparada atrás de mim. Coloco mais força ainda nos meus

movimentos, subindo mais alguns degraus.

De repente, sinto uma tontura. Paro e levo as mãos aos olhos para tentar afastar a vertigem.

— Fraquinha! — Daniel passa por mim sem perceber que estou passando mal. Sobe mais alguns degraus e, quando vê que me ajoelho na escada, só então nota que alguma coisa está errada.

— Jake? — Seu tom é de preocupação. — Tudo bem? — Mal tenho tempo de fazer não com a cabeça quando a tontura piora e pontos pretos nublam a minha visão. Tudo que registro são os braços de alguém me sustentando antes que meu peso ceda e apague totalmente.

Capítulo 3

— Jake! Acorda, docinho... — Ouço a voz suave de longe, infiltrando-se em meus pensamentos. Junto com a voz, sinto que estou pressionada no colo de alguém que acaricia meus cabelos de leve. Aos poucos, lutando contra a letargia de meus movimentos, vou abrindo os olhos, deixando a claridade me atingir lentamente.

Nãos sei como, mas estou no colo do Daniel, que de alguma maneira terminou de subir a escada comigo e sentou na sombra do pórtico na parte de cima.

— Se queria dormir, podia ter falado, tínhamos tirado um cochilo lá embaixo, porque subir com você nos braços quase me matou. — Ele soa brincalhão, mas o vinco que se forma na sua testa demonstra a sua preocupação. — Está bem, Jake?

— Hum... — Passo as mãos no meu rosto, voltando aos poucos. — Sim. Deve ser o calor, subi muito rápido as escadas e... — Tudo que não preciso neste momento é explicar o porquê de ter passado mal. — Estou bem, só preciso de um minuto sentada aqui e logo vou melhorar. — Percebo que várias pessoas pararam e estão me observando.

— Tem certeza, Jake? Está branca feito um fantasma, por um momento achei que...

— Estou bem, Daniel, sério, foi só uma tontura momentânea. — Ele me olha ainda meio desconfiado, mas vejo que seus ombros relaxam um pouco.

— Pode me deixar aqui, vai perder a visita. Eu preciso de alguns minutos apenas. Logo vou atrás de vocês.

— Não, vou ficar aqui com você, temos o dia todo para me mostrar todos

os segredos dessa ilha.

— Não, Daniel, vai lá... Vou ficar bem.

— Não vou, Jake, nem adianta argumentar. — Estende a mão e pega uma garrafa de água. — Olha, toma um pouco de água, deve ser o calor que fez sua pressão baixar agora e antes lá dentro do barco.

— Sim, possivelmente. — Não é de todo mentira essa afirmação. Pego a garrafa e tomo alguns goles de água tranquilamente, fazendo exercícios de respiração para controlar o mal-estar. Após alguns minutos, me dou conta de que estou sentada no colo do Daniel, com a cabeça apoiada no seu ombro e que ele continua acariciando meus cabelos.

É um momento tão doce, tão tranquilo, que por instantes nem penso no quanto isso é inapropriado para duas pessoas que acabaram de se conhecer.

Fecho meus olhos e finjo, por breves instantes, que sou uma pessoa normal, que ele é apenas um namorado me apoiando num momento ruim e que no meu futuro não há nada sombrio e apavorante me esperando.

Nesses minutos que ficamos juntos, tudo que sinto são os braços do Daniel ao redor de mim, sua respiração em meu cabelo, o barulho do mar ao fundo e o sopro suave do vento quanto toca meu rosto.

Tenho que lutar contra o nó que se forma na minha garganta, pois não posso de maneira nenhuma derrubar lágrimas, isso geraria perguntas que não estou com vontade de responder.

— Daniel... — Pigarro. — Estou melhor já. Posso me sentar sem fazer um novo espetáculo.

— Hum... — Ele fica meio relutante de me soltar de seus braços, mas acaba me pegando em seu colo, me colocando sentada ao seu lado e ficamos os dois olhando o horizonte.

— Este lugar é mágico, né? — murmuro baixinho, mais para mim do que para ele.

— Sim... realmente muito bonito.

— Todas as vezes que sento aqui, fico pensando... — Solto uma risadinha e balanço minha cabeça de forma envergonhada.

— Fica pensando? — Ele vira sua cabeça para mim.

— Deixa para lá, devaneios.

— Negativo, fica pensando...? — Ergue seus joelhos e coloca as duas mãos ao redor deles, apoiando sua cabeça de modo que consiga ficar olhando de lado para mim.

— Em quantas pessoas já passaram por esse lugar... não agora, nesses

últimos anos, mas antes, sabe? Quando isso foi construído. — Volto meus olhos novamente para a imensidão do mar à nossa frente. — Quantas pessoas se sentaram aqui e ficaram olhando o horizonte e pensando nas pessoas que deixaram do outro lado do mundo ou até mesmo em algum lugar desse país. Quantos soldados ficaram aqui pensando em suas amadas, sonhando com a chance de vê-las pela última vez. — Solto um suspiro. — Estou divagando, eu sei, mas esse lugar desperta os meus sentimentos, não sei explicar. — Dou de ombros e noto pelo canto do olho que ele continua me observando com um sorriso estampado nos lábios.

— Acho que esta ilha tem algum tipo de magia nela. É loucura, né? — Imito seus movimentos e também abraço meus joelhos apoiando a cabeça para fitá-lo.

— Eu não acho que é loucura. Conheci alguém muito especial nessa ilha, que me despertou sentimentos muito intensos. Então, sim, acho que esta ilha é mágica. — Sinto meu rosto pegando fogo. Ele ergue a sua mão e com o indicador faz um carinho na minha bochecha. — Acho lindo quando fica vermelhinha desse jeito.

— Dani... por favor, não faz isso. — Ele fecha os olhos como se estivesse sentindo dor.

— Fala de novo — diz ainda com os olhos fechados.

— Falar o quê?

— Meu nome com essa vozinha melosa. — Abre os olhos e eles estão brilhando, numa mistura de prazer e desejo.

Quando percebe que não vou falar novamente, abre um sorriso e num impulso se coloca de pé, estendendo a mão para mim, me puxando para que também fique de pé.

— Está melhor? — pergunta ainda me segurando.

— Sim... passou a tontura. — Não passou totalmente, mas o suficiente para saber que não vou desmaiar outra vez.

— Então, minha guia, onde começamos esse passeio? — Ele segura minhas mãos entre as suas, abrindo um sorriso.

— Bom, garanto que esta será a visita com a melhor guia deste local! — Abro um sorriso e, ainda de mãos dadas, começamos a explorar cada cantinho ilha, seguindo os mesmos caminhos que percorri tantas vezes, mas agora explicando cada detalhe para o Daniel, que demonstra real interesse pelo forte e por todas suas particularidades.

Quando já era perto da uma hora da tarde, já tínhamos percorrido todo o

local e nos sentamos embaixo da árvore na lateral do forte, a mesma em que eu estava ontem quando vi o barco se aproximando. Expliquei que essa árvore, na realidade, foi plantada há pouco tempo, mas mesmo assim tem uma beleza tamanha.

Me percebo totalmente relaxada e tranquila na sua presença. Não que tenha problema de fazer amigos, mas sou muito reservada. Principalmente nos últimos tempos, tentei manter distância das pessoas, me isolando no meu mundo particular.

— Percebi que tem uma ligação muito grande com essa ilha, mas sinto que tem algum mistério ainda que está me escondendo — fala enquanto come um dos sanduíches que trouxe para o almoço.

— Não é mistério — falo tranquilamente. — É uma lembrança especial daqui.

— Do seu avô, presumo.

— Sim...

— Seria muito pedir para compartilhar comigo?

Fico olhando alguns segundos para ele e faço um gesto negativo com a cabeça.

— Não, acho que seria bom, na realidade. Compartilhar isso com alguém será especial.

Terminamos de comer nossos sanduíches, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

— Este lugar. — Depois de um período de silêncio contínuo, estico minhas pernas e coloco minhas mãos no chão, apoiadas na parte de trás das minhas costas, fazendo com que eu fique levemente deitada na toalha que estendi. — Como já disse, me traz muitas recordações especiais. — Pelo canto do olho percebo que ele se apoia no tronco da árvore e fica olhando para mim. — Fui criada pelo meu avô e minha avó, o que, por sinal, foi a melhor coisa que minha mãe fez por mim. Minha avó faleceu quando eu tinha 6 anos de idade e minhas lembranças dela são bem poucas, por isso criei essa ligação tão forte com meu avô. Ele não era um simples avô, mas sim, o melhor do mundo! Tudo que sou hoje devo a ele e aos seus ensinamentos. Infelizmente, há dois anos, partiu. Sereno, tranquilo, sem sofrimento. Cumpriu o seu ciclo de vida. Morreu de um ataque cardíaco enquanto dormia. Uns dias antes, nós viemos aqui, sentamos bem aqui neste lugar. Eu tinha acabado de passar no vestibular de História. Não tinha ninguém no mundo mais orgulhoso que ele. E admito que essa paixão foi algo que herdei dele.

Fiquei alguns segundos sem falar nada, apenas revivendo aquele último dia com meu avô nessa ilha.

— Ele estava muito feliz, sentou aqui. — Virei minha cabeça para ele. — Apoiado nessa árvore, comigo sentada perto me aconchegando no seu peito, como se ainda fosse a sua garotinha. Me falou que agora começava uma parte importante da minha vida, mas queria que eu tivesse certeza dos meus passos, não que eu estivesse agindo apenas para agradá-lo. — Sinto meus olhos ficando úmidos pela recordação. — A maior preocupação dele foi sempre com meu bem-estar, minha felicidade. Um pouco da minha decisão de cursar História foi influenciada por ele, mas a paixão que ele despertou em mim é muito maior do que qualquer atitude só para agradar. Consegui explicar isso, ele conseguiu entender, porque o que sentíamos por esse lugar, a magia, mostrou ao meu avô que isso era o que meu coração queria naquele momento.

— Seus olhos brilham quando fala do passado daqui. — Olha ao redor e suspira. — Esse lugar transmite uma paz tão grande, consigo entender esse seu desejo de aprender mais sobre o passado.

— Sim, não sei se pelo isolamento com a terra ou se pela forma como nos sentimos empurrados para o passado. O que sei é que esse lugar era especial para meu avô e se tornou especial para mim também. — Suspiro profundamente. — Quando fomos embora naquele dia, ele estava feliz, realizado. O resto foi tudo tão rápido. Num dia ele estava arrumando as malas comigo para minha mudança, no outro já não estava mais.

Seco uma lágrima silenciosa que rola pelo meu rosto.

— Mesmo tendo passado dois anos, ainda dói falar desse momento. Entendo que a vida é frágil, que estamos aqui com uma missão, que quando o cara lá de cima chama a nossa senha, não adianta fazer nada, tem que obedecer e se apresentar para o momento da passagem — Dou um sorriso tímido. — Mas mesmo assim, nada me impede de sentir uma dor dentro do meu peito sempre que lembro que ele não está mais fisicamente do meu lado.

— Nunca perdi ninguém próximo, não consigo nem imaginar o quanto é difícil.

— Muito, Dani... muito mesmo.

— Isso nos traz a este momento: por que está nesta ilha agora? Sinto que o que está fazendo aqui é muito difícil. Três dias, isso?

— Hum... — Coço a minha testa tentando disfarçar. — Quinto... — falo baixinho.

— Quinto dia, Jake? Nossa! Tudo bem que este lugar acalma, mas cinco

dias sentada apenas olhando o mar?

— Pensando, na realidade.

— Pensando? Vixe... Deve planejar algo muito grande. Está planejando assaltar um banco por acaso? — Solta uma gargalhada.

— Como você adivinhou? — falo em tom de brincadeira.

— Sério, está pensando em quê, Jake?

— Pensando... planejando meus próximos passos.

— Ah, Jake, pare de falar em código.

— Desculpa, Dani, mas basta saber que estou planejando algumas coisas. — Não vou aprofundar esse assunto. — Além disso, também estou aqui para me despedir.

— Da ilha?

— Não, do meu avô. — Ele fica me olhando sem entender nada.

Deito totalmente sobre a toalha que estendi no chão, cruzando minhas mãos atrás da minha cabeça e fecho os olhos.

— Ele queria ser cremado e que suas cinzas fossem jogadas lá embaixo, na praia. — Sinto o peso de seus olhos em mim. — Eu fiz isso... suas cinzas foram espalhadas por toda essa ilha. Por isso que, quando estou aqui, sua presença é tão forte dentro do meu peito que consigo sentir seus braços me abraçando cada vez que a menor brisa sopra.

— Então está aqui para sentir seu avô?

— Também. Mas estou aqui para conseguir sentir o conselho dele. — Suspiro profundamente. — Na verdade, até sei qual é o caminho que ele quer que eu siga. Mas, sabe, sou meio teimosa, difícil de convencer. Por isso ontem ele me deu a confirmação que eu precisava.

— E como foi isso?

— Ontem, quando vi vocês subindo correndo aquela escada, percebi que a vida é maravilhosa demais para deixar que um obstáculo nos atrapalhe a continuar. Sei que meu avô queria que eu fizesse exatamente isso, continuasse sorrindo para vida! — Uma brisa sopra no local e balança suavemente as folhas da árvore. Ainda de olhos fechados, ouço quando ele se levanta e deita ao meu lado.

— Não conheci o seu avô, mas ele me parece alguém muito sábio. Se ele te disse isso, o certo é seguir seu conselho. — Abro os olhos e viro minha cabeça para olhar seu rosto.

— Sim, vou seguir o que ele está me falando, ou melhor, gritando dentro do meu coração. — Daniel estende a mão e toca meu rosto. Fecho os olhos

imediatamente quando sinto o calor de sua pele na minha face.

— Por que sinto tanto medo vindo de você, pequena? — Sua voz é suave.

— Impressão sua.

— Não é não, esse conselho que precisava era algo muito importante, né?

— Tão importante que o rumo da minha vida dependia dele. — Um aperto se faz na minha garganta quando penso no quanto minha vida vai mudar daqui para frente.

— Faculdade? Um amor envolvido?

— Não, nada disso, mas nem adianta perguntar, porque não vou te encher com meus problemas.

— Não é me encher, Jake. Sei lá, não consigo explicar, mas senti algo tão bom quando vi você naquela escada. Sei que parece loucura, mas sinto que preciso entender você.

— É uma loucura mesmo, porque nem eu mesma consigo me entender, sou mulher! E olha, mulher é um bicho complicado.

— Vixe, se é. — Nós dois caímos na gargalhada.

— Vem, deita aqui na minha asinha — fala e abre os braços para mim. Sem pensar direito, deito no seu peito e sou imediatamente invadida pelo seu perfume, uma mistura de cheiro de protetor solar com aroma masculino.

Ficamos deitados durante muito tempo, ele apenas passando seus dedos no meu cabelo. Sou invadida por um sentimento de paz, alegria, de tanta tranquilidade que chego a cochilar após alguns momentos.

Quando desperto, sinto que seus lábios estão pressionando suavemente minha testa.

— Ei dorminhoca, sei que meu peito deve estar superconfortável, mas pensei que podíamos descer até a praia, aproveitar um pouquinho antes do barco chegar.

— Sim, vamos mesmo — respondo com a voz um pouco rouca do despertar. — A praia aqui é bem gostosa, a água é morninha, vai adorar.

Descemos todo o caminho de mãos dadas. Quando chegamos à praia, brincamos como duas crianças pequenas até que percebamos que o barco que vamos pegar carona está quase voltando.

Depois que todos passam na bilheteria, pego o bolo que Joana trouxe para mim e nos sentamos no píer para comer.

— Então, Jake... — ele começa a falar de forma meio vacilante. — Como falei, gostei muito de conhecer você. Pedir seu telefone seria uma boa? — pergunta e ergue uma sobrancelha, dando um sorriso maroto com o canto da

boca.

— Dani, se fosse em qualquer outro momento, daria meu telefone sem problema. Mas agora, neste exato momento, não posso.

— Não pode ou não quer? — Sua voz está magoada.

— Não posso e não quero te envolver no meio dos meus problemas.

— Mas quero ser envolvido, Jake! OU melhor, não é uma questão de querer, simplesmente sinto que já estou envolvido!

— Não... Você parece ser um homem maravilhoso. Só o fato de ter vindo atrás de mim hoje demonstra o quanto está aberto para um relacionamento sério. Mas o problema é o momento que estou enfrentando.

— Tem a ver com o conselho que veio buscar?

— Sim, tem.

— Poxa, não existe nada que eu possa fazer para mudar sua opinião?

— Não... não vou trazer mais ninguém para dentro dos problemas que estou enfrentando.

— Jake, não pode negar que também sente isso que está acontecendo entre a gente. — Pega minha mão e entrelaça seus dedos nos meus.

— Dani...

— Responde: quando pego sua mão assim, não sente nada? — Aperta minha mão e leva até seus lábios depositando um beijo.

— Sinto, não posso negar.

— Então, menina, não foi apenas coincidência nos conhecermos. Sei lá, nunca parei para pensar nessa coisa de destino, mas acho que nosso encontro foi obra dele.

— Dani, não... agora não é o momento.

— Tá ok, agora não, mas quando, então?

— Não sei... daqui a um ano, dois... não sei...

— Ok, eu espero, me dê seu telefone que te ligo daqui a um ano, então.

Balanço a cabeça negativamente.

— O que tiver que ser será.

— Não pode ir embora dessa ilha sem ao menos me dar seu telefone, Jake. Qual a probabilidade de nos encontrarmos de novo?

— Ué, não disse que foi o destino que fez com que nos encontrássemos? Ele se encarregará disso novamente.

— Ah não, pequena, não posso simplesmente aceitar isso. Seria louco se deixasse as coisas assim. Dê seu telefone, prometo que só te ligo daqui a um ano.

— Hum... tenho outra ideia. — Solto minha mão da sua e pego a minha mochila que está no chão. Tiro um livro que estou lendo e uma caneta.

— Escreve seu e-mail na última página desse livro.

— E-mail?

— É...

— Está bom. — Ele dá de ombros e começa a escrever e falar em voz alta.
— Daniel...

— Não! — grito. — Eu disse para escrever.

— Está *boom*. Está bom. Que mulher mandona! — fala brincando e termina de escrever, me estendendo a caneta e o livro.

Sem ver o seu e-mail, abro o livro na primeira folha. Começo a escrever, me certificando de que ele não consiga enxergar. Algum tempo depois, paro e largo a caneta.

— Pronto. Se for vontade do destino, vamos ficar juntos.

— Como escrever meu e-mail num livro e depois você escrever alguma coisa vai garantir isso?

— Espere...

Nesta hora, as pessoas voltam para o barco e entramos juntos para fazer a viagem de retorno ao continente.

Capítulo 4

Sentamos na parte de baixo do barco como de manhã. Fazemos todo o caminho conversando de mãos dadas. Conforme vamos chegando perto do continente, meu coração vai ficando apertado, pois sei que vamos ter que nos despedir.

Descemos no píer e andamos até o ponto de ônibus.

— Jake, por favor, seu telefone.

— Dani, não insista.

— Tudo bem se não quiser um namorado agora, mas quero ser seu amigo, isso me basta por ora.

— Não é nada contra você, entenda... é que... não posso, Dani, desculpa. — Ele solta a respiração de forma grave.

— Como esse livro pode nos unir? — ele pergunta baixinho, como se custasse muito não insistir mais no assunto.

— Bom, seu e-mail está aqui. Eu escrevi uma mensagem para quem pegar o livro.

— Posso ler a mensagem? — questiona visivelmente chateado.

— Não, porque tem meu contato escrito, deixa que eu leio.

"Querido amigo,

Se este livro chegou nas suas mãos, é porque faz parte de um plano muito louco do destino.

É início do ano de 2002 e conheci um rapaz que mexeu muito comigo. Acontece que estou passando por um momento muito complicado na minha vida e não é a hora de começar nenhum tipo de relacionamento com ele, nem mesmo uma breve amizade. Não sei quanto tempo vou levar para colocar minha vida de volta nos eixos, pode ser um ano, dois, três, talvez nunca.

Mas esse rapaz maravilhoso não quis simplesmente deixar ao acaso nosso reencontro, por isso, eu decidi dar uma força para o destino.

Você é parte dessa força, desse plano para nos ajudar.

Está nas suas mãos decidir o rumo da nossa história, e sua participação é muito simples.

Quando esse livro chegar nas suas mãos, primeiro leia todo ele, afinal, cada livro é uma nova janela de felicidade que se abre na sua vida. Depois, você tem a opção de fazer uma das coisas a seguir.

Primeira opção: se achar que chegou o momento de eu dar uma chance para esse rapaz que a propósito se chama Daniel, mande um e-mail para mim, perguntando se quero que você encaminhe o endereço dele que está na contracapa deste livro. Se minha vida tiver entrado no rumo, você me encaminha o e-mail dele, se não, passa o livro para frente.

Segunda opção: se achar que ainda não é o momento, simplesmente passe este livro para outra pessoa.

Não importa qual seja a sua decisão, agradeço imensamente, e saiba que suas ações, serão guiadas pela força do destino,

Uma moça perdida, no lugar mais lindo do mundo

Ilha de Anhatomirim, 18 de março de 2002"

Quando termino de ler, fico alguns segundos segurando o livro nas minhas mãos, sem coragem de olhar para cima. Mesmo que conheça o Daniel há pouco mais de 24 horas, não o deixar entrar na minha vida está doendo muito.

— Jake, não pode deixar a nossa vida nas mãos das pessoas que estiverem com esse livro, é loucura! Ele pode acabar numa prateleira escondido, ou pior, no lixo! Não posso correr o risco de nunca mais te encontrar.

— A vida é uma loucura, Daniel. — Ergo a minha mão e toco sua face. — A vida é uma sucessão de loucuras que, às vezes, dá certo e nos guia para algo bom. Outras vezes dá errado e nos guia em direção ao inferno. — Chego bem

perto de seu rosto e, olhando dentro dos seus lábios, toco meus lábios suavemente sobre os seus, mais como uma carícia do que um beijo propriamente dito.

— Desculpa, Daniel, mas agora estou indo em direção ao meu inferno. Hoje pode parecer errado, mas acredite em mim, estou, na verdade, te protegendo de entrar no inferno comigo. Se for para ficarmos juntos, isso vai acontecer. — Me afasto alguns passos, pois ouço o barulho do ônibus chegando no ponto.- No momento certo.

Ele fica parado no lugar sem se mexer nem dizer nada, apenas me fitando de uma maneira muito profunda. Quando o ônibus chega, olho para ele, dou uma piscada longa com um sorriso tímido.

— Adeus, Dani. — Faço um gesto de adeus, me viro e caminho em direção à porta.

— Até breve, pequena... — Assim que alcanço o primeiro degrau do ônibus, ouço a voz dele nas minhas costas

Lanço um olhar sobre o meu ombro e meneio a minha cabeça. Depois me viro e continuo subindo os degraus. Paro na catraca e o vejo ainda parado no ponto de ônibus. Faço um aceno com a mão, mas ele fica estático, apenas me encarando com muita dor estampada nos seus olhos.

Me sento no final do ônibus. Na realidade, nem precisava pegá-lo, pois estou hospedada num hotel a poucos metros do píer em Canavieiras.

Olho para o livro na minha mão. Concordo com o Daniel, *é uma loucura fazer isso*. Mas trazê-lo para a minha vida é uma loucura ainda maior. Qual a probabilidade de alguém ler esse recado e respondê-lo em algum momento no futuro?

Eu mesma não sei se faria isso...

Mas é destino. Maktub! Se realmente está escrito, vai acontecer!

Quando chego ao terminal, desço do ônibus e fico por alguns momentos observando as pessoas. Posso controlar pelo menos essa parte do plano, entregar o livro para alguém que eu perceba que lerá o recado e o passará adiante.

Vejo uma moça com aproximadamente 20 anos se aproximando e sentando em um banco. Ela tira um livro da mochila. *Bom sinal!*

— Oi, posso sentar? — pergunto quando estou em frente à moça, que abre um sorriso e faz um gesto com a cabeça.

— Desculpa atrapalhar sua leitura, mas posso te pedir um favor?

— Claro — responde ainda sorridente.

— Vi que gosta de ler. — Aponto para o seu livro. — Então, tenho este

livro aqui. Mas não é apenas um livro...

De maneira resumida, conto para ela sobre a missão das pessoas que o receberem.

— Não sabe qual é o e-mail dele? — ela pergunta curiosa.

— Não. Eu poderia olhar agora, mas realmente quero que, caso venhamos a nos encontrar novamente, seja obra do destino mesmo.

— Nossa, vou gostar muito de fazer parte disso.

— Vou deixar o livro com você, e a única coisa que peço é que frise para a próxima pessoa que ela não pode destruir o livro e que deve sempre avisar à próxima pessoa sobre o recadinho.

— Sim, claro, vou deixar isso bem explicado. Nossa, que coisa legal! — Abre um sorriso enorme.

— Ah, vou pedir mais uma coisa: peça para todas as pessoas colocarem o seu contato na capa do livro. Se um dia ele voltar para minhas mãos e a gente acabar juntos, quero ter o prazer de agradecer e informar isso para vocês.

Ficamos mais alguns minutos conversando, o ônibus dela chega e ela vai embora levando o único meio que eu tinha de conhecer o Daniel.

Agora é com o destino.

Tantas coisas precisam acontecer para que possamos nos encontrar, e a principal delas é que eu continue viva.

Capítulo 5

“Quem me dera pudesse compreender os segredos e mistérios dessa vida. Esse arranjo de chegadas e partidas. Essa trama de pessoas que se encontram. Se entrelaçam. E misturadas ganham outra direção.”

Padre Fábio de Melo

Um ano depois...

De: Manuela <manulindinha@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 14 de março de 2003, 13:20

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Livro

Olá, um livro chegou nas minhas mãos, com uma mensagem sua e seu contato. E aí, acha que está na hora de receber o e-mail do rapaz?

Manuela.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 14 de março de 2003, 13:50

Para: Manuela <manulindinha@gmail.com>

Assunto: Re: Livro

Boa tarde, Manuela,

Agradeço o seu contato, mas ainda não é o momento certo para receber esse e-mail. Peço a gentileza de continuar passando o livro e a missão para frente.

Sei que parece loucura, mas acredite, tenho fortes motivos.

Muito obrigada,

Jake.

*

Daniel

Formatura! Nem posso acreditar que este dia finalmente chegou. Foram anos de sofrimento, estudo e muito aprendizado. Mas acabou! Agora é seguir para a próxima fase: vida adulta.

Já tenho os planos daqui para frente todos traçados. Ou melhor, sempre os tive. Quero fazer uma especialização no Canadá. Consegui ser aprovado no programa de bolsa de estudos que coincidiu com a proximidade da minha formatura. Semana que vem já sigo para lá. Minha família ficou um pouco

preocupada, pois será a primeira vez que morarei longe. Mas meus pais entendem e sabem o quanto isso será importante para a minha carreira.

Admito que este ano voou. Porém, mesmo assim, durante muitas vezes, me vi procurando a mensagem da Jake, a menina que conheci em Florianópolis.

Sei que as chances de nos reencontrarmos é remota, eu diria que ínfima. Mas não consigo simplesmente deixar para lá. Toda vez que abro meu e-mail, meu coração falha uma batida. Alguma coisa dentro de mim me diz que aquele encontro não foi ao mero acaso, que nossas vidas vão se cruzar novamente. Desde que nos separamos, me sinto... incompleto. Essa menina mexeu comigo de uma forma que não consigo explicar.

Então, no fundo, sei que vamos nos reencontrar. Não sei o tempo, o dia ou o lugar, apenas sei disso, sinto que ela é minha de alguma maneira. E, mesmo indo para o outro lado do mundo, minhas esperanças ainda são grandes. Tanto que ela foi a única coisa que fez meus planos darem uma balançada.

Eu só vou porque o contato será feito por e-mail. Não importa em que parte do mundo eu esteja, ela vai me encontrar.

E enquanto vou esperando seu contato, vou seguindo com os meus planos, me preparando para traçar um futuro ao seu lado.

Loucura? Sim... mas como a Jake disse, viver é uma loucura que as vezes dá certo!

Oito meses depois...

De: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 28 de novembro de 2003, 20:26

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Isso é sério?

Oie, não sei dizer se isso é sério, porque é muito patético para ser verdade. Mas tenho nas minhas mãos um livro que tem o teu endereço e fala sobre um negócio de destino e tal.

Por mais idiota que isso possa parecer, você quer que eu te mande o e-mail desse cara?

Fernanda.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 28 de novembro de 2003, 21:03

Para: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Assunto: Re: Isso é sério?

Olá, Fernanda,

Isso é ridículo, mas é sério sim.

E por mais absurdo que isso possa parecer, essa é a segunda vez que entram em contato comigo.

Mas infelizmente, ainda não é hora de entrar em contato com ele.

Estou apenas saindo do inferno em que minha vida se transformou nesses últimos anos.

Peço, com todo o carinho, que continue passando esse livro, porque se estiver destinado, vai acontecer.

Obrigada, querida,

Jake.

*

Daniel

— Não! — Solto uma gargalhada. — Você só pode estar roubando, Ana!

— Não estou, Daniel, você que é muito ruim mesmo! — Também dá uma gargalhada antes de amontoar as cartas e começar a embaralhar para a próxima rodada.

Conheci a Ana há pouco mais de 3 meses, quando ela se mudou para o apartamento ao lado do meu. Somos os únicos brasileiros no prédio universitário todo, então foi natural a nossa aproximação.

Enquanto estou cursando Especialização em Arquitetura, a Ana está se especializando em Bioquímica. As áreas diferentes não impediram nossa empatia imediata. Foi preciso apenas um ou dois encontros para começarmos a namorar e passar todos os momentos possíveis juntos.

A sensação de cometer um erro ao ficar com ela me perturba, mesmo assim embarquei de cabeça no relacionamento. Sinto como se estivesse... traindo a memória da Jake. Só que ao mesmo tempo, sei que possivelmente nossos caminhos nunca mais se encontrarão. As chamas da esperança foram morrendo, morrendo e *quase* se apagaram. Pois isso, por ora, não tenho a preocupação com a nossa volta para o Brasil. Aqui no Canadá, somos apenas duas pessoas curtindo uma à outra.

— Mais uma peça e fico completamente pelado! — digo enquanto tiro a calça.

Sim, nós estamos jogando *strip poker*. Que atire a primeira pedra quem nunca jogou!

E sobre e-mail? Mesmo quase sem esperanças, Continuo perdendo batidas do coração toda vez que o abro.

Capítulo 6

Um ano depois...

De: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de novembro de 2004, 01:40

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Isso é sério?

Oie, mandei um e-mail para você há quase um ano e você respondeu que não era o momento.

Não insisti, afinal, é sua vida, não a minha.

Mas preciso admitir que me deixou bastante incomodada e grilada com essa história maluca e não consegui passar o livro para frente.

Peguei ele tantas vezes na mão para entregar para outra pessoa, mas não conseguia! Foi mais forte que eu, por isso, se alguém for responsável por algo, que seja eu. Quero ser mais importante que esse tal de destino aí.

Hoje acordei decidida a tentar mais uma vez.

Você quer o e-mail dele agora?

Fernanda.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de novembro de 2004, 06:29

Para: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Re: Isso é sério?

Olá, Fernanda,

Nossa, você se envolveu mesmo na história, hein?

Preciso admitir que muitas vezes reabri seu e-mail e fiquei com vontade de escrever de volta e perguntar se você tinha anotado o contado dele.

Mas depois, pensava e desistia da ideia, afinal, teria que ser o destino a fazer alguém entrar em contado, não eu.

Ao mesmo tempo que quero muito, mas muito mesmo voltar a conversar com esse homem, tenho medo de que o peso da minha amargura e insegurança acabe trazendo dor e sofrimento à vida dele.

Posso pedir um conselho?

Sei que não te conheço e que pode ser meio maluca (só o fato de ter guardado o livro já prova isso). Mas mesmo assim, vou me arriscar e quero seu

conselho. Se fosse você, faria o quê?

Manteria a distância para não o fazer sofrer ou arriscaria tudo e tentaria encontrá-lo?

Jake.

*

De: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de novembro de 2004, 07:51

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Isso é sério?

Não disse que teria um papel decisivo nessa história? Está cada vez mais emocionante!

Minha resposta Claro que arriscaria tudo!

Não temos certeza de nada na nossa vida, tudo é uma incógnita.

Arrisque-se! Toda nossa vida é um risco! Só vamos longe quando decidimos ousar e arriscar. Se optar apenas pelo que é seguro, vai perder grandes oportunidades de conhecer coisas e pessoas maravilhosas.

Corra atrás dele, sua boba!

Fernanda.

Obs: encaminho o e-mail? (dedinhos cruzados.)

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de novembro de 2004, 08:10

Para: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Isso é sério?

Olá, Fernanda,

Meu Deus, que eu não me arrependa, mas sim!

Manda o e-mail dele que vou fazer o contato!

Jake.

*

De: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de novembro de 2004, 08:23

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Isso é sério?

Ai meu Deus! Ai meu Deus!(SIM, ESTOU PULANDO E GRITANDO

AQUI)

Que emoção, estou tão ou mais ansiosa que você.
Promete que me mantém informada de tudo?
Preciso muito saber o desfecho dessa história!
Segue o tão esperado e-mail

danielsoranso80@gmail.com

Um grande beijo e se jogue com tudo, querida!
Fernanda.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de novembro de 2004, 08:25

Para: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Isso é sério?

AI MEU DEUS!!

VOCÊ MANDOU O EMAIL DELE MESMO!

O QUE VOU FALAR?

SERÁ QUE ELE LEMBRA DE MIM?

SURTANDO EM 3,2,1...

Obs: a caixa alta é porque estou gritando mesmo.

Jake.

*

De: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de novembro de 2004, 08:32

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Re: Isso é sério?

Não sei o que vai falar, só sei que vai me contar todos os detalhes, hauha
Beijos, minha mais nova melhor amiga.

Fernanda.

Obs: Se fosse eu, mandava uma foto minha pelada. O cara ia gamar e viria correndo para meus braços!

*

Daniel

Malas prontas para retornar ao Brasil. Claro que estou com saudades de casa. Mas as últimas notícias nublaram um pouco o brilho desse retorno. Não que descobrir que vou ser pai seja algo terrível. Mas se levarmos em conta que a Ana se mostrou uma pessoa muito diferente daquela do início do namoro, daí, sim, é um grande problema.

Estávamos praticamente terminados quando ela chegou com essa notícia. Primeiro, achei que era algum joguinho para me convencer a voltar. Mas quando ela me levou junto ao médico e ouvi os batimentos do bebê, a ficha realmente caiu.

Conversei com a Ana, que ajudaria a criar a criança e arcaria com todas as despesas, só que ela foi categórica. Ou nos casaríamos e criaríamos a criança juntos ou ela faria um aborto.

Não preciso nem dizer qual foi minha decisão, né?

Voltaremos para o Brasil nesta semana e nos casaremos logo em seguida. Meu único desejo é que Ana absorva o papel da maternidade e mude suas atitudes. Na verdade, amadureça. Não que eu seja correto e não possua nenhuma falha. Mas eu, pelo menos, tenho maturidade de entender e aceitar esses pontos negativos e buscar corrigi-los.

Infelizmente, a Ana não admite que precisa mudar. Só que agora é tarde demais para arrependimentos, eu não devia ter confiado cegamente que ela estava tomando pílula. Agora, é encarar e seguir em frente, pois essa criança é minha responsabilidade também. E como minha responsabilidade, vou fazer o possível para que esse casamento dê certo e possamos construir um ambiente saudável para essa criança que está a caminho, afinal, mesmo não sendo o momento certo, sinto que meu mundo já gira em torno dessa sementinha que cresce dentro a Ana e já segura meu coração apertado nas suas mãozinhas.

Capítulo 7

Daniel

Chegamos ao Brasil há vinte dias. No meio de toda a euforia de me acostumar com o fuso horário e o clima do país, ainda tive que correr atrás das últimas papeladas do casamento que acontecerá amanhã. Será apenas o casamento no civil, depois uma recepção simples, em casa mesmo, apenas para nossas famílias para celebrar tanto o nosso casamento quanto a nossa volta.

Estou sentindo a Ana realmente envolvida, comprometida em fazer o nosso casamento dar certo. Inclusive, me surpreendi em diversos momentos por suas

atitudes. Isso me deixa muito feliz, pois, apesar de não existir aquele fogo todo entre nós do início do relacionamento, existe o respeito, e isso é um grande passo em qualquer casamento que quer dar certo.

Já estou trabalhando na empreiteira do meu pai e estou responsável por pequenos projetos de arquitetura, para aos poucos começar a entender a cabeça dos nossos clientes e poder ir aplicando os conhecimentos que obtive na especialização no Canadá. Profissionalmente, não poderia estar num melhor momento na minha carreira. Ganhei de presente de casamento um apartamento dos meus pais. Pequeno, mas o suficiente para começar a nossa vida. Decoramos de forma simples, mas aconchegante, e esta é a primeira noite que durmo aqui.

Depois de tomar um banho e deitar na minha nova cama, pego meu notebook para olhar os meus e-mails e redes sociais. Devido à correria dos últimos dias, sequer tive tempo para isso.

Abro meu e-mail e noto que está cheio de mensagens de alguns amigos do Canadá questionando sobre como está o meu retorno. Vou abrindo e respondendo cada um deles, até chegar em um que desconheço o destinatário.

Quando abro a mensagem, meu coração, que não estava preparado para tamanha surpresa, quase tem um treco de tanto que pula no meu peito.

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de novembro de 2004, 11:41

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Livro viajante!

Olá, Daniel!

Espero que este e-mail chegue num ótimo momento da sua vida.

Mas espero, sinceramente, que apenas o título já seja o suficiente para te fazer lembrar de mim! Sou a Jake, aquela moça meio maluca que você conheceu na Ilha de Anhatomirim há uns três anos e que escreveu nossos contatos num livro e deixou ao destino a tarefa de nos aproximar novamente. Ok, ok, meio maluca, não, totalmente maluca!

Você acredita que a ideia do livro deu realmente certo e houve contato de pessoas? (Claro que acredita, como mais eu teria seu e-mail, né?!)

São tantas coisas para conversar com você que nem sei por onde começar.

Muita coisa mudou na sua vida nesses três anos que não nos vemos? A faculdade tenho quase certeza de que já terminou.

Estou muito feliz por ter criado coragem de enviar essa mensagem para você. A tempestade que estava sobre minha vida abrandou, não resolveu, mas digamos que agora estou passando por um período de calmaria que eu espero

com todo meu coração, continuar assim.

E você? Como está?

Aguardando ansiosa por notícias suas,
Jaqueline.

*

Preciso reler novamente várias vezes para acreditar no que meus olhos estão vendo. Depois de mais de três anos, quando já tinha me esquecido da Jake, ela me manda um e-mail! Quão surreal isso é?!

Fico estático encarando a tela do notebook tendo noção do quanto essas simples palavras mexeram comigo. Foram apenas três anos, mas olhando para trás, sinto que aquele Daniel que encontrou a Jake naquela ilha soa para mim hoje como um desconhecido. Aquele sorriso leve que tinha, aquela jovialidade e aquela força de viver estão enterradas embaixo de decisões erradas que tomei e que afetaram muito a forma como persegui alguns sonhos.

Queria afirmar que não sei quem é essa menina, que esqueci completamente das sensações que ela me desperta, mas não posso mentir para mim mesmo, esperei por esse e-mail durante meses! E mesmo depois de parar de abrir meus novos recebimentos com expectativa, meu subconsciente continuava a querer isto, um e-mail da Jake na minha caixa de entrada. E agora que esse desejo se realizou, não sei o que devo fazer.

Devo responder? O que buscava desse contato com a Jake? Uma amizade? Foi isso que propus a ela quando não quis manter contato. E agora, isso bastaria? Não posso mentir que muitas e muitas vezes imaginei os seus lábios sobre os meus como naquele breve selinho que trocamos. A única diferença é que antes dela se afastar, eu a puxo para meus braços, nos beijamos e terminamos os carinhos num hotel, conhecendo todos os segredos que aquele corpo esconde. Mesmo agora, quando apenas leio as suas palavras, minhas palmas da mão estão suando e meu coração está acelerado!

Não posso me deixar levar, não é prudente me envolver com a Jake agora. Se ela tivesse aparecido alguns meses antes, tenho certeza de que, mesmo a quilômetros de distância, teria me afastado da Ana, pois a conexão que existe entre nós dois é muito forte. E é por isso que não devemos nos envolver agora. Estou casando amanhã. Tenho um filho a caminho. Um casamento começando. Preciso realmente me dedicar em fazer esse relacionamento dar certo.

Cogito a hipótese de explicar isso a Jake. Talvez consigamos manter apenas um relacionamento platônico entre nós. Mas desisto, pois, mesmo antes de fazer isso, fico me perguntando onde ela está, como ela está, se continua linda como

da última vez que a vi. O que sentiria se a visse outra vez.

E se nos encontrássemos apenas para conversar? Talvez... talvez... talvez...

NÃO! Não posso fazer isso. A mais simples aproximação nossa será um fracasso para meus esforços de fazerem meu casamento dar certo. Seria uma traição, e começar um relacionamento assim não é o melhor caminho.

Antes que acabe sucumbindo ao coração, clico em responder e deixo a razão tomar meus dedos, traduzindo em palavras aquilo que sei ser o certo, mas que vai me quebrar por dentro ao escrever.

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 02 de dezembro de 2004, 20:35

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Livro viajante!

Olá, Jake!

Nossa, achei que nunca mais ouviria falar de você!

Respondendo a sua pergunta, estou bem. Já estou formado, sim, casado e com um filho.

Fico feliz que, seja lá qual tenha sido o problema que enfrentou, tenha resolvido e as coisas estejam mais calmas na sua vida.

Peço desculpas pelo breve e-mail, mas minha vida está bastante corrida.

Faço votos de felicidade e saúde,

Daniel.

*

Simples, direto e sem dar qualquer esperança.

Espero que seja suficiente para não ter uma resposta. Porque se ela escrever novamente, não sei se conseguirei calar o coração e fingir indiferença outra vez.

Capítulo 8

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 02 de dezembro de 2004, 21:03

Para: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Assunto: Pé na bunda

Eu deveria gritar com você, falar que essa dor pela rejeição que estou sentindo agora é tudo culpa sua. Mas sabe o que é pior? Não consigo ficar com raiva de você!

Deixa eu explicar para você o que aconteceu.

Mandei para ele um e-mail e recebi de resposta um "Sai para lá, sua louca,

sou casado e tenho um filho”.

Por um lado, foi fofinho ele deixar claro que nosso momento passou, que agora ele é um homem casado. Mas por outro, me senti insultada! Poxa, ele mesmo disse que poderíamos ser só amigos, não insinuei que queria nada mais que isso!

Sou mesmo uma idiota. Onde estava com a cabeça em pensar que, depois de três anos de silêncio, o cara se lembraria de mim, e pior, responderia minha mensagem com diversos corações?!

E nem consigo culpar você, péssima amiga!

Agora terá que trocar e-mails comigo para levantar minha autoestima que está destruída!

Com o coração partido,
Sua péssima amiga,
Jake.

*

De: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 02 de dezembro de 2004, 22:20

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Pé na bunda

Como assim ele deu um pé na sua bunda?

Não acredito!

Fantasiei durante mais de um ano como seria romântico quando você mandasse uma mensagem e, ao invés disso, ele te dá um pé na bunda? Esse não foi o príncipe que idealizei nos meus sonhos!

Poxa, fiquei muito mal agora.

O que você vai fazer sobre isso, deixar assim?

De uma amiga indignada,
Fernanda.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 02 de dezembro de 2004, 22:28

Para: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Pé na bunda

O que posso fazer, Fer?

Mandar uma mensagem dizendo que não aceito o pé na bunda e quero ser sua amiga? Não mesmo, por mais chateada que esteja (sim, estou muito chateada), não farei isso.

Ele tem todo o direito de não querer contato comigo. Olha o que fiz com

ele, deixei nossos endereços num livro que poderia ter sumido no mundo!

Não aceito sua decisão, mas entendo a posição dele.

Vou lá comer mais um pote de sorvete e assistir um filme triste para poder chorar sem culpa.

De uma amiga chateada,

Jake.

*

De: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 02 de dezembro de 2004, 22:53

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: O que aconteceu entre vocês?

Admito que estou comendo chocolate e assistindo pela centésima vez o filme *Coração Valente*. (Amiga, já aviso que não aceito críticas sobre esse filme, pois ele é o melhor do universo todo.)

Mas não consigo parar de me perguntar qual é a história de vocês. Seria muito enxerida se pedisse para você me contar?

Afinal, sou uma parte muito importante nesse pé na bunda que recebeu, nada mais justo em saber qual é a história existente atrás desse bendito livro.

De uma amiga curiosa,

Fer.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 02 de dezembro de 2004, 23:24

Para: Fernanda <fernadinha@gmail.com>

Assunto: Re: O que aconteceu entre vocês?

PARRRAAAAAA TUUUDDDDDOOOOO!!!

Encontrei minha alma gêmea! Sério que você gosta desse filme? Se você falar que gosta do filme *Um sonho de liberdade*, descubro onde você mora e vou te dar um beijo!

Minha história com o Daniel?

Bom, não foi bem uma história, não deu tempo para isso. Foi mais um lance. Basicamente, nos conhecemos num final de semana. Eu estava tomando uma decisão muito importante na minha vida, em Florianópolis, para ser mais exata, na Ilha do Anhatomirim.

Nossa atração foi imediata, ele deixou transparecer seu interesse, eu disse que aquele não era o momento, escrevi a mensagem no livro e depois deixei ele num terminal rodoviário para que o destino, caso fosse essa a vontade, se

encarregasse de nos reunir novamente.

Passei três anos querendo reencontrá-lo, mas os problemas que estava enfrentando eram grandes. Eu não queria trazer ninguém para o meio deles. Quando finalmente criei coragem de escrever, ele está casado e com filhos.

Pensando agora, talvez a decisão de me afastar tenha sido a correta, afinal, ele está casado. Se está casado, está feliz. Se está feliz, é porque foi feita a coisa certa, concorda?

Agora é bola para frente.

Mas diga, como esse livro chegou nas suas mãos?

Bjinhos,

Jake.

*

Capítulo 9

Afinal, seria sorte ou azar encontrar algo tão real que está fora de alcance? E se você o procurasse nesse mundo insano e selvagem, e o encontrasse, se atreveria a deixá-lo ir embora?

Autor desconhecido

Dois anos depois...

Jake: Fernanda, que horas você chega em casa hoje?

Fernanda: Oi, Jake, perto das 9, modiquê?

Jake: Modiquê, senhora espertinha? Que combinamos de fazer a faxina de Natal hoje!

Fernanda: Vixe, esqueci que tenho uma reunião daqui a pouco.

Jake: Reunião o cacete! 9 horas em casa, se não, nada de jantinha nos próximos dias!

Fernanda: Chantagem, Jake? Eu te odeio, sabe disso, né?

Jake: Chantagem sim. Te amo também, preguiçosa, até depois.

Largo o telefone depois de trocar mensagens com minha colega de apartamento. Por acaso, ela é também minha melhor amiga. Começo a limpeza, preparando para a ceia de Natal.

Eu, como em todas as datas comemorativas, opto por ficar de plantão para

que os outros funcionários possam festar com seus familiares. Por isso, nós vamos comemorar com nossos amigos numa ceia amanhã à noite. Depois, eu trabalho e a Fernanda vai para a casa de sua família. Isso faz com que eu não me sinta sozinha e ela não se sinta culpada por me abandonar.

Depois de limpar o banheiro e organizar meu quarto, começo a ajeitar a sala. Quando vou tirar o pó da estante, vejo meu notebook em cima do sofá. Não resisto e acabo fazendo uma pausa para ver meus e-mails.

Com todos os acontecimentos e as mudanças da minha vida depois do falecimento do meu avô, de alguma forma, a Fernanda ter acabado com o livro foi um milagre. Não achei um grande amor por meio dele, mas achei minha melhor amiga. Pode ter que esse tenha sido o propósito de Deus? Talvez. Sei que a Fernanda apareceu no meu caminho na hora certa. Somos mais que amigas, somos irmãs de alma. Ninguém me entende como ela e vice-versa.

Quando me lembro da forma que nos conhecemos, é impossível não me lembrar do livro e com isso também do Daniel. Depois daquele fora monstruoso que recebi, nunca mais tive quaisquer notícias dele. Várias vezes, quando abri meu e-mail, senti aquela pontadinha de esperança de que teria na caixa de entrada uma mensagem sua. Mas, nesses mais de dois anos que transcorreram da data da sua resposta, não recebi nada, nenhuma palavrinha se sequer. Se ainda tenho esperanças? É impossível desistir, a conexão que tenho com o Daniel é estranho de explicar, é forte, complexo e imutável.

Sento no sofá e pego meu notebook, abrindo minha caixa de entrada e passando meus olhos por todas as mensagens. Vejo muitas de meus amigos desejando Feliz Natal, e por isso, quase deixo uma passar em branco no meio das outras. Quando vejo o destinatário, meu coração dá um pulo no peito. Preciso olhar duas vezes para acreditar no que estou lendo.

Um e-mail do Daniel? Depois de tantos anos? É isso mesmo?

— Não acredito! — dou um grito. — Pensei nele agorinha!

Sem acreditar em tamanha coincidência, abro a mensagem e passo meus olhos apressadamente sobre as palavras.

— Quê?! — Sinto um soco na boca do estômago. — Um e-mail institucional?

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: sábado, 23 de dezembro de 2006, 09:00

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Feliz Natal e Próspero Ano Novo

Queridos amigos, familiares e clientes,

Mais um ano que se finaliza, e só temos que agradecer por todas as graças e bençãos recebidas, e, nesse ano que foi tão especial na minha vida, não poderia deixar de compartilhar com vocês o quanto sou agradecido.

Sem dúvida, a cada ano de nossas vidas, aprendemos com nossos erros ou nossas vitórias.

E o importante é saber que todos os dias vivemos algo novo, que nos fará crescer e nos edificar cada vez mais, nos preparando para enfrentar os grandes desafios que a vida nos impõe.

Que nesse novo ano que se inicia, possamos viver intensamente cada momento com muita paz e esperança, sabendo que a vida é uma dádiva e cada instante é uma benção de Deus.

Apesar de encaminhar esse e-mail para várias pessoas, saiba, que o sentimento de gratidão por você ser parte da minha vida é verdadeiro e que és muito especial para mim.

Desejo a todos vocês, amigos, familiares e clientes, votos de Feliz Natal e um Ano Novo repleto de paz e felicidade.

Que em 2007, todos os seus planos possam ser concretizados,

São os meus mais sinceros desejos,

Daniel Soranso

Arquiteto Chefe

Construtora Soranso

*

Decepção. Releio o e-mail. As palavras na tela dançam em frente aos meus olhos marejados.

Fico paralisada olhando a tela do notebook. Por que sinto esse gosto de decepção na minha boca? Porque esse sentimento de traição está queimando no meu peito?

— Burra! Burra! — Dou alguns tapas na minha testa.

Onde estou com a cabeça? Claro que ele não mandaria um e-mail para mim depois das palavras do último contato. Ele é casado, tem filhos, é feliz e super bem-sucedido. Por que se lembraria de uma menina patética que conheceu numa ilha e que não quis se envolver com ele?

Mesmo lutando contra, não consigo impedir que algumas lágrimas escorram pelo meu rosto. Porque as coisas na minha vida precisam ser sempre assim? Estava tudo bem, ou quase bem. Eu quase nem lembrava mais. Mas aí ele vem e, de alguma maneira, descubro que, depois de dar um chega para lá em mim, ele guardou meu e-mail entre seus contatos. E pior, me incluir numa lista

de “pessoas especiais”.

— Por quê? — resmungo.

Esse e-mail faz com que eu me sinta traída. Preferia a ideia de ele ter simplesmente excluído minha mensagem, que após ele ler, ela tivesse passado despercebida e ficasse esquecida na sua caixa de e-mail. Saber que estou salva, de alguma maneira, entre os seus contatos e que ele não se dignou a escrever uma linha sequer, em dois anos, me deixa magoada.

Mas que direito tenho de sentir isso? Não sou nada dele! Só que... devia ser... Poxa, o livro chegou nas minhas mãos, Como ele pode simplesmente ter ignorado esse fato?

— Daniel, poxa, foi o destino! — Seco as lágrimas no meu rosto e tentando me acalmar, respiro profundamente.

Mas em vez de me acalmar, fico ainda mais irritada. Meus próximos atos são feitos no impulso. Movida por um sentimento de raiva e frustração, e, agindo puramente motivada por esses sentimentos, só me dou conta de que o respondi depois que clico no botão de enviar.

Fico olhando para a tela do notebook já sentindo o arrependimento gritando na minha cabeça.

Ainda estou pensativa quando a porta do apartamento abre e uma muito barulhenta Fernanda entra.

— Pronto, sua chata, cheguei! — ela berra enquanto joga seus tênis no canto da sala.

— Oi, Fer — falo sem muita empolgação.

— Oi... O que foi? Que cara é essa? Esqueci de pagar a internet outra vez?

Este é um dos problemas de ter uma melhor amiga, ela sabe o que estamos sentindo antes mesmo que possamos abrir a boca, basta um olhar e *puff*, nos entregamos.

— Não esqueceu de pagar nada dessa vez. Na verdade, eu que fiz uma besteirinha... — respondo envergonhada.

— Que besteirinha? Não me diga que ligou para aquele escroto do Mateus! Você prometeu que não daria outra chance para ele, Jake!

— Não é isso. Eu disse besteirinha, não asneira ao quadrado! — falo entre sorrisos.

— Ufa. — Se joga no sofá. — Qualquer coisa pode ser superada, menos isso! O que fez?

— Respondi um e-mail... — falo olhando para o outro lado e fingindo que minhas palavras não são nada de mais.

— E? Por que isso é uma besteira?

— Porque... — Coço minha bochecha e começo a mexer no teclado tentando fingir que estou distraída e também para não ter que encará-la. — Era um e-mail do... Daniel.

— Daniel? — Franze a testa e arregala seus olhos quando percebe de quem estou falando. — Puta merda! — Ela senta apressada dando um pulo no sofá. — Aquele Daniel? O teu Daniel?

— Não é o meu Daniel, Fer. Mas, sim, é aquele Daniel.

— Como assim? Ele te mandou um e-mail? Por que eu não estava sabendo disso?

— Porque só vi há pouco mais de meia hora? — respondo em tom de pergunta. — Ai, Fer, estou com muita raiva!

— O que ele escreveu para deixar você assim, com essa raiva? — questiona ansiosa.

— Nada. Você acredita que o idiota me mandou um e-mail junto com os outros contatos? Desejando Feliz Natal?

— Tá. E o que tem isso?

— Um e-mail daqueles que mandamos para os amigos, colegas de trabalho e clientes! Mas ele deixou claro que as pessoas que estavam recebendo eram especiais.

— Tá! Continuo sem entender ainda.

— Não é muita prepotência dele me chamar de qualquer uma dessas coisas? Quando quis ser sua amiga ele não quis, agora descubro que ele tem meu endereço salva numa bendita lista de pessoas especiais e me ignorou por dois anos! Dois malditos anos que meu e-mail estava ali, a um clique dele! E ele fez o quê? Me esqueceu, me ignorou!

— Espera. Deixa eu ver se entendi. Você está com raiva dele porque ele não te escreveu antes? Isso?

— Não! Estou com raiva porque ele me escreveu agora! — retruco.

— Jake, você está tomando algum remédio diferente? Se estiver, vamos correndo para o médico, pois está tendo efeito colateral.

— Fer, é sério! Poxa... Ele tinha meu contato e não me escreveu porque não quis. Agora descubro que, de alguma forma maluca, em vez de excluir meu e-mail, estou salva entre os contatos dele? Em qual lista? Dos amigos? Das pessoas que devem ser ignoradas? Das pessoas que não merecem atenção?

— Jake, por que ele teria que excluir seu contato? Você não pediu isso para ele.

— Mas ele deixou claro que era para eu sumir!

— Não foi bem assim, Jake. Foi um mal-entendido. Vai saber o que aconteceu?

— Não quero saber se foi um mal-entendido. Você, melhor do que ninguém, sabe o quanto odeio ser ignorada, deixada de lado. Posso ser esquecida. Mas não ignorada, Fer...

— Oh querida... Daniel não sabe do seu passado. E tenho certeza que não fez isso de propósito. Ele não quis te escrever antes e deixou claro que não quer nada com você. Esse e-mail foi um engano.

Suspiro profundamente.

— Isso me magoou tanto Fer, não consigo nem expressar em palavras o quanto estou chateada. Me diga, Fer, por que não consigo esquecer ele? Como isso pode mexer tanto comigo?

— Não sei, querida. Eu ainda acho que a história de vocês não acabou. Precisa se acalmar para não fazer algo precipitado e acabar se arrependendo.

— Tarde demais para isso. — Sussurro e sinto o rosto vermelho quando lembro a minha resposta.

— Isso nos leva a uma pergunta muito importante. O que você respondeu?

— O que respondi? — Viro a tela do computador para ela. — Leia aí...

Ela desliza os olhos sobre as palavras que digitei e conforme vai avançando, vejo a expressão do seu rosto mudar de curiosa para escandalizada.

— Jake! — exclama. — Sua maluca! — Cai na gargalhada.

— Exagerei?

— Não, querida! — fala entre sorrisos. — Qualquer resposta diferente disso não seria você. E depois, não tem mais volta, né?

— Não tem mesmo. Minha esperança é que se perca no meio das respostas que ele receber.

— Sabe o que devemos fazer?

— O quê?

— Terminar essa bendita faxina e sair para beber para esquecer isso!

— Isso aí, aproveitar que estou de folga amanhã.

— Bora terminar essa faxina de uma vez, então! — fala me puxando para um abraço apertado. — Conta comigo sempre, viu?

— Eu conto, sempre!

— Eu te odeio, sabe disso, né? — sussurra baixinho.

— Eu te odeio mais, Fer... — respondo com um sorriso no rosto.

Capítulo 10

Daniel

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: sábado, 23 de dezembro de 2006, 11:14

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Re: Feliz Natal e Próspero Ano Novo

Olá, homem casado e com filho, ou filhos? Não sei ao certo.

Ressurgiu dos mortos?

Creio que tenha encaminhado esse e-mail por engano, pois não sou sua cliente, família e muito menos sua amiga, e por isso não teria motivos para fazer parte dessa lista de pessoas especiais.

Mas, como sou uma pessoa muito delicada, educada e ponderada, não vou encarar essa sua gentileza como uma "cantada", como algumas pessoas poderiam fazer.

Faço votos de um ano muito próspero, com muitos filhos e que seu casamento continue muito feliz.

De uma menina que não quer agarrar todos os homens e que ainda acredita na existência da amizade entre pessoas de sexos diferentes,

Jake.

Ps, altere a lista em que meu e-mail esta inclusa, tirando ele da lista de pessoas especiais, e colocando na lista de mulheres loucas que preciso manter distância.

*

Que menina petulante! Acabo a leitura com um sorriso no rosto. De onde ela surgiu? Como fui mandar esse e-mail para ela? Não sei explicar! O melhor é pedir desculpas. Clico em responder, mas nem começo a digitar e sou interrompido pelos gritos vindos da sala.

— Priscila! Quantas vezes preciso falar para não pular em cima do sofá? — Ouço enquanto caminho apressado em direção das vozes.

— Manhê, pala! — Priscila choraminga.

— Que saco, menina! Você não consegue ficar um minuto sem aprontar, né? — Ana puxa o braço da Priscila para que ela desça do sofá.

— Ei, ei, calma, Ana! — falo apressado quando chego perto das duas, já puxando a Priscila para o meu colo.

— *Calma, calma*, você sempre protegendo essa menina.

— Não é questão de proteger, ela está errada em pular. Mas gritando e puxando o braço dela desse jeito não vai resolver nada. Pelo contrário, pode acabar a machucando!

— Ah sim, sou um perigo para a segurança da sua princesinha. Por isso ela é assim, você trata como se fosse de cristal!

— Ana, ela tem um ano e meio, acha que tem consciência do que faz?

— Não aguento mais essa menina, não posso ter um segundo de sossego, são vinte e quatro horas por dia correndo atrás dela! Se soubesse que era assim, tinha abortado!

— Ana, cala a boca! — esbravejo e aperto minha filha nos braços. — Eu até entendo que você está estressada, que seus dias estão difíceis, mas juro, se você falar mais uma vez isso, quer seja na frente dela ou em qualquer lugar, vai se arrepender!

— Vai fazer o quê? Me bater?! — grita colocando as mãos na cintura de forma debochada e em forma de desafio.

— Nunca faria isso! Nem como você e nem com qualquer mulher! Mas existem formas muito piores de ferir uma pessoa do que fisicamente, Ana. Espero que não desçamos assim tão fundo no nosso casamento.

Ana faz menção de falar alguma coisa, mas desiste e segue marchando para o nosso quarto.

— Ei, baixinha, o que acha de comer um super hiper sorvete com o Papai?

— Eba, papai! Soveti! — Sua vozinha infantil ressoa no ambiente.

Sigo para a cozinha para cuidar da minha filha, que está alheia a toda tensão que cresce cada dia mais nesse apartamento. Ana não é a mesma depois do nascimento da Priscila. Um pouco porque mesmo que tentemos muito, nosso casamento não está dando certo. E depois, de alguma maneira que não consigo explicar, ela não consegue se conectar com a Pri. Já foi no psiquiatra, está tratando sua depressão, mas, sinceramente, vi pouca mudança. Ela ama nossa filha, mas não consegue aceitar que sua vida mudou, que agora é mãe e isso traz responsabilidades para sua vida. Que não é apenas ela, mas sim, pessoas que precisam andar de mãos dadas para fazer essa família dar certo.

Momentos como esses, em que ela perde a paciência por qualquer coisa, são rotineiros em casa. Há pouco mais de quatro meses a Ana voltou a trabalhar e a Priscila fica numa escolinha. Achei que isso melhoraria o clima familiar, porém, de nada ou pouco adiantou.

Sirvo sorvete para Priscila e a coloco na cadeira para que tome. Ainda estou

perdido nesse pensamento quando vejo quando a Ana sair do quarto toda arrumada e pegar a chave do carro no claviculário da sala.

— Está indo aonde, Ana?

— Sair com as meninas.

— Durante a semana, Ana? Beber?

— Quem disse que vou beber? Vou só sair, dar uma volta, espairecer. Você e essa sua mania de sempre pensar que vou me embriagar.

— Já conversamos sobre isso, Ana. Não combinamos que beberia apenas nos finais de semana?

— Já disse que não vou beber, que saco, Daniel! Vou só sair para espairecer com as meninas.

— Ana...

— Daniel, chega! Preciso sair, estou sufocada dentro dessa casa. Não demoro, daqui a uma ou duas horas estou em casa.

Sem dar tempo, sai batendo a porta e não posso sequer responder seu comentário.

— Sei... Uma ou duas horas — murmuro enquanto fico fitando a porta fechada.

— Papai, maiji...

— Oi, querida. É *mais*...

— *Maiji*, papai!

— Acho que por hoje deu, pequena. O que acha de tomar um banho gostoso e depois deitar com o papai para descansar um pouquinho?

— Não *quelo*... — fala chorona.

— Por que não? — Tiro-a do cadeirão e encho de beijos. — Vamos tomar banho, sim. Olha esse pé aqui, cheirando chulé — falo enquanto mordo seu pezinho de leve e ela cai na gargalhada.

— Olha essa orelha aqui, acho que tem um pé de repolho crescendo aqui dentro. — Cego no banheiro e seguimos brincando e ela rindo enquanto toma banho.

Depois, tomando sua mamadeira, ela dorme abraçada ao meu pescoço.

— Minha pitoquinha. — Coloco-a de leve na cama. Beijo sua testa e arrumo seu cobertor, deixando a luz do abajur acesa e a porta aberta, volto ao escritório.

Só quando desbloqueio o notebook, lembro-me do e-mail que comecei a escrever. Penso durante alguns segundos e acabo desistindo de responder. Chega

de confusão por um dia só. Ou melhor, chega de confusão na minha vida. Basta já o que estou vivendo neste ambiente conjugal.

O que menos preciso é colocar uma menina desbocada no meio dessa confusão. Agora, como fui incluir o contato dela junto com os outros quando encaminhei a mensagem? Que loucura isso!

— *Até parece coisa do destino* — sussurro.

Inconscientemente, me lembro do sorriso dela e do quanto tive que lutar para não entrar em contato logo depois que me escreveu há alguns anos. Admito que fiquei muito curioso para saber como o livro chegou nas mãos dela e também para saber por que antes não podia e naquele momento pôde entrar em contato. Mas sei que não seria forte o suficiente para sanar minha curiosidade quando essas perguntas fossem respondidas.

Por isso, como daquela vez, o melhor é esquecer e seguir fazendo a coisa certa e continuar tentando fazer meu casamento dar certo.

Capítulo 11

Meses depois...

Daniel

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: domingo, 8 de abril de 2007, 08:38

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Feliz Páscoa

Olá, estranho,

Como não recebi resposta do meu último e-mail, creio que por pura e exclusiva culpa minha, devido as palavras agressivas que escrevi, depois de muito ponderar, resolvi me redimir escrevendo novamente.

Peço, primeiro, desculpas por minha reação. Não tenho como explicar em poucas palavras o motivo dela. Basta que saiba que me arrependo muito pelo tom em que escrevi aquela mensagem. Nada justifica ter transferido mágoas de outras pessoas para suas palavras. Apenas depois que pensei com mais calma vi que não foi sua intenção me magoar.

Começamos com o pé esquerdo, mas vamos fazer um combinado? Esqueçamos as últimas mensagens que trocamos e comecemos novamente?

Para isso, por favos, entenda que enfatizo que a única coisa que quero é

conversar com aquele rapaz alegre que conheci naquela ilha há alguns anos. Não espero nada além disso e não pretendo fazer com que essa amizade saia do virtual. Seu e-mail deixou claro que está indisponível para o mercado, rsss. Quero o amigo, não o homem. Isso é possível?

Ah, desejo uma Feliz Páscoa, que muitas coisas boas possam se reiniciar na sua vida!

Um grande abraço,
De sua amiga(assim espero),
Jake.

*

Desta vez, quando olho minha caixa de entrada e uma mensagem dela está ali, o susto não é tão grande. Dentro de mim, sabia que em algum momento ela entraria novamente em contato. Simples assim, eu sabia, sentia. E, mesmo que eu lute contra isso, nossos caminhos voltariam a se encontrar.

E por isso, desisto de tentar entender essa conexão misteriosa que temos um com o outro.

Lá no fundo, quero conhecer essa menina. Não sei onde ela está, nem o que está fazendo da sua vida, nem qual é o grande mistério que não permitiu que nos aproximássemos, mas a verdade é que, desde que trocamos mensagem no Natal, não paro de pensar nela. Aquele sentimento de alegria que senti na ilha quando estava perto dela volta a todo momento. Sinto-me vivo apenas com essas lembranças.

É errado nos aproximarmos quando sei que ela desperta tantas sensações em mim? Pode ser. Porém, como a Jake disse, nossa amizade não sairá do virtual. Não posso mais resistir. Preciso dessa alegria e leveza que a Jake me faz sentir. É como se ela me completasse, preenchesse algumas lacunas que estão vazias e ligasse um Daniel que está desligado. Como ela disse, ela quer a amizade daquele menino que conheceu na ilha, e eu, desesperadamente, preciso que ele retorne de onde está perdido.

Quando ela entrou no ônibus há tantos anos, eu sabia que, de alguma forma estranha, aquele não era nosso fim. Quando ela me encontrou, foi preciso muita força de vontade para recuar. Mas de dezembro para cá está insuportável, como se meu peito ficasse gritando a toda hora para que eu entre em contato com ela.

Lidar com essa carga nos meus já atribulados dias é cada vez mais complicado. A Ana não aceita seu problema com a bebida e as brigas estão cada vez mais recorrentes. Não consigo nem deixar minha filha com ela sem pensar em mil coisas diferentes que podem acontecer na minha ausência.

Não quero me separar da Ana, pois tenho consciência do problema de saúde

que ela está enfrentando e do quanto precisa de ajuda para superar. Mas isso não significa que eu seja forte para enfrentar isso tudo sem nenhum momento de incerteza.

Às vezes, quero jogar tudo para o alto, pegar minha filha e deixar a Ana lidar com sua depressão e seu vício em bebida. Mas daí paro e penso: e se fosse comigo? Gostaria de ser abandonado pela pessoa que escolhi para ser meu parceiro durante a vida? Não jurei isso? Ser seu parceiro na alegria e na tristeza? Então centro meus pensamentos e me faço forte novamente, mesmo que por dentro esteja quebrado em mil pedaços. Apenas não sei como ajudar alguém que não quer ajudar a si mesmo, sem me destruir junto. Estou me perdendo. Perdendo aquele Daniel que a Jake conheceu na ilha. E admito, *sinto uma puta falta dele*.

Inexplicavelmente, só a lembrança da Jake me torna mais forte, faz aquele menino alegre querer saltar de volta, se encontra novamente. Venho me debatendo entre escrever ou não e não consigo decidir o que é pior: arriscar ou ficar na inércia.

Por isso, como a Jake já fez uma vez, deixei nas mãos do destino. Prometi que, caso ela me mandasse uma mensagem, responderia. Explicaria minha situação, que não quero nenhum tipo de contato fora do virtual entre a gente. Seremos apenas amigos, confidentes. Cada um do seu lado do computador, contando com a distância para abafar essa atração que sei ser recíproca.

Nestas breves palavras que vamos trocar, voltarei a ser aquele Daniel. E aquele Daniel dará força para que este atual possa superar essa fase e ajudar a Ana com seus, ou melhor, nossos problemas. E no caminho, como consequência disso, salvar meu casamento e dar um lar estável para a Priscila.

Então sei que as palavras dela nesse e-mail não foram apenas da boca para fora. Foi o destino, mais uma vez, nos unindo. Como a Jake mesmo ventilou, isso não sairá do virtual. Se ela aceitar meus termos, vou dar uma chance para essa amizade.

Para que isso dê certo, precisamos colocar todas as cartas na mesa. Com esse pensamento na cabeça, despejo os sentimentos e começo a redigir a resposta.

Jake

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: domingo, 8 de abril de 2007, 09:55

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Feliz Páscoa

Olá, estranha, nem tão estranha assim.

Primeiro: desculpas aceitas.

Não sei realmente o que aconteceu para que seu endereço estivesse junto com os outros. Podemos apenas falar que foi mais uma coincidência? E dessa vez, juro, é verdade!!

Admito que muitas vezes quis responder, mas não sabia realmente o que escrever. Então, acho que também devo um pedido de desculpas.

Você me desculpa e eu te desculpo, o que acha desse acordo?

Quanto à sua ideia de começar a troca de mensagens novamente, acho excelente.

Só, que para que a troca de realmente certo, tem algumas regras que preciso que sejam seguidas, para o bem de nós dois e de todas as outras pessoas envolvidas indiretamente nisso.

Primeira regra: **NOSSA AMIZADE NUNCA PODERÁ SAIR DO VIRTUAL**. Sabemos que aquela química que sentimos na ilha ainda existe. Se nos vermos, tudo aquilo voltará. E como já deixei claro, agora estou casado e sou pai. Não pretendo me separar e, muito pior, me envolver com alguma mulher. Sou fiel ao meu relacionamento. Se estiver disposta a ser uma amiga virtual, podemos continuar essa troca de e-mails.

Segunda regra: **NÃO VAMOS TROCAR TELEFONES NEM FALAR ONDE MORAMOS**, para não criar nenhum tipo de expectativa de encontro. Seremos estritamente amigos e confidentes virtuais.

Terceira regra: **VAMOS ESQUECER OS ÚLTIMOS E-MAIL**, começar de novo, como se o livro tivesse chego nas suas mãos agora.

Se aceitar isso, basta me mandar um novo primeiro e-mail.

Esperando ansiosamente,

Seu (espero) amigo virtual,

Daniel.

*

Leio as palavras dele sentindo um misto de alegria e expectativa. Amigos virtuais? Será que vamos conseguir deixar nossa amizade apenas com esse *status*? Tenho dúvidas de que vamos conseguir, porém, nenhuma dúvida de que vou tentar.

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: domingo, 8 de abril de 2007, 11:46

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Olá!!!

Olá, Daniel!

Adivinha quem está falando?

A moça maluca que você conheceu há uns cinco anos em Floripa, que estava sentada numa ilha no meio do oceano ouvindo o vento.

Por favor, diga que se lembra de mim, minha autoestima ficaria muito para baixo se fosse uma pessoa tão fácil de se esquecer.

Brincadeiras à parte, seu contato chegou até minhas mãos. E como estou precisando desesperadamente de uma pessoa para ser meu amigo virtual, resolvi escrever para você e ver se aceita esse cargo.

Se estiver tudo bem para você assumir essa incumbência, me responda me contando como anda a sua vida.

De sua nova amiga virtual,
Jake.

*

Capítulo 12

Três meses depois...

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 19 de julho de 2007, 06:11

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Feliz Aniversário!

Feliz aniversário, meu melhor amigo virtual. Ops, só tenho um. Rss.

Mas pode ter certeza de que é o melhor amigo virtual que eu poderia ter.

Muita felicidade nesse novo ciclo que se inicia na sua vida. Sinta-se recebendo um abraço bemmm apertado! *Smack!* :* :*

Agora me fale uma coisa, resolveu aquele problema na obra que estava deixando você sem sono?

Um grande abraço,
Jake.

*

Mais alguns meses e mais alguns (ou vários) e-mails depois...

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: terça-feira, 25 de dezembro de 2007, 08:02

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Feliz Natal!

Feliz Natal, Jake! (Desta vez, é só para você, viu?)

Muito obrigado por ter voltado a fazer parte e a colorir minha vida.

Sua amizade tem um valor imensurável para mim. Os momentos que passo escrevendo para você ou lendo seus e-mails são os melhores minutos do meu dia, só perdendo para os momentos que passo com a minha filha.

Você não tem noção de como essa amizade está me fazendo bem, me dando força para superar tantos obstáculos. Mesmo não falando de nossa vida pessoal, o simples fato de me ouvir (ler, na verdade) me fortalece para os problemas do dia a dia.

Minha melhor decisão foi ter viajado a Florianópolis, onde tive a oportunidade de conhecer essa menina tão incrível e especial, que hoje é minha melhor amiga.

Muito obrigado, Jake, o carinho que sinto por você é inexplicável! Não consigo imaginar meus dias sem os momentos que passamos juntos. Obrigada, obrigada e mais uma vez, OBRIGADA!!!

Mas, como sou uma pessoa altamente curiosa, gostaria de aproveitar esse momento tão lindo que é o Natal onde o coração das pessoas fica mais maleável e perguntar pela centésima vez, o motivo de nossa amizade não ter sido possível antes. Porém, se o Natal não amoleceu seu coração e como já perguntei e você continua me ignorando, pode fazer de conta que este parágrafo não existe no e-mail, ok?

Mas já aviso, vou continuar com minhas teorias aqui, até que você esteja pronta para me contar esse segredo tão “cabeludo”.

Um ótimo Natal e um Ano Novo repleto de realizações!

Seu melhor amigo,

Daniel.

*

Três meses depois...

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 20 de março de 2008, 22:43

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Você está mesmo bem?

Como assim, Daniel? Você bateu o carro? E num veículo parado?
Estava bêbado? Como conseguiu essa proeza?

Espero realmente que não seja nada grave, estou preocupada.

Sobre não poder me escrever por alguns dias por causa do braço quebrado, eu entendo. Vou sentir saudades, mas entendo.

Mande ao menos um "estou bem" digitado com cotovelo de vez em quando, ok?

Beijos,

Jake.

*

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 21 de março de 2008, 00:27

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Você está mesmo bem?

Estou bem! (Digitado com a língua.)

Dani.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 21 de março de 2008, 01:03

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Você está mesmo bem?

Deve estar muito bem, fazendo até piadinha.

Você não perde uma oportunidade mesmo, né? Kkkkk.

Beijos,

Jake.

*

Uma semana depois...

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 28 de março de 2008, 22:18

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Re: Você está mesmo bem?

Sente falta de nossos bate-papos tanto quanto eu?

Estou bem, mas é complicado digitar. Não consigo ficar sem falar com você.

O que acha de me ligar? Ou me dar seu número que eu ligo. Apenas para

mantermos contato enquanto estou com o braço quebrado.

058 956895325

Aguardando ;)

Dani.

*

Capítulo 13

— Não posso, Fer! Avançar esse passo é perigoso demais! — Choramingo enquanto termino de lavar a louça.

— Jake, qual a diferença? De verdade! Vocês passam a noite toda trocando e-mails. Que diferença fará se ficarem cinco ou dez minutos no telefone? — Ela tenta me convencer com aquele ar de metade censura, metade indignação na sua voz.

— Muita diferença! Agora ele é apenas palavras. Se ligar para ele, será uma voz... — *Aquela voz que fica me atormentando nos meus sonhos.*

— Ah, Jake, não entendo o que você pretende com esse relacionamento.

— Não tem relacionamento, é apenas uma amizade.

— Uma amizade que deixa você suspirando e sentada em casa com um balde de pipoca aguardando suas belas e fofinhas palavras. Me poupe, Jake, engane qualquer um, mas você quer muito mais que uma amizade com o Daniel.

— Poxa, Fernanda, quantas vezes já tivemos essa mesma conversa? Claro que sinto algo pelo Daniel, mas ficar com ele está fora do meu rol de prioridades. — Suspiro irritada enquanto seco as mãos na toalha e a estendo sobre a lateral do corredor de louça.

— Por quê? — pergunta.

— Porque ele é casado? — Viro para ela e encosto meu bumbum na pia, cruzando os braços na minha frente. — Porque tem uma filha pequena que precisa dele? Porque ele deixou claro desde o início que era apenas amizade? — Vou enumerando as possibilidades enquanto a Fer faz careta a cada uma das minhas justificativas.

— Vocês são bizarros. Os dois loucos de vontade de dar um passo além e nenhum tem coragem. Quer saber? Acho que esse lance do acidente é até mentira, só desculpa para você ligar — fala dando de ombros.

— Não é, Fer. — Balanço minha cabeça. — Pode me chamar de louca, mas confio no Daniel. Da mesma maneira que sei que sofreu um acidente, sei que leva a sério o seu casamento e o lance entre a gente sempre foi e continuará sendo amizade.

— Se tem tanta certeza assim disso, então liga para ele, ué! — Cruza os

braços sobre a mesa e mostra com o queixo meu celular.

— Eu disse que confio nele, não em mim!

— Nossa, Jake, parabéns para você. Não ser curiosa é uma dádiva. Eu já teria procurado pistas dele na internet, interpol ou sei lá onde. Ficar assim no escuro, é demais para mim! Vocês nem sabem onde moram, imagina se são vizinhos, se moram um do lado do outro?

— Não somos vizinhos — respondo baixinho.

— Como sabe disso? Até da última vez que conversamos desconhecia. — Olho para ela que me fita de volta com os olhos brilhantes.

— Por causa do bendito número de telefone que ele mandou. Não é daqui.

— Ai meu Deus, até que enfim uma pista! É de onde?

— Não vou falar para você, está louquinha! — Abro um sorriso.

— Confia no Daniel e não confia em mim, sua irmã de alma? Magoou agora. — Coloca as mãos no peito como se estivesse sentindo dor. Bem dramática, a *cara* da Fernanda.

— Cala a boca, Fer, nem venha com essa de se fazer de vítima para o meu lado. Se tiver o DDD, vai descobrir a cidade, depois da cidade, onde ele trabalha, depois, qual o seu CPF, RG, título de eleitor e caramba a quatro. Quando der por mim, o Daniel está batendo na porta de casa para uma janta entre amigos. — Ela cai na gargalhada. — Quando o assunto é Daniel, você não é confiável, amiguinha. — Lanço um beijinho na sua direção.

— Nossa, magoou profundamente agora. — Faz biquinho fingindo cara de choro. — Mas fala a verdade, está morrendo de vontade de ligar, né?

— Admito, estou com a mão coçando para ligar — retruco emburrada.

— Sabe minha opinião. A história de vocês não é somente essa troca de mensagens. A conexão é palpável, Jake. E se ele for o homem da sua vida e você deixar isso passar? Por medo de atrapalhar um casamento que nem sabe como anda?

— Não vou atrapalhar casamento nenhum, Fernanda. Nossa história é *amizade*. — Friso bem a última palavra.

— Mente para mim, então, e fala que não sente seu coração batendo rápido no peito cada vez que soa aquele barulhinho insuportável de uma mensagem entrando na sua caixa de entrada.

Abaixo a cabeça e fecho os olhos, depois respondo meio resmungando.

— Não vou mentir, ele acelera mesmo. — Volto a olhar para ela. — Mas nossa chance passou. Ou melhor, nunca tivemos uma chance. — Puxo uma cadeira e sento na sua frente. — Quando nos encontramos na ilha, foi um dos

momentos mais difíceis da minha vida, só perdendo para o dia que meu avô morreu. Então, não tivemos uma chance. Você sabe que a única opção naquele momento era afastá-lo.

— Não vamos falar sobre isso, ok? — Estende a mão e aperta a minha na sua. Faço apenas um aceno com a cabeça. — Mas ele apareceu na sua vida novamente. Podemos dizer que duas vezes. Não pode negar que tem coisa do destino no meio.

— Não, realmente existe algo por trás disso tudo. Mas não posso simplesmente seguir esse sonho para acordar um dia e descobrir que não me levou a lugar algum e que apenas trouxe sofrimento para todas as pessoas envolvidas. Quem garante que o destino não queria fazer apenas isso, nos unir como amigos?

— E se quer unir vocês para algo a mais? E se ele ter quebrado o braço agora foi coisa do destino também?

— Poxa, Fernanda, você devia ser minha amiga, não o grilo falante enchendo de dúvidas minha cabeça. Já está difícil não fazer essa ligação, e com você colocando pilha na situação só fica pior e mais difícil de resistir.

— Então não resista! Pare de planejar tudo, Jake! A vida não é uma fórmula de matemática que você precisa resolver e tirar a prova para só então se arriscar. Se jogue, querida!

— Eu nunca contei para mais ninguém minha história. Você, entre milhões de pessoas do mundo, é a única que realmente sabe tudo que senti e passei. E por conhecer isso, devia ser a primeira a falar para eu não me arriscar!

— Muito pelo contrário. — Ela levanta e se ajoelha na minha frente, colocando as mãos nos meus ombros. — Posso ser a única pessoa que conhece sua história, mas, antes disso, eu já te amava e sabia o quanto é especial. Se eu vi isso, sei que o Daniel também viu.

— Se a pessoa que deveria ver isso e me amar não me amou, como posso esperar que outras pessoas possam sentir algo por mim? — pergunto com a voz abafada.

— Este é o problema, você precisa esperar! E para esperar, as pessoas precisam entrar na sua vida. Tem que permitir, Jake.

— Por que tenho a impressão de que essa conversa não é apenas sobre o Daniel?

— Porque realmente não é apenas sobre ele. Você vive num mundo só seu, Jake. Entenda, é muito difícil para os outros se envolverem com você quando se fecha e ignora as coisas ao redor!

— Mas eu me envolvo, tenho amigos...

— Tem, realmente. Mas quantos são realmente seus amigos e não conhecidos?

— Dois... — sussurro.

— Certeza? — Ela franze a testa numa careta questionadora e termina rindo. — Um... apenas eu, porque o Daniel não conta. Você não tem coragem nem de fazer uma simples ligação — fala de maneira firme.

— Não é tão simples assim.

— Não entendo o que te impede de fazer essa ligação, sério mesmo.

— O que me segura é saber que ele nunca fala comigo nesse horário, não vou ligar e atrapalhar sabe-se lá o que ele estiver fazendo.

— Aproveite, liga e descubra!

— Não vou ligar, que coisa!

— Então faz assim, eu coloco seu celular no restrito, você liga e eu só ouço a voz dele! É muito injusto que eu não saiba como ele é. Pelo menos a voz dele tenho direito de ouvir.

— Não, não e não, Fer, vamos acabar brigando. — Levanto e caminho em direção ao meu quarto. — Nem devia ter conversado com você sobre isso.

— Mas, Jake, nem todos os homens são iguais ao...

— Não Fer! Não, não e não! Conversa encerrada. Boa noite, queridinha... — Vou para o quarto ainda ouvindo os resmungos dela nas minhas costas.

Esta última semana tem sido um tormento. Sinto aquele número queimando na minha mente, minha mão coçando para digitá-lo no meu telefone e ligar para o Daniel. Mas não posso, sei bem que, se fizer isso, será meu fim. Ou melhor, meu fim ao quadrado. Pois já estou deliberadamente perdida.

No fundo, sei que a Fernanda tem razão, me tranco em casa e fico só esperando chegar mensagem dele. Nesse quase um ano que estamos nos correspondendo, criamos um padrão no nosso dia a dia. Todo dia recebo um e-mail seu por volta das nove horas, que talvez seja o horário que ele entra no trabalho. Como já estou no trabalho, só respondo no meu intervalo de almoço, perto do meio-dia. Ele me responde novamente no final da tarde. Quando chego em casa, mando uma mensagem de volta.

Ele só torna a me mandar e-mail depois das dez e meia da noite, e ficamos "conversando" até pouco depois de virar o dia. Sei que, provavelmente, nesse horário que ele "some", está em casa jantando com a família, curtindo a esposa, a filha, e nunca o questionei sobre isso. Ainda que sem informações, nada impede que minha mente crie milhões de cenários diferentes dele com a esposa.

Fico imaginando se estão conversando, trocando carinho, *em que momento vão para a cama?* Ele sorri para ela do mesmo jeito que sorriu para mim? E quando ele a beija será que ela sente a mesma coisa que senti nos míseros segundos que nossos lábios se tocaram? E quando minha mente cria um cenário em que trocamos telefones naquela ilha, e que, ao invés da esposa, sou eu do seu lado?

Ciúme. Este é o sentimento ácido que sinto queimando na boca do meu estômago toda vez que deixo a imaginação me levar para esse cenário. O que torna tudo ainda mais ridículo, pois, como explicar que sinto ciúme de uma pessoa que na realidade nunca foi minha?

É esse sentimento louco, esse ciúme ridículo que me diz que preciso continuar mantendo distância. Mas está cada vez mais difícil. A curiosidade aumenta a cada dia. Não sei nada da vida dele. Nada. Onde mora? O que realmente faz? É feliz no casamento? Sua esposa é loira? Morena? Ele a ama?

Às vezes, ele deixa transparecer nas suas palavras seus problemas, como se estivesse buscando em mim a resposta. E eu apenas sei que preciso ajudá-lo, mas sem dar na cara que estou ajudando. Nosso relacionamento é amizade e ao mesmo tempo não é apenas isso! Nosso relacionamento é fácil, gostoso, profundo, intenso... Quando estou lendo suas mensagens, tudo desaparece, não existe distância, parece que ele está aqui, ao alcance das minhas mãos.

Mas quando fecho a tela do computador e fico olhando as paredes do meu quarto, a realidade me atinge com força. Sinto-me culpada, quanto percebo que queria que nosso relacionamento fosse mais, muito mais. Mas então, lembro que ele é casado e que sou a peça que sobra nesse triângulo. Então prometo que no dia seguinte vou mudar minha atitude, não vou responder mais suas mensagens, vou me afastar.

Só que quando acordo, toda aquela força, determinação da noite anterior desaparece e no seu lugar surge uma carência, um buraco dentro do meu peito, apenas com a possibilidade de deixar de tê-lo na minha vida, mesmo que parcialmente. Torno-me outra vez aquela moça que teve sua alma despedaçada e que, de uma maneira impossível de explicar, se conectou com um homem do qual ela mal lembra o rosto, mas que sente apenas o caminho que suas palavras traçaram entre um e outro em direção ao seu coração.

Não sei explicar, desisto de entender, sei apenas que preciso dele, de qualquer maneira que puder e ele me permitir. E na verdade, é muito mais que precisar, é quase... obsessão, uma necessidade tão grande, que pode ser comparada com a forma que preciso de ar para viver. Sem minha dose diária de Daniel, eu não sobrevivo!

Não quero admitir, mas, no fundo, sei bem qual o nome desse sentimento! Eu sei, estou perdida!

Pego meu notebook e, mesmo sabendo que não terá um novo e-mail dele, abro minha caixa de entrada. Fico passeando pelas centenas ou milhares de mensagens que trocamos até agora e paro naquela que ele me mandou o telefone. Respiro fundo e pela milésima vez enumero quais são os problemas de fazer a ligação.

De alguma forma, não mudará nada, não trairemos sua esposa ou sua família. Amizade virtual. É só um telefonema entre amigos, nada de mais. Uma amiga querendo saber como está o amigo que sofreu um acidente. Simples assim! Pego meu celular e configuro a restrição de visualização de chamada. Olho para o visor: 21h00. Encaro cada tecla enquanto as aperto, formando o número lentamente.

Mude de ideia... Mude de ideia.

Fico repetindo essa frase na minha cabeça enquanto termino de digitar.

— É só um telefonema... — falo bem baixinho enquanto vejo meu dedo em câmera lenta se aproximar do botão de ligar. — Só para saber se ele está bem. *Um minutinho apenas, Jaqueline.* — Justifico para mim mesma e aperto o botão.

Coloco o celular no ouvido e aguardo a ligação ser completada.

Tuuu... 1 toque

Tuuu... 2 toques.

Tuuu... se não atender no próximo, desligo...

Tuuu... ele pode estar longe, mais um toque...

Tuuu... atende, Dani... atende...

Tu...

— Oi? — Uma mulher atende o telefone e sinto o ar travando nos meus pulmões.

Não consigo responder!

— Alô-ô! — A mulher cantarola no outro lado. — Você quer falar com o Danzinho? Ele não pode atender agora, porque está tirando a roupa da sua esposinha — fala antes de cair na gargalhada.

— Ana, eu disse para não atender o meu telefone! — Ouço uma voz soando no fundo da ligação, e mesmo depois de todos os anos, meu coração imediatamente reconhece quem é seu dono. — Dá o telefone aqui. — Ouço o barulho de pessoas se mexendo e o telefone caindo no chão.

— Opa, caiu! — Mais gargalhadas da mulher do outro lado da linha.

— Ana, quer ficar quieta um minuto, por favor? — Mesmo que ele fale

baixo, consigo ouvir suas palavras.

— Fico quieta depois que você me comer, Dani — a mulher fala entre gargalhadas.

— Alô? — ele testa depois de recuperar o celular. — Desculpa, erg... estava... desculpa.

Por alguns segundos, só ouço sua respiração acelerada.

— Oi? Alô... — Ele continua insistindo.

— Ah, desliga logo isso e vem terminar o que estava fazendo, Dani. — A voz da mulher volta a surgir do outro lado, bem animada, por sinal.

Como se o aparelho tivesse me dado um choque, aperto a tecla desligar e o arremesso para o outro lado da cama.

Se essa for uma confirmação que precisava de que nunca poderei ter nada com o Daniel, tenho que dar parabéns para o destino. Ligar para ele quando está no meio de uma transa com a sua esposa é mais que uma confirmação, é uma bomba certa que faz cair por terra qualquer expectativa de algo a mais entre nós dois.

— Burra! — Sinto as lágrimas queimando nos meus olhos. — Idiota! — Puxo meus joelhos para perto do peito e neles apoio minha cabeça.

Não preciso mais ficar imaginando o que ele faz das seis às dez e trinta da noite. Ele faz sexo com a esposa!

— Burrraaa! — grito enquanto as lágrimas rolam no meu rosto.

Por que saber que ele faz amor com outra mulher está me rasgando por dentro desse jeito? Amor com a esposa que tem todo o direito de estar do seu lado! E por que uma coisa aqui dentro grita com todas as forças que está errado, que essa esposa deveria ser eu?

Capítulo 14

— Ana, por favor, quantas vezes já pedi para você não sair depois do trabalho? Imagina se a Pri estivesse em casa. Ver você nesse estado não é saudável para a nossa filha.

Não sei se pela centésima ou milésima vez, estou discutindo com ela pelo mesmo motivo: sair depois do trabalho para beber.

— Ai, Daniel, larga mão de ser um chato, não estou bêbada, só alegre! — fala enquanto tenta fazer um "quatro" com as pernas mas acaba cambaleando — Opa! Acho que estou só um pouquinho tonta!

— Você está bêbada, sim! Poxa, estou com o braço quebrado e ainda me

recuperando do acidente, o mínimo que você pode fazer é ser responsável, até que eu tenha condições novamente de cuidar da nossa filha.

— A Pri não é um neném que precisa que cuidem dela, você mima demais, por isso que é toda manhosa e chorona daquele jeito.

— A Pri não tem nem três anos, claro que precisa de atenção. E ela não é chorona, mas é carente, chora para chamar a sua atenção.

— Está bom, senhor papai exemplar, blá blá blá. A péssima mamãe aqui já entendeu e sabe essa sua missa aí de cor e salteado. Se fará você parar de falar, prometo que amanhã venho direto para casa. Não sei nem por que ficar discutindo, a Priscila nem está em casa.

— Porque quando percebi que estava demorando, pedi para minha mãe vir pegá-la. Algo me dizia que hoje seria mais um dia que teríamos um de seus lindos espetáculos.

— Tá bom... — Me dá as costas e segue para a cozinha.

Lá pega uma taça de cima do armário e abre a geladeira tirando uma garrafa de vinho que eu não sabia que estava ali.

— Você vai beber mais? — questiono irritado, caminhando apressado na sua direção.

— Não vou beber — fala com tom de deboche. — *Tomarei* uma taça de vinho.

— Isso é beber, Ana! — Chego perto dela e retiro a garrafa das suas mãos.

— Ei! Dá essa garrafa aqui. — Segura meu pulso para pegá-la de volta.

— Ana, você prometeu que ia parar com a bebida. — Fito seus olhos enquanto pronuncio as palavras com toda a tranquilidade possível.

— Meu, que chato, Daniel. Não posso beber, não posso sair com minhas amigas. Não posso isso, não posso aquilo. Não posso nem transar porque você não quer. Já parou para pensar que minha vida é um porre?

— Ah, sua vida é um porre mesmo? — Puxo meu pulso para livrá-lo dela. — E a minha? Já parou para pensar na minha vida? — Caminho de costas com os olhos grudados no seu.

— Virei pai de uma mulher crescida, que devia muito bem saber como essas merdas... — Balanço a garrafa no ar. — estão estragando a SUA vida e a MINHA! — falo num tom mais agressivo do que desejava.

Viro de costas para ela enquanto começo a jogar o resto do vinho no ralo da pia, da mesma forma que já faço com toda e qualquer bebida que acho dentro da casa.

— Não joga o vinho fora! — Ela tenta pegar a garrafa da minha mão. —

Poxa, como vou relaxar agora? — Chega a dar pulos sobre o braço que está quebrado na tentativa de evitar que continue virando o líquido.

— Não sei o que fará, mas beber não é a solução.

— Porra, Daniel! — esbraveja quando percebe que terminei de virar tudo.
— Você é um velho!

— Não, Ana, sou responsável e, por sinal, o único adulto responsável nessa casa.

— Responsável nada, você é um chato insuportável que gosta de me torturar, só pode! — Dou as costas outra vez e começo a seguir na direção da porta. — Já que me privou da bebida, agora terá que transar comigo.

Mal termina de falar, sinto que se cola nas minhas costas e tenta alcançar o botão do meu jeans.

— Para, Ana. — Tiro suas mãos e a empurro levemente para longe do meu corpo. — Não estou no clima para isso. — Me afasto alguns passos.

— Pode deixar, logo deixo você no clima — fala de forma a soar sensual enquanto se aproxima de mim, mas o efeito é totalmente o oposto.

— Já disse que não, Ana! — exclamo de maneira firme.

— Não o quê? Não para? — Chega novamente com as mãos no meu jeans.

— Ana, porra, disse que não quero transar! — Coloco minha mão sobre a dela e seguro apertado.

Mas mesmo com minha negativa, ela continua esfregando seu corpo contra o meu.

— Acho que vou abrir seu jeans e fazer um boquete. — Me empurra para trás e, como sou pego de surpresa, acabo me desequilibrando e caindo sentado no sofá.

Não consigo explicar, mas nos poucos segundos que levo para me recuperar do susto, a Ana já abriu o botão da minha calça e está abrindo o zíper.

— Ana, que saco, não quero fazer sexo agora. — Numa situação ridícula, ela continua suas investidas. Não quero empurrá-la, pois posso machucá-la, então, da melhor forma possível, tento evitar seus toques.

Balanço o quadril e, com apenas um dos braços livres, enquanto o outro está engessado, seguro um de seus pulsos e passo minhas pernas contra ela para travar seus movimentos. A Ana acha graça de tudo e solta gargalhadas bêbadas, sem perceber o ridículo da situação, o que me deixa ainda mais irritado.

Quando estou quase conseguindo parar seus movimentos, meu celular começa a tocar e percebo que estou com ele no bolso da frente do meu jeans. Ana ergue seu olhar até o meu e num impulso de vingança o arranca do meu

bolso.

— Não atende, Ana! — berro e passo os meus braços contra ela, que continua gargalhando e empurrando meu corpo.

No segundo de descuido seguinte, ela empurra meu braço engessado e seu peso me afasta alguns passos, o suficiente para que ela atenda a ligação.

— Oi? — fala entre gargalhadas enquanto corre em direção ao quarto.

— Merda! — resmungo correndo atrás dela.

— Alô-ô! — exclama toda empolgada no telefone. — Você quer falar com o Danizinho? Ele não pode atender agora, porque está tirando a roupa da sua esposinha — fala antes de cair na gargalhada.

— Ana, eu disse para não atender o telefone — falo quando estou perto dela, que corre e fica de pé em cima da cama. Balançando o celular para os lados.

— Dá o telefone aqui — falo de forma brusca, mas ela continua agindo como uma pirralha.

Agarro suas pernas para que em um movimento brusco ela caia sentada na cama. Aproveito para tentar puxar o telefone de suas mãos.

— Opa, caiu! — Joga o telefone no chão e cai nas gargalhadas.

— Ana, quer ficar quieta um minuto, por favor? — intimido enquanto engatinho na direção do telefone.

— Fico quieta depois que você me comer, Dani! — ela grita a todo volume.

— Alô? — Tento ouvir alguém na linha. — Desculpa, erg... estava... desculpa. — Sinto meu rosto queimando de constrangimento.

Minha respiração está acelerada pelo esforço dos últimos minutos.

— Oi? Alô... — Insisto após alguns segundos.

— Ah, desliga logo isso e vem terminar o que estava fazendo, Dani — a Ana fala de onde está jogada na cama.

Fecho meus olhos morrendo de vergonha de seja lá quem esteja do outro lado da linha, mas quando vou novamente me desculpar, a ligação é finalizada.

Caminho na direção do banheiro e bato a porta nas minhas costas. Passo as mãos pelo cabelo, quase explodindo de ódio pelo que acabou de acontecer. Procuro nas chamadas recebidas, mas quem ligou colocou o número restrito.

Jogo água no rosto e solto várias respirações profundas na tentativa de me acalmar. Depois seco o rosto na toalha e aproveito para deixá-la absorver o grito de ódio que escapa da minha garganta. Preciso sair de casa, se não, perderei o controle.

Caminho com passos decididos para o quarto e abro o guarda-roupa à procura de uma camiseta, pego a primeira que está na minha frente.

— Aonde você está indo? — Ana pergunta testando minha paciência, enquanto faço malabarismos para me vestir.

— Não pode sair e me deixar aqui, queimando de tesão. — Olho para ela e noto que tirou a roupa e está se tocando.

Motivado por um ódio que geralmente consigo controlar, abro a porta do seu armário e puxo da parte de cima uma caixa, de onde retiro um vibrador e arremesso em cima da cama.

— Apaga a sua excitação com esse aí! — esbravejo e marcho apressado para fora do quarto, batendo novamente a porta que mal serve para abafar os gritos e palavrões que ela solta.

Essa é minha vida, minha maravilhosa vida de casado. Penso enquanto me afasto apressado do prédio, numa tentativa frustrada de esquecer os últimos momentos.

Capítulo 15

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: quarta-feira, 23 de abril de 2008, 10:28

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Tirei o gesso!

Tirei finalmente o gesso! Palmas, foguetes, assovios!

Ainda estou com os movimentos bem limitados, mas nada que algumas sessões de fisioterapia não resolvam.

Agora cá entre nós, minha péssima melhor amiga, por que não me ligou?

Estou morrendo de saudade de você! Primeiro, me vicia nas suas palavras, depois, quando acontece um imprevisto, se afasta e me deixa sem qualquer tipo contato, sofrendo crises de abstinência?

Isso é muita sacanagem da sua parte. Não é coisa que uma amiga faria a um outro amigo fofinho, legal e querido como eu!

Brincadeira!!! Mas fala sério agora, por que não me ligou?

Apesar de todos esses dias sem escrever, não tenho nada novo para te contar, porque, literalmente, fiquei trancado em casa.

E você? O que andou fazendo na minha ausência?

Beijos cheios de saudade,

Daniel.

*

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 25 de abril de 2008, 08:19

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Encaminhado: Tirei o gesso!

Oie!

Mandei um e-mail, mas não tenho certeza se você recebeu, por isso estou encaminhando.

Beijos,
Daniel.

*

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 01 de maio de 2008, 08:36

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Oie!

Oie, Jake,

Mandei uns e-mails na semana passada, mas não recebi resposta. Aconteceu alguma coisa?

Estou preocupado,
Daniel.

*

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: sexta-feira, 02 de maio de 2008, 22:10

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Preocupadíssimo!

Jake,

Estou com mil pensamentos na cabeça, cada um mais terrível que o outro.

Pelo amor de Deus, aconteceu alguma COISA?

Por favor, responda!

Daniel.

*

Termino de ler o e-mail que acabei de escrever em resposta ao último recebido e sinto um misto de culpa e raiva. Raiva dele, pois como ele pode escrever para mim depois do que aconteceu quando liguei? Mas então lembro que ele nem sabe que fui eu naquela ligação. E além disso, ele não está fazendo nada de mais, afinal, quantas vezes deve ter me escrito para mim depois de ter transado com a esposa?

Somos amigos VIRTUAIS! Nunca houve da parte dele qualquer tipo de insinuação. Eu que estou confundindo as coisas e *trocando os pés pelas mãos*, como diria meu avô. Por sinal, como tenho pensado no meu avôzinho nesses últimos dias...

Quase pedi uns dias de folga para dar um pulinho à ilha, me aconselhar com ele. Então, me lembro de que ele não está apenas na ilha, mas em qualquer lugar que eu esteja, pois ele está dentro do meu coração. Só que agora está acontecendo aquilo que sempre acontece quando estou chateada: não consigo ouvir a voz dele e muito menos a voz da razão.

Faz mais de um mês desde o dia que liguei para Daniel e terminei com uma noite em claro, regada por muitas lágrimas. De brinde, ganhei uma enxaqueca que durou dias. Ele não fez nada de errado, mas me sinto enganada, como se o fato de comprovar que ele mantém uma relação saudável com a esposa fosse uma traição ao nosso relacionamento. Sei que é uma idiotice, e é aí que entra a culpa. Culpa por culpá-lo por ser feliz em um relacionamento que sempre soube que ele tinha!

Motivada pela raiva que sinto dele e pela culpa que sinto por meus atos, há alguns dias, saí com a Fernanda e fiz uma coisa que considero idiota: transei com um cara. Sei que foi apenas por carência, uma forma de mostrar para o Daniel que também posso trair nosso relacionamento. Mas olha que ridículo: ele nem sabe disso!

Depois que coloquei a cabeça no lugar, vi o quanto minha atitude estava sendo infantil. O problema é que o João Pedro, o carinha com quem saí, não sabe nada disso e não para de mandar mensagens me convidando para sair novamente. Para ser mais exata, me convidando para jantar e depois assistir a um filme na casa dele.

Nada contra o João. No fundo, ele é um carinha bem legal. O único problema dele é que ele é o João, não o Daniel, quem eu realmente queria que estivesse me convidando para sair.

Conversei com a Mônica, uma médica que trabalha comigo no hospital sobre minha situação. Ela disse que não acredita que o Daniel sinta apenas amizade. Segundo ela, um homem que se compromete e mantém uma amizade

virtual como a nossa, ainda mais com o nosso passado, é porque nutre algum sentimento. E me aconselhou a "apertar" um pouco mais essa amizade.

Posso me arrepender, mas, no momento, acho que é a única solução que tenho para sentir se estou erguendo um castelo de cartas e imaginando tudo isso ou se nossa "amizade" não é tão inocente assim.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: sábado, 03 de maio de 2008, 06:40

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Oie!

Oie, Daniel!

Primeiro, sobre não ter ligado para você, lembra que essa foi uma das suas regras? Achei que estava abalado pelo acidente e considereei melhor respeitar o seu primeiro pedido, a regra número um, fiz mal? Devia ter ligado para você?

Peço desculpas por não ter escrito antes, mas passei uns dias fora.

Tenho tantas coisas para te contar que nem sei por onde começar. Mas, resumindo, estou muito feliz! Sei que combinamos de não contar nada pessoal, mas preciso compartilhar isso com você, porque é algo grande, muito grande!

E já vou direto ao assunto, não tem como falar de outra forma, acho que estou apaixonada, Dani!

Conheci um rapaz maravilhoso, o nome dele é João Pedro, é Engenheiro de Software. Saímos algumas vezes e, a cada encontro, sinto que a nossa conexão só aumenta.

É loucura sentir isso em tão pouco tempo?

Estou me sentindo uma adolescente apaixonada que deu o primeiro beijo atrás da escola e está contando para o melhor amigo! Não tenho mais nenhum amigo homem para pedir um conselho, por isso, vou me aproveitar dos seus hormônios masculinos.

O JP me convidou para jantar e depois assistir a um filme na casa dele. Sei muito bem qual é o convite que ele está fazendo, na verdade. Em sua opinião, devo aceitar o convite ou é cedo demais?

Não sei o que fazer, me ajuda!!

Esperando ansiosamente por seu parecer,

Sua amiga,

Jake.

*

Capítulo 16

Daniel

Quando finalizo a leitura estou completamente chocado.

Que porcaria foi essa que acabei de ler? Como assim a Jake está mesmo pedindo orientação sobre se deve ou não sair com um cara? Ou melhor, transar com um cara! *Claro que não!* Quero berrar a resposta contra o computador e materializá-la do outro lado da tela.

Muito irritado, começo a redigir a resposta.

*

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: sábado, 03 de maio de 2008, 08:14

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Não

Não, não e mil vezes não!

Você não pode sair com ele, Jake! Será que depois de todos esses anos não percebeu quais são meus verdadeiros sentimentos por você? Tentei a todo custo te deixar fora da minha vida, dessa porcaria de vida que sou obrigado a enfrentar a cada manhã, mas minhas únicas felicidades são você e a Priscila.

A cada nova dificuldade ou provação que aparece, saber que você está pensando em mim, em algum lugar desse mundo, renova minhas forças e me enche de esperanças de que meu futuro possa ser melhor. E agora você chega e me diz que vai se encontrar com um cara e me rouba essa única fonte de esperança e de energia para enfrentar mais um dia? Não! Não posso deixar isso acontecer. Se quiser saber a verdade, neste exato momento estou com vontade de socar uma coisa até reduzi-la a caquinho. Você é minha, não percebeu ainda?

Quando nos conhecemos, esperei por anos um contato seu, mesmo sabendo que era quase impossível. Fechava os olhos e sentia o calor dos seus lábios, imaginava qual seria a sequência daquele beijo se tivéssemos mais tempo. Mas era quase impossível aquele livro voltar para suas mãos, e o tão sonhado contato não vinha.

Hoje entendo por que, mesmo sendo um dos meus maiores sonhos e planos, relutei em deixar o Brasil: esperança. Mesmo longe, a cada vez que abria meu e-mail, meu coração sabia o que ele queria encontrar. Mas, mais uma vez, nada aconteceu.

Nesse meio tempo, eu conheci a Ana. Ela é uma menina legal, ou melhor, *era*. Alegre, cheia de vida, divertida e nos envolvemos de uma maneira muito tranquila. Quando percebi, estava apaixonado por ela. Sim, *estava*. Porque, aos

poucos, vi que aquela Ana por quem me apaixonei não existia. A verdadeira Ana foi surgindo. E quando realmente conheci a mulher por trás da máscara, terminei com ela.

Mas, infelizmente, ou felizmente, a Ana estava grávida da Priscila, que, apesar de todo fracasso do meu casamento, dou graças a Deus todos os dias por ter a oportunidade de tê-la como minha filha. Claro que quando descobrimos a gravidez não deveríamos ter casado. Mas ali, a Ana que eu não conhecia se fez presente e deixou claro que não seguiria com a gravidez sem um casamento. Nem preciso explicar que sou totalmente contra o aborto. O casamento era a única saída possível. Terminei minha especialização e voltamos para o Brasil para começar uma vida juntos.

Foi nesse momento, quando faltavam apenas alguns dias para meu casamento, que você entrou em contato comigo pela primeira vez. Como poderia me envolver com você? Mesmo naquele momento, sabia que nossa conexão era forte demais. Então qual era a única coisa que podia fazer? Te afastar!

E foi isso que fiz, mesmo que todos os dias eu olhasse seu e-mail e me arrependesse profundamente do que tinha feito. Vivi cada dia, com toda força do meu coração, tentando, Jake. Juro que tentei de tudo para ajudar Ana e salvar nosso casamento.

Mas ela não quer ajuda. Começou apenas como uma irresponsabilidade, passou por depressão, tornou-se vício em álcool, e agora, drogas. Eu não tinha mais força para ajudá-la e estava me destruindo no caminho. É impossível ajudar alguém que não vê erros nas suas atitudes. Mesmo que tudo a sua volta grite que ela está errada, a Ana não acha isso. Estava me destruindo junto com ela e não tinha ninguém com quem desabafar.

Nesse tempo, creio que o destino quis me dar uma nova forcinha e você entrou em contato comigo. Já tinha afastado você uma vez, como faria isso de novo? Minha mente gritava CUIDADO e meu coração gritava SE JOGA! Seja o que for nossa amizade, conexão ou sei lá o que temos, isso falou mais alto e eu me joguei.

Cada recado trocado com você me deixou mais confiante, me fez ter certeza de que aquele Daniel ainda estava aqui dentro e que eu tinha muito mais força do que podia imaginar. Mesmo tomando cuidado, essa nossa "conexão", esse laço invisível que nos une, a cada dia, ficou mais e mais apertado. Foi uma tortura segurar esses sentimentos para mim. Agora, abro o meu e-mail e me deparo com você me pedindo conselhos sentimentais?

Não! Você não deve ficar com o João nem com ninguém!

Sei que você pode me dizer: você é casado, como pode me cobrar alguma coisa?

Então eu te respondo: apenas vivo com a Ana. O nosso amor, a atração que sentíamos um pelo outro e até a amizade acabaram. O que permaneceu foi a gratidão e alguns resquícios de respeito.

Não sei em que parte do caminho a Ana começou a se perder ou até se sou responsável por parte desse declínio. O que sei é que não seria homem se pulasse fora do barco agora que ele está afundando. Preciso continuar a tentar ajudá-la. Enquanto houver esperança de melhora, eu vou apoiá-la. Isso não é nem pela Priscila, mas por mim, pelo homem que sou e que quero continuar sendo.

Sim, eu serei muito egoísta agora no pedido que farei, mas, por favor, me espera! Não se envolva com esse João e com nenhum outro homem que aparecer no seu caminho.

Me dê tempo para resolver a bagunça que está a minha vida, dê uma chance a nós dois.

Sou apaixonado por você desde o momento que a vi naquela ilha, pulando com meu irmão, com os cabelos sendo balançado pelo vento.

Se fechar os olhos, ainda consigo sentir aquele cheiro de mato, maresia, misturado com o som da sua risada e o calor do sol que aquecia nossa pele. Aqueles momentos estão gravados a fogo no meu coração, e por mais eu que tente, não vou esquecer.

Não foi em vão que nos reencontramos, Jake.

Então minha resposta é: Não! Não! Não!

Seja egoísta comigo e me espere, dê uma chance para os nossos corações.

Me espera, por favor.

Seu,

Daniel.

*

Termino de escrever e tenho lágrimas rolando pelo rosto, pois, a cada palavra digitada, a dor foi tomando conta do meu peito. Mesmo sendo o que mais desejo no mundo, nunca enviarei essa mensagem. Mas mesmo assim, precisava desabafar. Precisava colocar para fora essas palavras que me sufocam. Essa verdade que ameaça a todo momento escorregar dos meus dedos e entrar pelo teclado até o outro lado da tela.

Dói. Meu coração dói muito. Mesmo que meu cérebro saiba que ela nunca foi minha, meu coração não compreende isso. A única coisa que ele sabe é que eu estou perdendo a Jake. Pois, seja lá quem for esse João, nunca, nem em um milhão de anos, ele deixaria a chance de ficar com a Jake escapar.

Meu coração *sente* essa verdade.

Não posso pedir que ela me espere. Seria canalhice. Não sei se um dia terei condições de deixar a Ana. Pedir para que me espere por tempo indeterminado é impossível. Eu nunca trairia a Ana, embora essa troca de e-mails já seja uma traição. Não posso me permitir ir mais longe do que isso.

Vejo o que escrevi e levo o mouse até o botão de deletar, mas, em vez disso, acabo o salvando num rascunho, como se o simples fato de tê-lo na minha caixa de mensagem fosse me dar coragem de um dia, quem sabe, enviá-lo. Depois de salvo, fecho a janela e começo a redigir outro, que sei ser o certo a enviar.

*

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: sábado, 03 de maio de 2008, 08:32

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Ei!

Jake,

Ei, ei, ei!

O que acabou de acontecer aqui? Você desaparece, e quando retorna está toda soltinha. Você bebeu? Em que momento passei de melhor amigo virtual para aquela amiga confidente que você relata o seu primeiro beijo atrás da escola?

Fico feliz que tenha confiança em mim para pedir algo tão íntimo assim. Sobre o que me pediu... Bom, ele te faz bem? Você sente algo por ele? Se a resposta for sim, o que está esperando? Corre atrás desse homem!

Sei de uma coisa, esse cara é um homem de sorte. Ter uma chance com uma mulher magnífica como você é algo que ele não terá outra vez.

Então, corre para o salão para dar um trato no visual, compra uma *lingerie* nova, coloca aquela roupa arrasadora e bons amassos. Depois me conte os detalhes! (Acho que é isso que as amigas falam.)

Ou melhor, pensando bem, não me conte os detalhes, hauahuah.

Um abraço,

Daniel.

*

Arrasado, leio e clico em enviar. Esta foi uma das coisas mais difíceis que fiz na minha vida, jogar a mulher por quem estou apaixonado nos braços de outro homem.

Capítulo 17

Putá que pariu e mais todos os palavrões existentes no mundo, ele realmente me mandou dar para o João? Foi isso que acabei de ler? Eu jogo a isca e ele me devolve isso? Me manda comprar lingerie para me “amassar” com outro cara?

Nãaaaaao!

Que raiva da Mônica por ter me convencido a escrever algo assim, tão ridículo. As palavras dele só confirmam que o que temos é amizade, como me permiti ser convencida do contrário? Mais uma vez fiz papel de idiota. O que o Daniel deve estar pensando de mim? Que sou uma mulher fácil e que saio cada dia com um cara diferente?

Clico em responder já pensando em pedir desculpas, mas respiro fundo para não deixar a emoção me levar e resolvo deixar a resposta para outra hora. Me sinto um lixo, jogada para escanteio. Mercadoria velha que ninguém quer comprar nem na liquidação. Releio seu e-mail várias vezes.

Aos poucos, a raiva vai passando e releio suas palavras como vindas de um amigo, como ele deixou claro que é. Talvez o Daniel tenha razão. E se o João for o cara dos meus sonhos? O que ele fez até o momento demonstra que é um cara sério. Será que estou perdendo uma oportunidade de ser feliz? Deixando passar? Vivendo uma história que nunca poderá existir? Uma paixão que existe apenas dentro de um computador?

Pego meu celular e repasso as mensagens que o João mandou nos últimos dias. Se analisar bem, ele não foi grudento, foi fofo! Não sei se estou mudando isso pelas palavras do Daniel, mas a verdade é que talvez... o João mereça uma chance. Antes que eu mude de ideia, seleciono para fazer a chamada.

Após dois toques, ele atende.

— Alô?

— Oi... — falo num sussurro.

— Nossa, Jaqueline, que bom que você ligou, admito que achei que... sabe...

— Tudo bem, João, eu não ligaria mesmo.

— Ui. Que sincera! Seja lá o que aconteceu, admito que estou feliz. Tudo bem? — pergunta deixando passar a alegria que minha ligação causou.

— Tudo, sim, e com você?

— Melhor agora, muito melhor. — É possível sentir o sorriso nas suas palavras.

— Eu... liguei para dizer que aceito o seu convite.

— SÉrio? Nossa, pode ser amanhã se você quiser, estou de folga.
— Claro, amanhã é um bom dia.
— Passa seu endereço por mensagem, então, que passo para te buscar às oito.

— Sim.
— Combinado.
— Até às oito, então. Tchau.
— Jaqueline?
— Oi.
— Eu... Você não vai se arrepender. Até amanhã, tchau.
— Tchau.

Após um ou dois segundos, a linha fica muda. Fichas lançadas.

— Que eu não me arrependa e você seja o homem da minha vida, João. —
Fecho a tela do notebook sem dar tempo de pensar outra vez no dono das mensagens que recebi.

*

— Nossa, Jaqueline, você está ainda mais linda do que eu lembrava. —
João me puxa para um abraço e dá um beijo no topo da minha cabeça.

— É, você também não está nada mal — falo em tom de brincadeira.

Ele abre um sorriso e coloca a mão nas minhas costas, guiando-me até o carro. Segura a porta aberta e entro. Enquanto me sento no banco, ele faz a volta e toma seu lugar no banco do motorista.

— Linda e cheirosa — fala respirando fundo e depois se vira na minha direção. Faz menção de se aproximar para me beijar, mas paro sua investida com a mão no seu peito.

— João, eu... preciso ser sincera. Lembro muito pouco do nosso último encontro e acho que... as coisas precisam ir um pouco mais devagar.

— Você não se lembra da minha super performance da última vez que saímos? Nossa. Nunca pensei que seria um cara tão fácil de esquecer. — Deixa transparecer um toque de mágoa na sua voz.

— João, desculpa, eu...

— Estou brincando, florzinha. Admito que também bebi demais naquele dia. Você tem razão, vamos devagar. Acredite, não quero apenas mais uma noite com você — Termina com uma piscadinha charmosa antes de virar para frente e ligar o carro.

Durante o trajeto, a conversa flui tranquila entre a gente. No shopping,

assistimos a um filme, depois fazemos um lanche ali mesmo e, preciso admitir, o João não é um cara grudento. Muito pelo contrário, é um cara legal, divertido, alegre, atencioso e porque não admitir, charmoso e muito sexy.

Nossa noite foi muito melhor do que eu imaginava.

Quando ele me deixa em casa e se despede com um beijo, dessa vez não fujo e retribuo seu toque. Ele não tenta ir além disso e, após mais um beijo, subo para meu apartamento me sentindo leve. Tomo um banho, coloco meu pijama e me jogo na cama. Fico me virando e não consigo resistir: acabo levantando e pegando meu notebook para abrir minha caixa de mensagens.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: domingo, 04 de maio de 2008, 23:48

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Boa noite!

Oi, amigo confidente!

Não estava bêbada! Estava precisando de ajuda mesmo. Poxa, nunca ficou na dúvida se era ou não era certo fazer uma coisa? Estava assim, passando por uma leve crise de pânico diante do menino que me beijou atrás da escola. Rss.

Obrigada. Depois de ler seu e-mail, consegui enxergar as coisas mais claras e vi que tinha razão.

E se o João fosse o cara que eu estava pedindo aos céus? O meu príncipe encantado surgindo no seu cavalo branco para me tirar da solidão e tornar todos os meus sonhos em realidade? (Ok, isso é brega.)

Brincadeiras à parte, obrigada, de verdade.

Acabei de voltar da minha saída com o João. E pelo nosso encontro, o futuro promete.

Um grande abraço,

Sua amiga,

Jake.

*

Daniel

Pronto. Este é o começo do fim. De algo que nunca foi nada, mas que poderia ter sido meu tudo! Que o mundo continue a girar, um dia de cada vez. Quem sabe um dia eu consiga encontrar as partes do meu coração que foram estilhaçadas e jogadas ao vento neste momento.

Eu a perdi. Para alguém que eu sei que, mesmo sendo o melhor homem do mundo, nunca será nem por um segundo o que eu poderia ter sido na vida da Jake.

Capítulo 18

Um ano depois...

— João, por favor, não quero ter mais uma vez essa conversa. — Levanto do sofá e marcho em direção à cozinha.

— Mais uma vez essa conversa, sim, Jaqueline. Poxa, de quanto tempo mais você precisa para começar a levar a gente a sério? — Coloca as duas mãos na minha cintura e apoia o queixo no meu ombro. — Eu te amo, florzinha, casa comigo.

— João, eu levo a gente a sério, só acho que casar é um passo muito grande. — Começo a lavar a louça e torço para que ele não note a ansiedade na minha voz.

— Ok, você leva a sério, Jaqueline, mas tem alguma coisa que impede que você dê um passo adiante. — Ele tenta me virar, mas me desvencilho do seu toque.

— João, para com isso. Não quero casar. O jeito como nosso relacionamento funciona está ótimo. Nos vemos todos os dias. Casa um tem a sua casa e sua independência! Porque mudar o que está dando certo?

— Isso não é um relacionamento, Jaqueline. Não temos que ter cada um a sua vida, mas, sim, a nossa vida, construída juntos. — Desta vez, quando ele tenta me virar, acabo cedendo.

— João... — Tento argumentar, mas ele me cala com um beijo.

— Casa comigo, florzinha. — Pede entre um beijo e outro.

— João, por que mexer no que está ótimo? — Consigo perguntar entre um beijo e outro.

— Não entendo, Jaqueline... O que te prende?

— Nada me prende, João... — Aperto mais meus braços na sua cintura e deito minha cabeça no seu peito.

— Você tem medo que aconteça a mesma coisa do seu passado? Que eu use você como su...

— Não fala nisso, João, por favor — peço num sussurro.

— Tudo bem, não falo. Mas você mesma disse, já tivemos essa conversa umas cem vezes. Mesmo que diga que não tem nada, sei que alguma coisa te impede realmente de se doar ao nosso relacionamento. Você não me ama, é isso?

— questiona com a voz carregada de mágoa.

— Não é isso, João.

— Então o que é? Poxa... Antes de qualquer coisa, sou seu amigo. Confie em mim, Jaqueline, e me tire desse escuro. Nada mudará entre a gente, independente do que você me contar. Vou continuar te amando, talvez ainda mais, pois vou entender o que se passa nessa cabecinha. - Beija delicadamente minha testa.

Ficamos alguns segundos em silêncio.

— Existe outra pessoa? — pergunta e fica apenas me abraçando em silêncio, como quem sabe que preciso desses minutos para decidir se devo confiar nele.

Acabo cedendo para que ele consiga entender o que me prende, e quem sabe, me ajudar a decidir qual o próximo passo a dar.

— Sim e não. — Minha voz é um pouco mais que um sussurro.

— Sim e não? — Sinto seu corpo inteiro ficar tenso.

— Sim, porque tem outra pessoa. Não, porque essa pessoa não é o que você está pensando.

— Calma. — Ele respira fundo e segura meus ombros, fitando meus olhos.

— Existe outro homem, então? — Sua voz é cheia de rancor.

— Não dessa forma, João. Vamos sentar que preciso de tempo para explicar tudo para você.

Sentamos no sofá e, de forma resumida, conto para ele a loucura que é minha história com o Daniel.

— Deixa ver se entendi, você conheceu um cara há mais de sete anos, nunca mais o viu pessoalmente, mas continua se correspondendo com ele por e-mail. O cara é casado, aparentemente feliz no casamento, e de uma forma maluca, esse relacionamento que vocês têm é o obstáculo que existe entre a gente? É isso?

— Não é obstáculo, João, só que sinto que... ah, não sei o que sinto! — Apoio minha cabeça em minhas mãos e engulo as lágrimas que querem começar a correr.

— Eu te amo, João. — Ergo meu olhar para encontrar o seu. — Mas o que sinto pelo Daniel me impede de dar um passo adiante. É como se, de uma forma esquisita, estivesse traindo os dois.

— Jaqueline, isso é loucura!

— E eu não sei disso?

— Isso não é saudável, Jaqueline, precisa parar de se corresponder com

esse cara!

— Não vou parar, João. Ele é meu amigo e precisa de mim! Nem peça isso!

— Como não pedir isso, se você não quer ficar comigo por causa desse cara?! — exclama num tom de voz agressivo. Mal pronuncia as palavras e já se arrepende. — Desculpa, perdão por gritar. Estou nervoso.

— Tudo bem, entendo como é difícil para você. Deve estar nervoso e...

— Difícil? Nervoso? Jaqueline, você não tem noção de como estou me sentindo agora. Sabendo que a mulher que amo pensa em outro cara. — Passa as mãos pelo cabelo numa tentativa de se acalmar — Desculpa, não posso conversar com você agora. — Levanta e sai batendo a porta da sala.

Pronto. Tudo que eu não queria aconteceu. Deixei o Daniel se meter no meu relacionamento com o João. Beleza. Maravilha. Agora tenho dois relacionamentos problemáticos para solucionar.

DROGA. DROGA. DROGA.

Acordo muitas horas depois, com o calor de um corpo se encaixando no meu e com beijos mornos no meu pescoço.

— Desculpa, florzinha. Perdi a cabeça quando gritei com você — fala bem perto do meu ouvido.

— João...

— Shh... Não fala mais nada. Vamos esquecer essa conversa. Pensei bastante e vi que o que tem com esse cara é uma amizade, uma coisa platônica. Que o relacionamento com ele é diferente do nosso. Que ele não compete comigo.

— Não podemos esquecer, João. Se não resolvermos isso, essa será uma pedra entre a gente. Eu te amo, de verdade, quero você na minha vida. Também pensei muito e acho que você tem razão, não existem motivos para continuar fugindo de tornar o nosso relacionamento mais sério.

— Isso quer dizer que... — Me vira na cama e coloca seu corpo em cima do meu.

— Isso quer dizer que sim, aceito noivar com você. *Noivar*, João, não casar. Um passo de cada vez. — João me beija em todos os lugares do meu rosto. — Mas com uma condição, você tem que me comprar um anel bem lindo, daqueles dignos de filme romântico, me levar para jantar fora e fazer o pedido de joelhos! — Termina a frase numa gargalhada.

— Compro anel, rosas, levo você para jantar fora, peço de joelhos e tudo o que for preciso para que sua resposta continue sendo sim! — Sua boca toma a minha num beijo apaixonado e logo nossas roupas estão deixando nossos corpos.

Ele tem razão, não levar esse relacionamento adiante é loucura, afinal, eu amo o João e tenho *quase* certeza de que ficar com ele é o certo a fazer. Preciso aceitar que entre mim e o Daniel será sempre isso. Que entre a gente, mesmo que meu coração queira muito, nunca será mais que amizade ou seja lá o nome que é dado para esse nosso relacionamento.

Capítulo 19

Alguns meses depois...

Daniel

Nem quero pensar muito no assunto para não criar expectativas, mas, felizmente, depois de vários meses internada, a Ana está recebendo alta da clínica onde esteve em tratamento. Foi uma batalha convencer, ou melhor, fazê-la perceber que precisava desse tratamento, e outra batalha maior ainda fazer com que ela permanecesse lá dentro.

Sei que ainda não está curada, que talvez agora sair da clínica e enfrentar o mundo real seja o verdadeiro teste para sua recuperação. Mas isso não impede que eu esteja feliz. É um grande passo, e de passo a passo vamos longe.

Quando vejo a Ana caminhando em minha direção, vacilante, nervosa, percebo como meu papel nesse momento é fundamental. Quando estamos bem perto, abro os braços e ela se aconchega no calor do meu abraço.

— Oi, grandão — fala com o rosto escondido em meu peito.

— Oi, Ana. — Dou um beijo na sua cabeça. — Preparada?

— Não! — ela responde com verdadeiro pavor na sua voz. — Mas vou conseguir.

— Sem dúvida.

— E a Priscila, onde está? — questiona depois de se soltar dos meus braços.

— Na casa dos meus pais, vamos lá agora. Organizamos um almoço de boas-vindas, ela estava louca para vir buscar a mamãe. Só que como ela acha que estava viajando, ficaria confuso na cabecinha dela pegar você aqui.

— Sim, sim. Melhor que ela espere lá.

— Vamos? — Estendo a mão para que ela entrelace seus dedos nos meus, segurando forte, como se eu fosse sua tábua de salvação, e saímos da clínica.

Quando chegamos à casa dos meus pais, a Priscila se joga nos seus braços e

chora de felicidade ao ver a mamãe. Meu coração dói com a cena. Almoçamos por lá e depois passamos o resto da tarde juntos, com direito a cinema, pipoca, sorvete e depois terminamos o dia com nós três enroscados no sofá.

Jantamos e colocamos a Priscila na cama, que dormiu segurando a mão da Ana, com medo de que ela fosse "viajar" outra vez. A Ana me deu boa noite e seguiu para seu quarto, que uma vez foi o nosso. Muito antes de ela ir para a clínica, nós já dormíamos em quartos separados, e não foi diferente esta noite, evitando qualquer tipo de constrangimento entre a gente.

Respirando aliviado, sigo para o quarto de hóspedes, que agora é o meu quarto. Não importam os problemas que enfrento do lado de fora, quando fecho a porta sou apenas eu e meu mundo perfeito. Por isso, ele é meu refúgio, minha *Batcaverna*.

Mas nesta noite, quando fecho a porta, pela primeira vez em muitos anos sinto uma pontada de esperança, uma certeza de que agora tudo dará certo. Sinto que a Ana se recuperará de verdade, que não será apenas um período de lucidez antes que ela ceda outra vez ao vício. Não quero deixar meus problemas do lado de fora, porque sinto, no fundo da alma, que eles estão sendo solucionados e que meus dois mundos, finalmente, podem ser entrelaçados.

Pego meu notebook e deito embolado embaixo das cobertas.

Como em todas as noites, esta é a *minha* hora do dia. O momento que abrirei a caixa de entrada na procura de mensagens de uma remetente específica, que acelerará meu coração e colocará um sorriso no meu rosto. E hoje não é diferente. Deixo todos os dentes à mostra quando vejo uma de suas bem-humoradas mensagens para me alegrar.

Respiro fundo, pois sinto que o momento em que poderei deixar a Ana caminhar com as próprias pernas está chegando. Fiz uma promessa de que o dia que pegasse a Ana na clínica contaria para a Jake o que estava passando.

Mesmo que a Jake esteja com outra pessoa, o que não tenho certeza, mas percebo nas palavras que ela deixa escapar pelas entrelinhas, ela merece saber a verdade sobre meu casamento e, principalmente, sobre os meus sentimentos.

Com isso em mente, começo a redigir todas as verdades que escondi dela durante todos esses anos e, conforme as palavras vão surgindo na tela, o peso de reprimir durante todo esse tempo meus sentimentos vai saindo de dentro de mim.

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: domingo, 16 de agosto de 2009, 22:31

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Re: Dica de filme alucinante!

Olá, garota linda do outro lado da tela, tudo bem?

Então, sobre sua última mensagem, não assisti ainda esse filme, mas depois de sua resenha tão eloquente, estou ansioso. Assim que assistir, conto se achei isso tudo aí mesmo.

Mas, deixando o assunto de filme de lado, hoje, o papo é um pouco mais sério, diria que muito mais sério.

Há algum tempo (acho que anos, na verdade), quero conversar com você sobre algo. Sabe, sentia que não era o momento certo. Mas agora é. Posso contar algumas verdades para você, desabafar outras coisas que estou carregando comigo e que estão me deixando sufocado. Abrir meu coração e derramar em palavras todos os meus sentimentos.

Primeiro, precisa saber que, de tudo que escrevi, os sentimentos e desabafos que troquei com você foram verdades. Apenas em uma coisa, omiti ou modifiquei a realidade, de maneira que não fosse *inteiramente* verdade.

Diferente do que deixei transparecer em muitas vezes, meu casamento não é tão maravilhoso assim. Eu quis e precisava fazer com que tivesse essa impressão e, por isso, preciso que me perdoe. Meu casamento é uma enorme e confusa decepção.

Então sim, eu menti!

Só que tive meus motivos para mentir, juro! Para que possa entender, preciso contar tudo do início.

Quando você não quis se envolver comigo há tantos anos, eu fiquei arrasado. Até hoje não entendo o porquê (você não me contou), mas a verdade é que fiquei arrasado. Esperei muito seu contato, mas o tempo passou, perdi a esperança e fugi: fui morar no Canadá.

Conheci a Ana quando estava fora do Brasil, e no início, foi maravilhoso, um romance que vocês chamariam de conto de fadas. Mas quando comecei a ver e conhecer a Ana de verdade, percebi que não era exatamente aquilo que imaginava e queria numa mulher. Fiz o correto, então, acabei nosso relacionamento.

Logo depois, descobrimos que ela estava grávida. Então, mais uma vez, fiz o que achei ser o correto: voltamos para o Brasil e casamos. Aqui, nesse momento da história, foi quando recebi o seu primeiro e-mail e, por puro medo, eu te afastei, como forma de fortalecer e respeitar meu casamento.

Desse momento para frente, o que era ruim só piorou. Ana que primeiro era apenas irresponsável, depois do nascimento da nossa filha decaiu ainda mais, entrou em depressão e não conseguiu criar vínculos com a Priscila. Não a culpo por isso, mas também não a absolvo, pois, em vez de tentar deixar as pessoas lhe

ajudarem, ela usou outros meios para sair da depressão, o que só agravou ainda mais nossa situação. Para encurtar a história, acabou no fundo do poço, deprimida e dependente química de álcool e drogas.

De uma forma diferente da Ana, eu também me destruí. Foi nesse momento que você reapareceu na minha vida, quando eu estava no fundo do poço também. Perdido, sem forças para continuar enfrentando todas as provações que estavam na minha vida.

Quando li o que você me escreveu, um calor que tinha se apagado voltou a queimar dentro de mim. Me senti leve, feliz, e o Daniel que estava morrendo recebeu uma lufada de vida. Mesmo sabendo do perigo, não consegui te afastar outra vez. Não queria, essa era a verdade. Mas, o medo estava ali, me rondando, pois sabia o peso dos meus sentimentos por você. Por isso, criei regras como formas de me proteger, mas a verdade é que passei a contar os minutos para poder conversar com você. Nossas trocas de mensagens se tornaram o ponto alto do meu dia e, posso estar enganado, mas para você, esses momentos são especiais.

Você deve estar se questionando por que escolhi este momento para contar tudo isso para você.

Porque, Jake, sabe a tão famosa luz no final do túnel? Hoje, depois de anos de escuridão, ela brilhou forte, clara e muito nítida.

A Ana se tratou, acabou de sair da recuperação, e não posso dar uma data, um dia específico, mas sei que em pouco tempo seremos apenas amigos.

Não quero arriscar que, devido a minha falta de coragem ou até ao fato de tentar preservar nosso coração, outro obstáculo surja no nosso meio. Primeiro foi o problema que você estava enfrentando que impediu nossa aproximação em Florianópolis, depois o meu casamento e o vício da Ana. Não posso mais me calar!

Preciso admitir que somos muito mais do que amigos virtuais. Somos confidentes, almas gêmeas. Sinto isso e arrisco tudo ao enviar este e-mail, mas não posso mais segurar dentro de mim o que sufoco por mais de sete anos.

Não vou arriscar outra vez, Jake, porque agora posso te prometer um futuro. Essa farsa que é meu casamento vai terminar e serei livre para correr atrás dos meus sonhos. E, nos sonhos que projetei para minha vida, Jake, você está presente em todos!

Tenho muito mais coisas e segredos para compartilhar com você, mas sei que ao ler isso ficará surpresa, confusa, por isso, vamos com calma. Só te imploro, me responda logo, e por favor, dizendo que não sou louco, que o mesmo sentimento que queima aqui dentro também aquece o seu coração aí do outro lado!

Sempre seu,
Daniel.

Capítulo 20

— Piada... Deus, você me odeia, só pode ser... — Ao terminar de ler estou soluçando, afogada em minhas lágrimas.

Pulo da cama e coloco o notebook em cima dela.

— Sabe quantas vezes, quantas noites orei para que você me falasse algo assim? Centenas! — grito gesticulando para o notebook. — Centenas! Daí, quando desisto, dou um passo para outra direção, você vem e do nada despeja essa bomba em cima de mim! — grito descontrolada entre soluços.

— Eu odeio o que fez comigo! Por que agora? Pouco me importa se você estava passando por problemas, já parou para pensar no que eu estava passando? Em tudo que tive que renunciar para continuar vivendo e suportando a dor de sufocar o que sinto por você dentro de mim? Em como foi difícil me convencer de que não sentia nada por você e te afastar para que não sofresse ainda mais? — As lágrimas escorrem do meu rosto e mal percebo a porta sendo aberta nas minhas costas.

— Eu odeio você! Odeio como brincou comigo! Odeio como mentiu para mim! Odeio você! — continuo gritando para as paredes.

— Jake, querida, o que houve? — Ouço aquela voz nas minhas costas e tento me recompor.

— João? O que está fazendo aqui? — Viro na sua direção enquanto seco meu rosto, tentando disfarçar o quanto estou descontrolada.

— Estou aqui como tantas outras vezes depois que saio do meu trabalho. Por que estava gritando? — pergunta enquanto se aproxima cautelosamente.

— Nada, João, não estou num bom dia, só isso. Não sabia que precisava dar satisfação agora também dos meus pensamentos — falo de forma grosseira enquanto continuo secando as lágrimas e secando as mãos na minha bermuda.

— Ninguém berra “eu te odeio” por nada, Jake — responde com a voz modulada com a paciência que sei que não está sentindo, e isso me deixa ainda mais irritada.

— Eu berro, algum problema quanto a isso? — retruco rispidamente.

— Ei, calma, querida. — Levanta as mãos num gesto defensivo e se aproxima alguns passos. — Aconteceu alguma coisa e estou tentando te ajudar, só isso, Jake. — Coloca a mão no meu ombro dando uma leve apertada.

— Então não tente. Fica quieto que não estou num bom momento! — grito o empurrando bruscamente para que saia da minha frente e entro no banheiro para tentar me recompor.

Fico trancada durante vários minutos no banheiro e fragmentos do e-mail voltam na minha mente. Preciso me acalmar, pois o João não pode saber o motivo desse meu nervosismo. Porém, tudo que consigo pensar é: por que agora?

Por que agora?

Por que justamente agora?

Quando estou mais tranquila ou pelo menos conseguindo disfarçar o turbilhão de emoções que estão dentro de mim, saio do banheiro e vejo o João sentado na cama com o controle da televisão nas mãos.

— Desculpa, João, gritei com você sem motivos — falo quando chego perto da cama.

— Desculpada — ele responde sem olhar na minha direção.

Faço a volta e sento do outro lado.

— Quer jantar? — pergunto cautelosa, mas ele não responde em voz, apenas balança a cabeça negativamente.

O silêncio continua pesado, deixando o clima entre nós dois ainda mais tenso.

— Jake? — ele pergunta num fio de voz que soa frio. — Você tem certeza?

— Não entendi a pergunta, João.

— Você está arrependida? Tem certeza de que quer casar comigo sábado? — pergunta sem ainda olhar na minha direção.

— Claro que tenho, por que essa pergunta agora? — Sinto o coração batendo na minha garganta.

— Não sei... essa sua reação há pouco foi... incomum.

— João, estou nervosa, sabe que não queria nada de festa.

— Então isso foi apenas estresse pré-casamento?

— Não sei o que foi, João, ok? Vi um filme, me lembrei de algumas coisas e perdi o controle, só isso.

Ele ainda não olha para mim, fica apenas mudando de canal na televisão, com o semblante pesado.

— Se... você se arrependesse, falaria para mim, certo?

— João, eu não estou arrependida! — respondo exaltada.

— Entendi, mas se você estivesse, qual seria sua reação?

— Não sei, João! Que coisa, como vou saber qual reação teria diante de uma situação hipotética? Não vou desistir do casamento.

Ele fica mais alguns segundos em silêncio, depois desliga a televisão e coloca o controle em cima do criado-mudo se sentando na lateral da cama.

— Jake, mesmo se você se arrependesse — fala olhando para frente com a voz carregada de emoção. — Eu ainda quereria você — completa e olha na minha direção. — Porque eu te amo por nós dois. E mesmo que não tenha o seu amor, ainda quero o que você estiver disposta a me dar — termina a frase com um soluço escapando de seus lábios.

— João... — Me ajoelho na cama e o abraço por trás. — Por que isso agora?

— Porque eu te amo, Jake, você é toda a razão da minha vida — fala e ouço o tom de choro na sua voz. — Desculpa, mas eu te amo mais do que a mim mesmo. — Delicadamente se solta do meu abraço e sem olhar na minha direção sai do meu quarto, ouço o clique da porta da casa depois de alguns segundos.

Não entendo o que acabou de acontecer. Só depois de algum tempo percebo que ainda estou ajoelhada na cama olhando na direção da porta fechada.

Aos poucos, os acontecimentos da última hora vão me atingindo. O e-mail. A discussão. A conversa estranha com o João. O e-mail do Daniel! Eu deixei o notebook em cima da cama, aberto! Será que o João leu? Isso justificaria sua atitude estranha.

Procuro onde está meu notebook e vejo que ele está em cima da cômoda. Corro até lá e passo o dedo no mouse. A tela está bloqueada. O João não tem a minha senha, mas isso não significa que ele não tenha lido, a tela podia estar desbloqueada minutos atrás.

Digito a senha apressadamente no teclado. Quando entra, vejo o e-mail aberto com a tela de rolagem do final da página. A princípio, está da mesma forma que deixei quando terminei a leitura. Mas isso não significa nada! Será que o João leu? Mas se ele leu, qual é o problema? Nunca menti ou escondi meus sentimentos pelo Daniel.

E depois, não fiz nada. Ou melhor, não fizemos nada. Debato-me na dúvida se devo ou não responder o Daniel. Se o João leu e voltar agora, ficará arrasado se me pegar escrevendo para ele.

Pondero e o melhor é resolver um problema de cada vez. Primeiro o João, depois o Daniel. Procuro o celular e mando uma mensagem de texto para João, porque não gostei nem um pouco da forma como ele deixou meu apartamento.

Capítulo 21

Mesmo depois de muitas mensagens para o João, a única resposta que recebi foi que ele estava com uma enxaqueca, que me amava, que dormiria cedo, pois tinha surgido uma viagem de trabalho urgente para fazer a São Paulo amanhã.

Mesmo preocupada, receber sua resposta acalmou meu coração. Nutro sentimentos pelo Daniel, mas não posso me enganar, eu amo o João. Ele é tudo que pedi num homem e muito mais do que mereço. Sei que devia esquecer o outro e mergulhar no meu relacionamento, mas o coração é um músculo traiçoeiro e com vida própria. Nem sempre o que sabemos é o que ele quer fazer.

Já passa das duas da manhã e, mesmo assumindo o plantão amanhã bem cedo, não consigo pegar no sono. Minha mente não desliga. Meu coração não desacelera. Quero entender o porquê dessa mensagem do Daniel justo agora, quando estou a menos de uma semana do meu casamento. Foram anos, ANOS, esperando por essas palavras, e quando perco as esperanças, quando me conformo que somos apenas amigos e que essa energia que sinto cada vez que penso nele é apenas do meu lado, recebo as benditas palavras que balançam meu mundo.

Queria chamar a Fernanda para chorar no seu ombro, mas não posso, ela está grávida e sua gestação está complicada, não posso preocupá-la mais uma vez com meus problemas. Pensei em chamar a Mônica, mas sei qual seria seu conselho: *o João é bom de cama, não é? Sabe fazer sexo oral? Então por que se arriscar? Homem bom de cama é algo em extinção hoje, queridinha*, e mesmo tão apreensiva, sorrio diante desse pensamento.

Mas poxa, sinceramente, não é justo comigo. Quero o Daniel, mas ele me tratou como uma segunda opção. Outra vez. Quem devia me amar, me deixa na reserva! Não sei se quero o João, mas tenho que admitir, ele me trata como sua única, exclusiva e perpétua opção. Por que a vida precisa ser tão confusa? Por que o coração precisa ser tão complexo?

Queria meu avô aqui comigo. Fecho os olhos e posso quase sentir seu abraço, seu cuidado. Ah, como queria a oportunidade de deitar no seu ombro uma última vez. Mas não posso, por isso, me conforto com o pensamento de que ele está comigo, me vigiando e guiando para o melhor caminho.

Não vou conseguir dormir, então resolvo colocar essa minha indignação em palavras. Como sei que o João não virá para cá a essa hora da madrugada, começo a escrever minha resposta.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: segunda-feira, 17 de agosto de 2009, 03:22

Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Assunto: Re: Re: Dica de filme alucinante!

Ei... ei... ei...

Calma, desacelera.

Você mentiu para mim sobre seu casamento? Em vez de um casamento dos sonhos, você vivia um casamento destruído? Tem noção de quantas vezes me castiguei por torcer para seu casamento fracassar e dar errado? Quantas vezes me julguei maluca pelas coisas que entendia nas entrelinhas do que você escrevia? Quantas vezes quis morrer por sentir essa nossa conexão, esse laço que me puxa sempre na sua direção?

Odeio mentiras. A verdade, por mais dolorida que seja, é sempre a melhor opção.

Isso não teria mudado nosso relacionamento, pois nunca passaria do que foi, uma troca de e-mails. Não por mim ou por você, mas por respeito à sua família. Mas, pelo menos, eu saberia a verdade!

Tem noção de quantas coisas teriam sido mais simples se tivesse simplesmente me contado a verdade? Quanto sofrimento e lágrimas poderiam ter sido evitados?

Sinceramente, não sei se gostei de receber a mensagem.

Mesmo que a resposta seja *sim, eu retribuo seus sentimentos*, o que faz seu coração acelerar aí também causa a pulsação acelerada do meu aqui, mesmo assim, agora, preferiria continuar negando. Depois de tanto tempo, na atual situação da minha vida, preferiria que não tivesse me dito nada, que continuasse mentindo e escondendo a verdade, que sufocasse dentro de você e engolissem esses sentimentos de volta!

Da mesma forma que você se abriu comigo, vou me abrir para você.

Eu esperei muito, muito mesmo pelas palavras que li hoje. Mas, assim como você, desisti de esperá-las. Precisava seguir minha vida. E adivinha? Lembra-se do João, daquele cara que VOCÊ me disse para dar uma chance, que poderia ser um cara bacana? Pois é, ele é mais do que bacana. Ele é perfeito. Muita mais do que poderia imaginar.

Quer piorar isso? Estou de casamento marcado com ele. Vamos piorar ainda mais um pouco? Para sábado. Aí você pode pensar: *ainda bem que consegui contar para ela antes do casamento*. E eu te respondo: NÃO! ISSO NÃO FOI BOM!

Porque eu amo o João e nunca, jamais vou magoá-lo! Mas não posso mentir, também tenho SENTIMENTOS POR VOCÊ! Sentimentos que não sei mensurar nem nominar porque estavam sufocados dentro de mim e achei que

nunca teria a oportunidade de descobrir o que eles significam.

E agora, o que faço?

Caso com o homem que me dará as estrelas do céu ou dou uma chance para o cara que sempre quis do meu lado, mas que mentiu e me tratou como segunda opção?

Estou profundamente abalada!

Desculpe-me se não estou saltitando de emoção por seu depoimento apaixonado. Neste momento, as únicas coisas que penso são:

Por que agora? O que vou fazer?

E minha resposta é: PUTA QUE PARIU, EU NÃO SEI!

Preciso de tempo para pensar.

E se tem algo que não tenho, é tempo!

Por favor, não me pressione neste momento, preciso pensar, Jake.

*

Capítulo 22

Daniel

Que droga de vida!

Quando acho que finalmente as coisas vão se ajeitar, recebo uma pancada que me deixa desorientado. Enviei o e-mail para a Jake ontem, me senti leve, radiante, realizado, como se, por fim, estivesse tendo a oportunidade de viver um sonho reprimido dentro do peito. Qual não foi minha surpresa ao receber uma mensagem, algumas horas depois, me detonando? Com direito a xingamento de todos os nomes, pedindo, ou melhor, exigindo explicações do por que eu estava roubando a mulher dele! E então descobri que o bendito e-mail era do NOIVO da Jake! NOIVO!

Ele me mandou parar de falar com a Jake, porque ela é dele. Exigiu que eu me afaste dela para sempre. Como assim ela é dele? A Jake não é uma mercadoria para ter dono! Disse que não vou me afastar, que só faria isso se a própria Jake me pedir.

Então, ele disse que eu não devo falar dessa nossa troca de mensagens com ela, quis saber onde eu moro, pois precisava conversar comigo pessoalmente, cara a cara, para me explicar algumas coisas. Disse que vou conhecer a verdadeira história da Jake e, por livre e espontânea vontade, vou me afastar e deixar que ele cuide dela.

No calor do momento, aceitei me encontrar com ele. Estava ainda fervendo

de raiva quando, sem conseguir dormir, ouvi o barulho de uma mensagem entrando na minha caixa de entrada. E, merda! Era um e-mail perturbador da Jake que, aparentemente, não sabe que o noivo entrou em contato comigo.

Isso é loucura, pura e simplesmente loucura.

Sei que o correto é responder ao noivo dizendo que vou manter distância, falar para a Jake que não mereço o amor dela e que deve se casar com esse tal de João. Mas quem disse que consigo? Fazer isso é abrir mão da parte mais colorida da minha vida.

Quando meu interfone toca e minha secretária me informa que tem um senhor chamado João querendo falar comigo na recepção, todos os nervos do meu corpo ficam em alerta aguardando sua entrada. Me vejo torcendo para que entre um cara pegajoso pela porta, feio, cheio de verrugas e cheirando a esterco velho. Mas quando a porta abre, o que entra na minha sala é um cara alto, com boa aparência e me percebo realizando um comparativo entre nós dois, medindo qualidades para concluir quem é o mais bonito.

Me sentiria um ridículo, se não estivesse vendo o mesmo tipo de olhar vindo do outro homem.

— Então você é o tão famoso Daniel, o cara que deixou a vida da Jake em banho-maria.

— Cara, trocar farpas não vai nos levar a lugar nenhum.

— Verdade, me desculpa. Sou o João, futuro marido da Jaqueline.

— Prazer, João. Eu não daria essa jogada por vencida ainda, amigo. A Jake sabe que você está aqui?

— Não sabe e espero que continue não sabendo. Não pretendo tomar muito do seu tempo, mas certas coisas não podem ser ditas por mensagem e o que preciso conversar com você é uma delas.

— Sou todo ouvidos, João, fale logo esse segredo sujo que acha que vai me afastar da Jake.

— Não tenho nenhum segredo sujo para te contar dela. O que tenho para falar apenas vai mostrar como você não merece ficar com a Jake. Que você não sabe nada do que aquela menina já passou.

— Cara, é tempo perdido. Demorei muitos anos para ter a oportunidade de me abrir, e agora que ela sabe dos meus sentimentos, nada me fará recuar.

— Você sabe o motivo de ela ter se afastado de você naquela ilha? — Pergunta direta, sem deixar transparecer qualquer tipo de emoção.

— Sinceramente, não sei. Várias vezes perguntei, mas ela não quis me contar. Parei de insistir, porque, quando quisesse falar, ela mesma tomaria a

iniciativa.

— Ela nunca vai tomar essa iniciativa, sabe por quê? Porque ela não fala daquele momento da vida dela com qualquer pessoa. Apenas com aqueles que ela tem total confiança. Se ela não se abriu com você, é o primeiro indício de que não confia tanto assim.

— Não me importa o que você...

— Ela queria morrer.

— Oi?

— Ela queria morrer, por isso não quis se envolver com você.

— Não entendi.

— Não existe o que deve ser entendido, é isso mesmo. Quando você conheceu a Jaqueline, ela queria morrer, por isso não se envolveu com você. Você não foi suficiente para mudar a vida dela naquela época e não é suficiente agora.

— Se esse é seu argumento, não me convenceu. Pode levantar sua bunda da cadeira e voltar para sua cidade.

— Ela tentou se matar, logo depois que te conheceu.

Puxo o ar assustado.

— Vejo que agora tenho sua atenção, *poderoso chefão*. Quando conheceu a Jaqueline naquela ilha, sabe o que ela tinha ido fazer lá? Qual era a resposta que ela estava indo buscar? Não tem nem noção, né? Ela queria descobrir se merecia continuar a vida, o que ela ganharia se não se matasse e acabasse de uma vez com todo o seu sofrimento.

— Ela estava lá, porque o avô dela...

— Sim, eu conheço a história, o avô dela trabalhou na reconstrução do local e blá blá blá. Aquele lugar é onde ela consegue sentir a presença dele e isso e aquilo. Mas a verdade é que ela estava tão perdida e desesperada, se sentindo tão sozinha, que ela foi lá para se despedir dele.

— João, na boa, não estou entendendo o que quer explicar.

— Quero explicar que você não é bom para ela. Te conhecer não mudou os planos dela de desistir de viver. E foi exatamente isso que ela fez, tentou se matar. Por isso, reafirmo: você não é bom para ela.

— Como assim ela tentou se matar?

— Explicarei tudo, então tenho certeza que vai concordar comigo e se convencer que não é o cara certo para ela. Quando a Jake tinha poucos anos de vida, foi deixada pela mãe para ser cuidada pelos avós. Ela foi amada, cuidada e bem tratada. Quando era criança ainda, a avó faleceu, e o avô ficou responsável

por cuidar dela. Foi assim que criaram esse vínculo tão forte. O avô tinha algum dinheiro guardado e, com medo do que poderia acontecer, por preocupação mesmo, transferiu tudo para uma conta em nome da Jake, além de fazer um testamento deixando todos os bens para ela.

Solto a respiração demonstrando que estou entediado, mas o João não altera o som da sua narrativa.

— Quando estava estudando para o vestibular no final do ensino médio, a Jake começou a sentir mal-estar, um pouco de febre, dor no corpo, mas achou que tudo era decorrente do momento que ela estava passando e não quis preocupar seu avô. Um dia, andando na rua, ela desmaiou e foi levada para o hospital. Lá, depois de uma bateria de exames, foi diagnosticada com leucemia. Então, com todo o apoio do seu avô, enfrentou o tratamento, tomando remédios, fazendo quimioterapia, mas, infelizmente, não deu certo. O quadro clínico dela só piorava. Os médicos desistiram da quimioterapia e começaram a procurar um doador para um transplante. Seu avô pediu para ela desistir da faculdade, dar um tempo primeiro para se cuidar, mas ela não quis. O último lugar em que ela esteve com seu avô foi na ilha, pedindo para ela deixar os sonhos um pouco de lado e se cuidar, lutar para melhorar. Quando seu avô faleceu, ela se culpou muito, por achar que a morte foi devido a todo o estresse que ele estava passando. Depois, ela descobriu que, na verdade, ele tinha um problema no coração e que estava se tratando fazia muito tempo, mas isso não foi o suficiente para ela se culpar menos.

— Imagina como estava a cabeça dela, tinha completado dezoito anos e estava sozinha e doente. Em meio à dor da perda e à debilidade que a doença causava, sua mãe, que tinha praticamente sumido da sua vida, apareceu para cobrar sua herança. Quando descobriu que tudo tinha ficado para a Jake, humilhou a menina dizendo que devia ter abortado a Jake como tinha planejado fazer e não seguido adiante como os pais dela tinham insistido, porque hoje ela seria a herdeira e não a Jake. Logo depois dessa briga, a mãe dela sumiu.

— Nessa mesma época, ela conheceu um homem. No início, era uma amizade normal entre um homem e uma mulher, e foi evoluindo até começarem a namorar. Ela ficou encantada com o apoio que estava recebendo desse amigo. Mas aos poucos, ele começou a pedir pequenos presentes, um dinheiro emprestado aqui, uma coisa ali, até que ele chegou e sugeriu que eles abrissem uma conta conjunta, para que pudesse comprar as coisas e ajudar quando ela estivesse internada. Ela quase fez isso. O que a impediu foi chegar no apartamento dele um dia e flagrar o cara na cama com a mãe dela! Ele se aproximou dela se aproveitando da sua vulnerabilidade. Estava só planejando

um golpe. Isso acabou com a Jake.

— Meu, que megera! Como pôde fazer isso quando a Jake mais precisava de ajuda?

— E isso não é o pior.

— Piora ainda?

— Piora. Lembra que os tratamentos não estavam funcionando e que uma possível solução levantada pelos médicos seria um transplante de medula? Ali, começou o verdadeiro tormento da Jaqueline. Todos os parentes que ela conhecia foram até o banco de sangue testar se eram compatíveis, mas nenhum resultado deu positivo. Sabe quais as únicas pessoas que não foram até o hospital? A mãe e a irmã. O médico da Jaqueline entrou em contato, pedindo para que elas fossem fazer a checagem, porque elas poderiam salvar a vida da Jaqueline. Elas não foram. Sabe por quê? Porque se a Jaqueline morresse, elas seriam as únicas herdeiras. Quando a Jake soube disso, fez um testamento que, em caso de morte, todos os bens iriam para uma instituição de caridade. A mãe quando descobriu isso foi até o hospital e berrou tanto, mas tanto, que teve que ser retirada pelos seguranças. Então, a mãe dela lançou a carta que tinha na manga: torcer para o resultado dar positivo. Problema solucionado? Não... A mãe começou a chantagear a Jake exigindo dinheiro para fazer o exame.

— Filha da puta...

— No início, ela se negou a sequer atender os telefonemas da mãe, mas conforme o tic tac do relógio corria e a urgência pelo transplante aumentava, ela cedeu e acabou dando a quantia de dinheiro que a mãe queria. E adivinha? Resultado positivo.

— E aí, o que aconteceu?

— Mais uma vez, chantagem. A mãe faria o transplante, desde que a Jake passasse os bens herdados para o nome dela. Além de todo dinheiro que ela tivesse no banco. Jake não quis, preferia morrer a deixar a sua mãe, que sempre foi uma péssima filha e mãe, ficar com aquilo que seu avô tinha deixado para ela e que foi construído com tanto sacrifício. Apesar da saúde frágil, não existia necessidade de ela ficar internada e foi aí que resolveu ir até Florianópolis se despedir do seu avô. Ela não suportava ser tão pouco para sua mãe, a ponto de ela desejar a sua morte. Não suportava a chantagem que a mãe estava fazendo e preferia morrer a ceder. Por isso ela te afastou, porque sabia que morreria e não queria fazer você sentir a dor que ela tinha sentido quando perdeu os avós. Da mesma forma que te afastou, excluiu todas as pessoas da vida dela.

— Meu Deus, eu nunca pensei que ela estivesse passando por isso. Ela não parecia doente quando a conheci na ilha.

— Pois é, Jake é uma menina única, não demonstra seus sofrimentos. Quando saiu daquela ilha, ao mesmo tempo em que queria viver, não queria deixar sua mãe vencer. Então, sabe o que ela fez? Se trancou no seu apartamento e não saía para nada. Não existia ninguém para sentir sua falta, nenhuma pessoa para estranhar o fato de ela não sair de dentro do apartamento, porque ela tinha afastado todas as pessoas. Ela se trancou lá para morrer. Sabe quem foi que salvou ela? O porteiro do prédio. O hospital ligou para ela diversas vezes, como ela não atendeu, entrou em contato com o prédio. O porteiro subiu no apartamento, bateu e, como ela não respondeu, suspeitou que alguma coisa estivesse acontecendo e arrombou a porta. Encontrou a Jake desacordada. E no final das contas, sabe o que o hospital queria? Avisar que encontraram outro doador compatível.

— Jesus...

— Jake entrou no hospital quase morta, por isso não foi possível fazer o transplante logo em seguida. Mas ela ficou internada e, quando melhorou um pouco, o procedimento foi realizado. Melhorou e depois de meses saiu de lá mais viva que nunca. Convicta do que queria para sua vida: ser feliz. Por causa do tratamento, ela acabou vendendo os bens e usou o dinheiro para comprar um pequeno apartamento quando mudou de cidade e para se manter até terminar o curso de técnico em enfermagem que fez, porque não quis voltar a fazer a faculdade de História. Ela mudou seus planos, quis deixar a velha vida completamente para trás. Você entende agora por que a Jake não pôde ficar com você? Olha o que estava passando e preferiu enfrentar tudo isso sozinha, ao invés de escolher ter você do lado dela. Ela quis morrer e não mudou os planos por sua causa.

— Eu não sabia... não imaginava nada assim...

— Quão bem você acha que conhece a Jake, se não sabe isso dela?

— Ela não quis me falar e eu... achei melhor não insistir.

— Jake acha que a culpa pelo que a mãe fez é dela, porque não era suficientemente boa para fazer a mãe amá-la.

— Isso não é verdade!

— Eu sei disso, você sabe disso, mas para a Jaqueline, a verdade é que a mãe a odeia a ponto de desejar a sua morte, que entre ela e o dinheiro, a mãe preferiu o dinheiro. Ela não merece ser uma segunda opção. Ela precisa de alguém que a ame a ponto de ser o seu tudo, de abdicar da sua vida para que ela seja feliz. E você, mesmo que esteja se separando, que diga que a ama, o que não duvido, nunca poderá dar todo amor e carinho que a Jake merece. Sempre existirá sua ex problemática que pode precisar de ajuda a qualquer momento.

— Não é bem assim...

— É bem assim, sim! Se sua ex te ligar no meio da noite, drogada, precisando de ajuda, não vai largar tudo para ir atrás dela? E como a Jake ficará em casa? Pensando no que pode estar acontecendo entre vocês dois? Porque se uma vez você preferiu a sua ex, quem garante que não vai preferir outra? Ela nunca seria verdadeiramente feliz! Você não pode fazer isso com ela! Se realmente a ama, tem que se afastar e deixar ela ir. Ela precisa e merece ser feliz e eu sou o cara que pode fazer isso.

— Não posso simplesmente sair da vida dela.

— Pode e deve! Enquanto vocês estiverem trocando mensagens, ela nunca se sentirá verdadeiramente livre, porque sempre existirá um relacionamento prendendo vocês. Tem que sumir, desaparecer da vida dela.

— Como posso saber se isso é o que ela realmente quer?

— Pode não ser o que ela quer, mas é o que ela precisa. Eu sou o que ela precisa. Posso não ter dinheiro, cara, sou um mero funcionário numa empresa qualquer, trabalhando para pagar minhas contas. Mas eu amo aquela mulher mais que a minha própria vida. Te prometo, não é uma briga de egos para ver quem ficará com o prêmio no final, eu realmente a amo e quero que ela seja feliz. E sei que posso fazer isso! Se você realmente a ama, vai desaparecer da vida dela para sempre. Você não foi o cara certo para ela antes e não é o cara certo para ela agora. Ela não precisa de um fantasma, mas de um homem que dará as estrelas se ela pedir, e esse cara sou eu.

Com essas palavras, o João se levanta e vai embora.

Quando ele chegou, eu era um apaixonado enlouquecido que mataria qualquer um para ficar com a mulher que amo. Agora que ele saiu, deixou um apaixonado enlouquecido que fará qualquer coisa para fazer a mulher que ama feliz, nem que para isso tenha que sofrer no caminho e matar a si mesmo no processo. Porque tenho certeza que me afastar dela me matará, tamanha a dor que sentirei.

A grande verdade é que a Jake não merece migalhas! Merece alguém que lhe dê as estrelas e o mundo, e esse cara não sou eu.

Capítulo 23

Sessenta horas.

Esse é o tempo que tenho para decidir o que fazer da minha vida. Sei o que é o certo, mas quero esse certo? Fiz tudo que julguei certo na minha vida e olha

onde estou, numa grande confusão! Tudo que me propus a fazer depois que saí do hospital foi ser feliz, não deixar ninguém mais me enganar como o Maurício e minha mãe fizeram. Mas estou sendo feliz?

Casar com o João me fará feliz? Ou estou optando pelo mais fácil, pelo politicamente correto? Só o fato de ter dúvida disso já demonstra que estou no caminho errado. O João não me disse nada, mas tenho certeza que ele leu o e-mail. Como abordar isso? Ele viajou e não mandou sequer uma mensagem. Tenho medo de falar algo e acabar o magoando mais ainda. Então, só vou tocar no assunto quando tiver minha decisão.

O Daniel, depois do meu desabafo, sumiu também. Creio que me dando aquele tempo que tanto pedi. Quanto mais penso no assunto, mais dúvidas me assolam. Num instante, sei que devo ficar com o João. Afinal, conheço-o fisicamente e emocionalmente. Já o Daniel, não sei o que conheço dele! Quem garante que o Daniel que eu imagino é real ou fruto da minha paixão platônica?

Não posso jogar tudo para o alto e trocar um relacionamento sério por uma aventura, uma pessoa que sequer conheço direito. Não sei nem qual é a aparência que o Daniel tem depois de tantos anos.

Sim. Ficar com o João é o certo a fazer.

Mas então, poucos segundos depois, acho que o certo é tentar dar uma chance para o Daniel, para seja lá o que rola entre a gente, amor, paixão ou qualquer outro nome que é dado para o que sinto por ele. Afinal, foram anos sufocando esses sentimentos dentro de mim. Talvez não devesse tê-lo afastado há tantos anos. Tudo seria diferente hoje.

Olha tudo que aconteceu para que a gente se aproximasse outra vez, não pode ter sido em vão. O Daniel é mais do que um vício na minha vida. Fecho os olhos, sinto aquele breve beijo e sei que naquele momento ele capturou meu coração e gravou seu nome dentro de mim.

Tenho que dar uma chance, isso é o certo a fazer! Tenho certeza, é isso que farei, darei a chance para o Daniel!

Pouco tempo depois, mudo de opinião outra vez. Estou ferrada, muito ferrada!

Chego do meu plantão em casa totalmente acabada, depois de ficar sem dormir praticamente por duas noites. Meu tempo está acabando, preciso decidir! Olho mais uma vez no celular para verificar se recebi mensagem do João e nada, nem respondeu a que enviei hoje no início da manhã. Devo ligar?

Resolvo que, se ele não der nenhum sinal até o final do dia, vou ligar para ele. Quanto ao Daniel, agora que estou mais calma tenho algumas perguntas para

fazer. Depois de dois dias sem olhar meus e-mails, resolvo que é a hora de encarar isso.

Faço um café e vou para o meu quarto, abro o notebook e, enquanto ele liga, fico pensando no que vou escrever. Quando abro minha caixa de entrada e corro os olhos pelo conteúdo, meu coração dá um pulo no peito. Tenho uma mensagem recebida há poucos minutos do Daniel.

*

De: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>

Enviado: quarta-feira, 19 de agosto de 2009, 16:40

Para: Jake <jaqueline@gmail.com>

Assunto: Perdão

Perdão, Jake. Mil vezes perdão!

Apenas isso que posso pedir para você. Fiz uma confusão enorme com meu último e-mail. Depois de tantos anos, pensei apenas em mim, não levei em consideração que você também tinha uma vida, que não ficou nem devia ter ficado me esperando. Daí venho, de maneira irresponsável, e jogo uma bomba em cima de você. Fui egoísta e irracional. Deixei a alegria do momento interferir no meu julgamento. Falei o que não devia, fiz besteira.

Perdão! Perdão! Esqueça minha última mensagem, por favor!

Tudo que te peço é isto: esqueça!

Para ser sincero, percebi que não posso me separar da Ana, nem hoje nem nunca. Tentarei reconstruir meu casamento, isso é o mínimo que posso fazer depois de toda a trajetória que tenho com ela. Não posso esquecer também porque temos uma filha juntos, que merece todas as tentativas de ter sua família unida.

Desejo sinceramente, do fundo do meu coração, que seja muito feliz nesse casamento. Que tenha não apenas um dia maravilhoso, mas que a vida de vocês seja regada de muito amor e muitos momentos da mais completa paz e felicidade.

Você não tem noção de como escrever isso está sendo difícil para mim, mas preciso fazer o certo, que é deixar você com o cara que tem condições de fazê-la feliz. Sinto que esse João pode lhe dar o mundo, então, não se faça de rogada, peça o mundo para ele!

Não importa se de longe ou de perto, comigo ou com outra pessoa, quero a sua felicidade, porque você merece todo o amor do universo!

Seja feliz, Jake, pois, de todas as pessoas do mundo, você é a que mais merece!

*Para sempre seu,
Daniel.*

*

—Não! Você está brincando comigo! — esbravejo quando termino de ler.
Todas as minhas dúvidas caem por terra e se dissipam completamente e sem pensar direito, começo a redigir a resposta.

*

De: Jake <jaqueline@gmail.com>
Enviado: quarta-feira, 19 de agosto de 2009, 16:58
Para: Daniel <danielsoranso80@gmail.com>
Assunto: Re: Perdão

Você está louco, Daniel? As palavras que disse não podem ser simplesmente apagadas!

Nossa conexão não pode ser mais negada, Daniel! São anos sufocando isso dentro de mim. Chega de se esconder, vamos encarar de uma vez o que sentimos um pelo outro e descobrir aonde isso vai nos levar.

Não te perdoo, não te perdoo! E não vou fingir que não enviou esse e-mail, vamos esclarecer tudo entre a gente. Não entende que não posso simplesmente me casar com outro quando é você que eu quero?

Vamos conversar, me liga, por favor.

Meu telefone é 088 997653442.

Por favor!

Agora. Estou esperando!

Jake.

*

Quando termino de escrever, minha respiração está acelerada e meu coração bate descompassado no peito. Clico em enviar e espero sua resposta.

Capítulo 24

Falha no envio. Essa caixa de mensagem foi desabilitada.

A internet deve ter caído. Abro outra vez e clico em enviar.

Falha no envio. Essa caixa de mensagem foi desabilitada.

Olho para a tela sem conseguir entender o que está acontecendo. Mais uma vez abro o e-mail e verifico se o endereço está correto. Abro uma página

qualquer para testar se a internet está funcionando.

Normal, tudo normal.

Outra vez reenvio a mensagem e prendo a respiração nos segundos que se seguem.

Falha no envio. Essa caixa de mensagem foi desabilitada.

Desabilitada? Como assim desabilitada? Releio tudo e noto o tom de despedida que, talvez pela emoção de antes, tenha passado despercebido. Isso era uma despedida?

— Você não fez isso comigo, Daniel, por favor... por favor... por favor — vou murmurando entre soluços quando tento mais uma vez encaminhar a mensagem.

Falha no envio. Essa caixa de mensagem foi desabilitada.

— Não, Daniel! — Me ergo da cama e fico andando pelo quarto com as mãos na cabeça. — Você não tem direito de fazer isso comigo, entendeu? Não tem, Daniel!

Volto a me sentar na cama e confirmo mais uma vez os enviados à procura de uma falha que não existe.

— Seu cretino! Seu idiota! Como fez isso?! — grito, choro, esbravejo. Não consigo respirar direito, não consigo imaginar que isso possa ser verdade. Como num estalo, lembro daquele e-mail enviado há tantos anos, quando ele quebrou o braço, onde ele me mandou seu telefone.

Começo a procurar entre as milhares de mensagens que trocamos durante todos esses anos, o tempo todo com soluços e sentindo as lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto.

— Você não tem o direito de decidir se afastar assim, não tem! Não depois de abrir o seu coração...

Quando consigo encontrar a mensagem que tem o telefone dele, praticamente esmurro o celular enquanto teclo o número. Coloco o telefone no ouvido e fico esperando o tom de discagem completar.

Esse número de telefone não existe.

— Não! Seu idiota!

Tento mais uma vez.

Esse número de telefone não existe.

Caio de joelhos no chão.

— Por favor... por favor...

Tento mais uma, mais dez, mais cem vezes.

Esse número de telefone não existe.

Esse número de telefone não existe.

Esse número de telefone não existe.

Não sei quanto tempo fico de joelhos refazendo a ligação. Não sei quanto tempo o João ficou me olhando antes de me abraçar. Só sei que quando senti aquele abraço tão conhecido, eu desabei.

Não sei exatamente pelo que estava chorando. Se pela minha vida. Pelo Daniel. Pelo João. Pelo amor perdido. Por aquilo que poderia ter sido e não foi. Só sei que naqueles braços, eu desmoronei.

— O que aconteceu, Jake? — João pergunta todo cauteloso.

— Só me abraça, João. Eu preciso de você! — respondo entre soluços.

— E eu estou aqui, hoje e sempre para você. — Beija meus cabelos e acaricia minhas costas.

Choro durante muito tempo, embalada por seus braços e, em algum momento, acabo pegando no sono. Acordo com ele me cobrindo com o cobertor depois de me colocar na minha cama.

— João... — sussurro com a voz ainda rouca do choro.

— Oi, querida... — Sua voz é calma, um bálsamo para minha alma torturada.

— Não me deixa sozinha, deita aqui comigo. — Levanto o cobertor para que ele se aconchegue do meu lado.

Ele nem pensa e logo tira o calçado e a calça e se deita do meu lado me puxando de encontro ao seu peito.

— Me ame, João... — peço num sussurro.

— Eu te amo, querida.

— Eu sei, João, mas preciso que você me ame agora. — Ergo meu olhar para encontrar o seu. — Faça amor comigo, João. — Deslizo minha boca para a sua, que recebe meu toque de maneira suave.

Ele retribui o meu beijo, e mal tenho tempo de pensar antes das mãos do João tocarem meu corpo de maneira carinhosa e tão familiar.

— Hoje e sempre, Jaqueline. Eu te amo hoje e para sempre — sussurrou durante todo o tempo que nós fizemos amor.

Quando terminamos, mesmo que meu corpo estivesse relaxado, meu último pensamento antes de sucumbir ao sono do esquecimento foi:

"Você não tinha esse direito, Daniel."

Capítulo 25

Não sei como sobrevivi aos últimos dias.

Tudo parece um borrão. Uma tela em preto e branco, onde sou o personagem de um filme que não quero saber o final.

Tentei conversar com o João, mas ele tem me evitado a todo custo. Nos poucos momentos que passamos juntos, tentei de uma forma tranquila e sem tocar no assunto do Daniel mostrar o quão confusa estou, mas ele disse que é normal, nervosismo e incertezas que aparecem nesse momento.

Me arrumar para esse casamento foi um tormento. Mesmo amando a Fer e a Mônica como minhas irmãs, não posso me abrir totalmente para elas. O que pensariam de mim se soubessem que estou pensando em um homem a poucos minutos de caminhar para o altar e jurar fidelidade a outro? Não posso dizer. Por isso, guardo toda essa dor apenas para mim.

Dentro do carro em direção à igreja, a Fernanda e a Mônica estão tagarelando o tempo todo, mas tudo continua passando na minha frente como se fosse um filme, algo que contemplo de longe.

Ainda não consigo acreditar que o Daniel fez isso, cortou nossa comunicação para sempre. Por quê? Bastava que colocasse uma das suas regras idiotas que eu respeitaria! Mas romper totalmente? Nem consigo me lembrar de um tempo em que não fomos amigos, e isso dói, muito!

— Jake? Jakeee! — A Fernanda balança de leve meus ombros. — Em que mundo você está?

— Perdão, Fer, estava com meu pensamento longe.

— Isso eu percebi, estava com o pensamento *bem* longe. Será que em algumas mensagens do computador?

— Fer... — Inspiro. Ela me conhece melhor que qualquer pessoa, por isso nem tento desmentir.

— Sei que está pensando no Daniel. — Segura meu rosto entre as mãos. — Não precisa mentir para mim.

— Fer... — Não consigo formular as palavras.

— Caraca, esse cara deve ser muito especial mesmo para estar em dúvida entre ele e o João. — Mônica faz um de seus comentários brilhantes. — Porque, convenhamos, o João é um gato, Jake!

— Não estou em dúvida, Mônica. Não nego que estou pensando no Daniel, mas estou aqui, né?

— Está aqui fisicamente, mas onde está seu pensamento? Não pense, viva

esse momento e esqueça o resto. O que tiver que ser, será — Fernanda fala. — Sua história com o Daniel é linda, mas é apenas isso, querida, uma história.

— Eu sei, Fer... eu sei...

— Então, vamos esquecer o Daniel por alguns momentos e pensar apenas naquele gostosão te esperando no altar. Você colocou a lingerie que te dei de presente? Case com ele imaginando a cara que fará quando tirar seu vestido e ver a *super hiper mega* lingerie que usa por baixo. Ele vai me agradecer de joelhos, certeza!

Fernanda e eu caímos na gargalhada.

— Imagina! Vou passar o casamento todo olhando a cara dele e imaginando!

O carro para na frente da igreja e ainda estamos rindo das piadas da Mônica quando descemos do carro. Ficamos conversando e rindo enquanto as duas me circulam e ficam arrumando um detalhe aqui, outro ali. Não estou usando um vestido de casamento, optei por um vestido longo, bege, simples, mas delicado.

Será apenas um casamento para alguns amigos e depois um jantar simples, porém, nem isso eu queria. Para mim, bastava que ele levasse as coisas para meu apartamento e pronto, estaríamos casados.

— Pronto, está linda! — A Fernanda olha para mim com os olhos marejados de lágrimas. Ela sempre foi chorona, mas agora que está grávida, os hormônios pioraram isso e ela está uma manteiga derretida.

— Ei, nada de choro.

— Não vou chorar, não vou chorar — fala enquanto chacoalha as mãos de uma maneira cômica, tentando se acalmar.

De repente, sinto uma pontada dentro do meu coração e uma força me compelindo a virar meu rosto para o lado. A sensação é tão forte que não consigo sequer respirar. Com a respiração suspensa, viro minha cabeça para o lado. Ali, a uns cinquenta metros, tem um homem parado e olhando na minha direção.

Mas não qualquer homem. Mas um Homem! O Homem! Aquele homem que assombra meus sonhos e pesadelos.

Não pode ser... Não pode ser... Isso é uma miragem.

Fecho os olhos e os aperto forte antes de voltar a abri-los cautelosamente. Mas a miragem continua ali. Parada. Sua energia interagindo com a minha. Algo me chamando na sua direção. Uma conexão tão forte que é como se tudo que está ao meu redor sumisse, desaparecesse. Então, meus olhos encontram os seus... e o mundo para.

Não consigo pensar. Não consigo respirar. É o Daniel que está parado a

alguns metros. Aqui. A poucos passos de mim. *O meu Daniel*. Nossos olhos estão presos uns nos outros. O reconhecimento percorre todo o meu corpo. Susto. Calor. Saudade. Sonho. Vulnerabilidade. Surpresa. Necessidade. Carinho. Alegria. Afeto. Paixão. Euforia. Luxúria. Compreensão.

Todos esses sentimentos e muitos outros são transmitidos apenas por nossos olhos.

Dou um passo na sua direção, mas isso quebra a nossa conexão e vejo quando ele percebe que estou caminhando em sua direção e apressado, entra no carro, como se estivesse fugindo de mim. Não posso deixar que ele vá embora! Não tenho forças sequer para gritar quando o vejo se afastando de mim. Simplesmente me pego correndo atrás o veículo.

Percebo que pessoas me seguram, mas não consigo desviar meu olhar daquele carro que se afasta cada vez mais. *Era o Daniel... Tenho certeza que era o Daniel. Não estou louca*. Duas mãos seguram firmes nos meus ombros e me viram me chacoalhando de um lado para o outro, tentando me tirar do estado de pavor que estou.

Inspiro e o ar entra queimando nos meus pulmões e só então percebo que estava com a respiração suspensa.

— Jake. Jake. — Ouço aquela voz que vem de longe. Puxando a respiração aos poucos vou retomando os sentidos e me acalmando. Minha visão desembaça e percebo o João parado na minha frente.

— Você está se sentindo bem, querida? — Vejo o João com os olhos arregalados me fitando preocupado.

Quase caio no choro e deixo escapar que vi o Daniel aqui, mas isso seria loucura. Percebo que tudo deve ter sido fruto da minha imaginação, do desejo ardente de meu coração de encontrá-lo e por isso, apenas balanço a cabeça.

— Por que tenho impressão que você está apavorada? — pergunta entre sorrisos.

Mais uma vez, apenas balanço a cabeça envergonhada e desvio olhar.

— Estava fugindo, Jaqueline? Porque a igreja é para o outro lado, querida. — Dá um beijo na minha testa. — Calma... sei que odeia comemorações, mas tem que dar apenas alguns passos e acabou. — Abre um sorriso e dá um beijo na ponta do meu nariz.

— Te espero no final do corredor. — Olha para a Fernanda e dá um sorriso triste. — Não deixa ela fugir, hein?

Ele entra na igreja e me posiciono para entrar também. Olho por cima do ombro mais uma vez, na esperança de ver o Daniel de novo. *Imaginação... foi a*

minha imaginação. Apenas alguns passos e acabou. É apenas uma caminhada. Mas simples passos podem ser mais difíceis do que correr uma maratona.

Um... dois... três passos... Olho ao redor e vejo que todos estão com sorrisos no rosto.

Quatro... cinco... seis... Avisto o João no final do corredor, sorridente, seu semblante transbordando amor.

Sete... oito... nove... dez... *Respira, Jake, inspira, respira.*

Onze... doze... treze... quatorze... O João chega perto e pega na minha mão.

Nossos olhos se encontram. É esse o homem com quem vou passar o resto da minha vida, para quem vou jurar fidelidade daqui a alguns minutos. É isso que quero? Compartilhar minha vida com o João?

Ele estende seu braço e o entrelaça ao meu.

— Eu te amo, Jake — sussurra perto do meu ouvido.

Quinze... dezesseis... dezessete. Paramos em frente ao juiz de paz. É agora. A hora que preciso tomar a decisão que mudará minha vida.

Passado... presente e futuro se misturam na minha cabeça.

Sei qual será minha decisão.

Sei que... Acabou...

Realmente acabou.

Uma decisão.

Uma nova fase na minha vida.

Recomeços...

Daniel

Não sei por que estou fazendo isso comigo. Porque estou me torturando dessa maneira.

Já tentei me convencer a virar as costas e voltar para São Paulo, só que é mais forte que eu. Não posso, não consigo ser tão altruísta assim. Por isso estou aqui, na porta desse cartório aguardando a mulher da minha vida entrar para casar com outro.

Foi fácil descobrir como encontrar esse lugar. Primeiro, tive que mexer nos arquivos do meu trabalho e descobrir o nome que o João tinha cadastrado para subir como visitante no andar. Com o nome dele em mãos, bastou uma pesquisa no Google para saber onde ele trabalha e a cidade.

Depois, fiz uma pesquisa na cidade, liguei nos cartórios para descobrir os horários dos casamentos e isso me levou a esse momento e na frente do local onde, a qualquer momento, a Jake vai aparecer para casar com outro. Parado

dentro do meu carro, aguardando apenas um relance dela. Quero sofrer, me torturar, só pode. Mas um breve relance dela vale qualquer dor que eu possa sentir depois. Como ela deve estar? Será que mudou muito? Nunca a necessidade de vela pulsou tão forte dentro do meu peito.

Mandar aquela mensagem para ela e cancelar minha caixa de mensagem foi a coisa mais difícil que fiz na minha vida. Me lembrei do telefone que passei para ela há alguns anos, mas como tinha trocado de número, ele já estava cancelado e ela não conseguiria me encontrar.

Meu Deus, estou abrindo mão dela, porque não sou o que ela precisa. Faça com que o João seja esse homem, que possa fazer tudo que ela precisa. Não faça com que eu esteja enganado. Por favor, Deus.

Ainda estou perdido em pensamentos quando vejo um carro parar na frente da igreja. Prendo minha respiração. Primeiro saem duas moças e, logo após, a minha menina.

Mas ela não é mais minha menina, cresceu e se transformou numa bela mulher. Uma mulher linda. O mesmo sorriso travesso! A mesma menina que tenho gravado na minha memória

Ela está feliz! Ela está feliz! Sinto meus olhos marejados de lágrimas.

Minha vontade é de sair do carro, correr ao seu encontro e tomá-la nos braços. Ter o direito de, pelo menos uma vez, voltar a sentir o calor do seu abraço, aquele cheiro tão dela misturado com o cheiro de maresia.

Mal dou por mim e percebo que saí do carro. *Não posso fazer isso. Ela merece alguém como o João.* As lágrimas escorrem descontroladas dos meus olhos, pois meu coração sabe que não vou caminhar na sua direção, sabe que isso é uma despedida, um ponto final na nossa história.

Mas olhar para ela a poucos metros de mim depois de anos lendo seus pensamentos, conhecendo cada cantinho do seu coração, sendo tão minha, quebra todas as minhas defesas. Não consigo lembrar quando comecei a me sentir desse jeito. Não foi repentino, como se acordasse uma manhã e, tchanam, esse sentimento tivesse surgido no meu peito. Foi pedrinha em cima de pedrinha, até ter essa fortaleza dentro de mim.

— É só você, pequena... — murmuro entre as lágrimas que sinto escorrerem do meu rosto. — Quando fecho os meus olhos é você que imagino do meu lado. Quando nos encontramos naquela ilha, junto com o sopro do vento, veio também o amor que sinto por você. Ele entrou e se alojou em cada pedacinho de mim, e só foi crescendo, crescendo, até estourar no meu peito. Sempre... sempre será você. Não importa onde você esteja. Mesmo que eu não possa te ver, ler ou sentir, meu coração estará com você.

Ergo minha mão como se pudesse tocar o seu rosto.

— Mesmo que tenha que me afastar de você, vou continuar te amando onde quer que esteja, para sempre, minha menina. Mesmo te deixando ir, eu ainda sou seu. Eu te amo, Jake. E só por isso estou me afastando, porque você merece o melhor homem do mundo, e esse homem não sou eu. Dói demais me retirar da sua vida, mas é o certo, pequena. Será que pode me ouvir? Me sentir aqui tão perto de você e ao mesmo tempo tão longe?

Como se tivesse me ouvido, ela vira o rosto em minha direção e o tempo simplesmente... para. Aqueles olhos, aquele fogo no olhar, aquela mesma sinergia que percorre nossos corpos e puxa nossos corações, um de encontro ao outro. Ficamos congelados, paralisados, nos fitando. Tudo desaparece. Não existe tempo ou espaço. Somos apenas dois, na mesma batida do coração.

Jake é a primeira a se recuperar do impacto que nosso encontro causa, e vejo quando ela dá um passo na minha direção. *Ela não merece ser a segunda opção de ninguém.* Balanço a cabeça e me liberto do seu olhar. Sinto uma faca sendo cravada em mim. Entro no carro apressado e fujo dali antes que perca a força e corra ao seu encontro.

Só volto a olhar para a Jake pelo retrovisor e percebo que ela corre na direção do meu veículo.

Não paro. Não posso parar.

— Eu te amo, querida, seja feliz. Muito feliz. — Acelero para longe do amor da minha vida, a deixando livre para entrelaçar sua vida com a de outro.

Retiro o que disse há pouco, escrever aquele e-mail não foi a coisa mais difícil que fiz na vida, mas, sim, ligar esse carro e ver a mulher da minha vida cada vez mais longe de mim. Esse foi o momento mais difícil da minha vida.

Paro a algumas quadras, no acostamento, me debruço sobre o volante e deixo toda a dor que sinto se transformar em lágrimas. Este é o pior momento da minha vida. A dor que estou sentindo não se compara a nada do que vivi até hoje.

Estou abrindo mão da minha alma gêmea. E junto com isso, perdendo a única chance que tenho de ser feliz.

DESENCONTROS E REENCONTROS

Estejam onde estiverem, falem a língua que falarem, tenham a cor que tiverem, duas almas gêmeas seguem para um ponto de encontro.

Capítulo 26

Três anos depois...

Demorei muito tempo para aceitar as minhas atitudes e me reconciliar com meu passado. Foram tantos altos e baixos na minha vida, tanta coisa que, muitas vezes, cheguei a pensar que era a protagonista de um *reality show*, ou melhor, um *dorama*. Então, a vida me mostrava que não, era apenas eu tentando resolver meus problemas e criando outros maiores. Muitas e muitas vezes me arrependi pelos meus atos. Mas quando olho para trás e peso todas as minhas atitudes, principalmente quando penso naquele dia, há mais de três anos, sei que tomei a decisão correta.

O João, como sempre, está do meu lado, não importa a atitude que eu tome. Ele, sem dúvida, foi feito sob medida para mim. Meu grande amigo. Meu protetor. E agora, quando ele precisa da minha ajuda, nem penso se estou ficando noites sem dormir, a única coisa que quero é ser para ele o que ele sempre foi para mim. Eu a amor. Não tando ou da forma que ele merecia, mas o máximo que posso me permitir amar alguém.

— Meu Deus, que plantão foi esse? — Esfrego os olhos para espantar o cansaço que estou sentindo depois de quase doze horas trabalhando.

— Nem foi tão movimentado assim, mas como deve ter dormido pouco na noite passada, para você foi pior.

Estou preparando minhas bandejas com o medicamento prescrito para os pacientes internados na área infantil do hospital onde trabalho.

— É, tem razão — respondo enquanto continuo meu serviço.

— Como estão as coisas? — pergunta e nem preciso ouvir a que coisas ela se refere.

— Estão bem, Rose, é normal essa dificuldade nos primeiros tempos.

— Sim, que bom que ele tem você, né? Ajuda muito.

— E como ajuda... Sei bem o que é passar por um momento delicado sem ninguém do lado.

— A vida é imprevisível, né?

— É, sim, um dia está bem e no outro acontece algo que nos coloca para baixo. E nossa vida tão maravilhosa corre o risco de ruir e destruir nosso castelo encantado.

— Sorte dele que não dependeu do SUS, se não, até hoje estaria na fila

aguardando a cirurgia.

— Sim, verdade. Graças a Deus tinha plano de saúde pela empresa.

— Deve ser uma barra ele estar sem trabalhar, com todos os gastos que o tratamento requer.

— Ele está recebendo auxílio-doença, e a família dele está ajudando muito também. Além de secar sua poupança, mas é para isso que serve essas coisas, né? Enfrentar imprevistos.

— Preparada para sua última ronda antes de acabar o plantão?

— Preparadíssima! — Bato com o bumbum na lateral do corpo dela e coloco a última bandeja no meu carrinho. — Podia fazer um favor para mim né? Trocar um quarto comigo e dar o medicamento à paciente do quarto 814. O pai da menina mexeu comigo antes e não quero problemas, só quero acabar minha ronda.

— Claro, trocamos, você faz o quarto 804 — estende a bandeja com o medicamento na minha direção.

Mesmo cansada, consigo sorrir e atender bem todos os meus baixinhos. Quando abandonei a faculdade de História, não imaginei que poderia amar tanto outra profissão. Mas essa mudança fez minha vida ter um novo rumo.

Depois de fazer todos dos quartos sob minha responsabilidade, caminho até o quarto que troquei, e percebo pelos medicamentos que deve ser de uma criança com crise de amidalite. Quando vou entrar, paro antes de abrir a porta, pois ouço uma discussão vinda de outro lado.

— Desculpa, Ana! Já disse que estou errado, poxa. Mas pensa bem, se coloca no meu lugar.

— Faz mais de três anos. TRÊS ANOS! — a mulher expressa a última frase com a voz exaltada. — Será que é tão difícil entender que não vou mais fazer isso?

— Ana, ME DES-CUL-PA — o homem fala pontuando cada sílaba. — Quando recebi sua ligação falando que a Pri estava internada, nem raciocinei direito, a primeira coisa que pensei foi que você tinha bebido e que ela tinha caído e se machucado.

— Nossa, sua sinceridade é tocante, Grandão. Mas estou cansada! Eu mudei! Não sou uma mãe perfeita, mas nunca mais colocarei a Priscila em perigo, já provei isso. Não pode simplesmente pensar o pior e chegar aqui descarregando meio mundo em cima de mim.

— Achei que ela tinha se machucado por... ah, que droga! Errei mesmo, desculpa.

Algo no timbre de voz do homem mexe comigo e sinto um aperto na boca do estômago.

— Desculpo, mas isso não é novidade. Sempre fala que da próxima vez não vai desconfiar de mim e, mesmo assim, continua repetindo o mesmo comportamento. Na primeira oportunidade que tem para provar que confia em mim, lá está você me julgando errado de novo!

— Você tem toda razão, preciso aprender a confiar em você. Toda vez que pega a Pri para o final de semana, fico em alerta esperando alguma coisa dar errado. Daí você me ligou dizendo que ela estava no hospital, imaginei o pior. Me perdoa, preciso trabalhar esse meu medo.

— Tudo bem...

Os dois ficam em silêncio do outro lado e eu me sinto mais confortável para entrar no quarto, pego a bandeja de medicamentos e empurro a porta.

— Mas precisa mudar isso, Daniel, trabalhar sua confiança em mim. — Quando ouço essa frase, já estou atravessando a entrada.

É apenas um nome, mas que faz as engrenagens na minha cabeça girarem.

Daniel... Ana... Pri.

Meu olhar recai na figura de duas pessoas sentadas, uma de cada lado da cama onde a pequena está dormindo. Em câmera lenta, os dois olham na minha direção e deixo a bandeja que tenho na mão cair. O estrondo se espalha pelo quarto.

— Vo-vo-você? — Levo as duas mãos ao peito.

— Jake? — Ele arregala os olhos e pula da cama, tão ou mais assustado que eu.

Ficamos nos olhando, inertes no lugar. Dou alguns passos para trás para fugir desse quarto, mas acabo esbarrando meu corpo na porta fechada. Daniel dá um passo na minha direção, mas ergo a mão parando sua aproximação.

— Me desculpa... — Começo a gesticular na direção da bandeja que derrubei.

Me abaixo enquanto exclamo milhares de palavrões na minha cabeça. Recolho os copos plásticos e outros medicamentos. Sinto que ele se ajoelha na minha frente e segura minha mão.

— Jake, é você, mesmo? — Ergo meu rosto e nossos olhos se encontram.

Ar... ar... preciso respirar. Um calor insuportável percorre meu corpo. Quando vou responder, lembro que a esposa dele está no quarto.

— Desculpa, confundi você com outra pessoa que não vejo faz muito tempo — respondo de uma maneira que sei que não vou convencer ninguém.

Puxo minha mão para ajuntar os objetos caídos, depois saio do quarto sem olhar para trás. Praticamente jogo a bandeja no carrinho e sigo apressadamente até a rouparia onde bato a porta.

— Meu Deus! — Coloco as duas mãos na minha boca e desabo num choro compulsivo.

Há quanto tempo não pensava no Daniel? De repente, me deparo com ele, no hospital onde trabalho. Qual a probabilidade de isso acontecer?

Esse mundo não pode ser tão pequeno desse jeito! Durante muito tempo, mesmo depois da sua última mensagem, continuei abrindo meu e-mail com esperança de que ele pudesse voltar atrás. Há meses perdi a esperança de voltar a falar com ele e, quando menos espero, o vejo na minha frente. Demoro muitos minutos para conseguir controlar meu choro. Vê-lo é impactante demais para mim. Desenterra um turbilhão de emoções que mantive trancadas em uma parte secreta do meu coração.

Por sorte, meu plantão está acabando, porque não tenho mais condições de ficar neste hospital. Minha vontade é entrar naquele quarto e exigir todas as respostas que não tive há três anos. Mas então, lembro que ele está com sua esposa e sua filha lá dentro, o que me faz recordar também o motivo de ele ter se afastado de mim, e isso me dá forças para me segurar e esquecer esse episódio.

Troco de roupa muito rápido e volto para o posto de atendimento, empurrando o carrinho com as bandejas vazias. Preparo outra vez o medicamento que derrubei e peço para uma amiga para medicar a menina, dizendo que tive uma emergência em casa e não posso fazer a tarefa.

Estou caminhando apressada até a saída do hospital, com a cabeça baixa, para não correr o risco de ver ninguém e ter que fornecer explicações que não estou preparada para dar. Quando chego do lado de fora, ouço meu nome.

— Jake! — Uma voz se sobressai a todo barulho da rua.

Olho para os lados e vejo o Daniel apoiado a alguns metros de mim esperando minha saída. Quero parar. Quero correr. Quero que ele me explique e me ajude a entender o que aconteceu há alguns anos. Mas também quero ignorá-lo como se nem me lembrasse dele ou de nossa trajetória. E ao mesmo tempo, quero me jogar nos seus braços e conhecer o calor do seu abraço. Quero matar essa saudade fantasma do seu toque, ou do som da sua voz e sabor do seu beijo.

Mas não posso, a realidade é crua e viva na minha cabeça. Sua esposa e sua filha estão lá dentro do hospital esperando por ele. Sua vida está esperando por ele, como estive a três anos e estará amanhã. Penso nas coisas que renunciei, no João me aguardando em casa, e essas coisas me dão forças para dar as costas para o Daniel, correndo em direção ao ponto de ônibus.

Não olho para trás, mas posso sentir que o Daniel corre atrás de mim. Antes que eu chegue ao ponto, sinto uma mão que segura meu braço e força minha parada.

— Jake, por favor, precisamos conversar — implora.

— Conversar? — Puxo meu braço e falo sem olhar na sua direção. — Conversar? Você tem certeza disso?

— Tenho certeza disso.

— Agora você quer conversar? Que direito acha que tem de aparecer e... Você não tem o direito de dirigir se que a palavra para mim! — grito e preciso me controlar para não derramar as lágrimas que sinto marejando meus olhos.

— Eu sei que está chateada, mas precisa entender que...

— Chateada? Você é irônico. O que você está fazendo neste hospital, Daniel? — pergunto amarga sem deixar que ele termine de falar.

— Aquela menina do quarto é minha filha, por isso estou aqui.

— Mas por que aqui, neste hospital?

— Porque é o hospital mais perto da nossa casa? — *Nossa casa* é tudo que consigo ouvir.

— Daniel, não precisa explicar nada. Você resolveu tudo há três anos quando interrompeu o contato comigo. Vou para casa, até meu próximo plantão sua filha já recebeu alta. Não vou comentar nada com sua esposa, pode voltar lá para dentro e fingir que nunca nos encontramos. Vamos esquecer esse encontro e voltar para o mesmo ponto que estávamos há alguns minutos: um longe da vida do outro.

— Você acha que estou preocupado com o que pode falar para Ana?

— E não é esse o motivo da sua preocupação? Que possa comentar alguma coisa com sua esposa linda e maravilhosa e acabar com seu casamento perfeito? — Neste instante fito seus olhos e sou abalada pelo peso de tristeza que emana deles. Não vejo nada daquele Daniel que conheci na Ilha, Não é apenas a sua aparência que mudou, mas o brilho que sua alma emana esmoreceu. Sua energia está diferente. Mas mesmo tão mudado, algo ainda me puxa em sua direção.

— Imaginei esse encontro tantas vezes, mas nunca pensei que seria assim, banhado de ódio.

— Ódio? Esse sentimento é muito pouco para descrever o que sinto agora — cuspo as palavras na sua cara. — Você rompeu nossa amizade de uma hora para outra, depois de despejar um monte de verdade e sem me dar nenhuma chance para te convencer do contrário, agora aparece do nada na minha vida e se sente no direito de questionar o ódio que sinto?

— Você estava casando, Jake!

— Ah, quer dizer que você ser casado não impediu em nenhum momento que conversasse comigo, mas o fato de eu casar era um problema para você?

— Não era o fato de você estar casando, mas sim o fato de... — Passa as duas mãos no cabelo demonstrando como está nervoso. — Se soubesse do quanto me arrependi pelo que fiz, Jake...

— Então por que não reativou sua caixa de mensagem e me mandou um e-mail? Bastavam algumas palavras para me alcançar.

— Você não entende, eu precisava fazer isso!

— Precisava?! — grito. — E o que eu precisava, Daniel? Dez anos de amizade jogados fora porque não teve coragem de lidar com seus sentimentos?

— Foi muito mais do que isso, você não entende, Jake...

— Não entendo mesmo, e você não se deu ao trabalho sequer de me explicar para que pudesse compreender. Já pensou no quanto fiquei perdida? Magoada?

— Eu posso te explicar tudo e...

— Não estou pedindo sua explicação. O momento passou. Agora você é apenas uma lembrança borrada do meu passado. Quero que suma, desapareça da minha vida! — esbravejo.

— Não vou conseguir, Jake, não outra vez.

— Ah, você vai conseguir, não se preocupe. Dessa vez quem sumirá sou eu!

Dou as costas e marcho em direção ao ponto de ônibus. Daniel não me segue, fica apenas me observando até que o coletivo chegue. Não tenho coragem de olhar para ele quando embarco. Estou tremendo, sentindo os espasmos do nervosismo em todo meu corpo.

O que o Daniel está fazendo na cidade? E agora? Ele sabe onde trabalho, será que virá atrás de mim outra vez? E a sua esposa, o que vai pensar disso? Por que ele teve que aparecer na minha vida outra vez? Por que esse laço que nos liga teima em nos unir a todo o momento? E o João, o que farei agora? Conto sobre esse encontro?

Tantas perguntas... Nenhuma resposta. A única coisa que sei, com certeza, é que meu coração está explodindo no peito, assim como as lágrimas que nem tento mais segurar.

Capítulo 27

Daniel

Sabe quando você se prepara para algo e aquilo acontece e não sabe como agir? Foi exatamente assim comigo há alguns instantes. Dessa vez, não foi o destino, mas sim, eu que provoquei o nosso reencontro. Ou melhor, que o tornei possível.

Quando a Ana quis recomeçar sua carreira profissional após nossa separação, nem pensei duas vezes antes de sugerir esta cidade e mandar seu currículo para alguns conhecidos. Precisava de uma mudança também, por isso, com o apoio de meu pai, abri uma filial da construtora aqui. Fazia apenas algumas semanas e, toda vez que saía na rua, ficava procurando um rosto específico na multidão. Estava planejando encontrá-la, mas antes queria, ou melhor, precisava arrumar toda a parte burocrática da construtora para poder me dedicar a reconstruir nossa amizade.

Então no dia que não estou esperando, ela para na porta do quarto onde minha filha está internada. Eu sabia que mais cedo ou mais tarde voltaríamos a nos encontrar, até porque eu a procuraria. Admito que estava com medo também. Sabia que ela estaria magoada comigo, por isso, precisava ir com calma.

Se nosso reencontro já seria difícil, precisava ainda ter sido num momento que eu estava discutindo com minha ex-esposa? Coloquei minhas mãos nos bolsos e volto para o quarto do hospital. Pelo menos agora sei que ela está trabalhando aqui. Nosso reencontro foi superado e fica muito mais fácil tentar uma reaproximação. Porque é exatamente isso que farei, me aproximarei outra vez dela.

Me arrependi muito do que fiz há alguns anos. Sei que foi certo me retirar da vida de Jake, dar espaço para que ela e o João fossem felizes, mas hoje percebo que não tinha necessidade de sair radicalmente. Se a Jake sofreu um terço do que sofri com nossa separação, deve ter sido um inferno.

Até hoje quando abro meu e-mail, meu coração dá uma acelerada no peito na esperança de ter uma mensagem dela. Mesmo sabendo que é impossível, pois ela não tem meu novo endereço, sinto isso. Por isso resolvi vir para essa cidade. Dei uma força ao destino para nos encontrarmos outra vez. Não vou forçar a barra, sei que ela está casada, mas, mesmo assim, quero saber como ela está, olhar de longe, ser um amigo, qualquer coisa. E dessa vez, não vou recuar. Mesmo que o João me implore de joelhos, não vou deixar que nada atrapalhe nossa reaproximação, nossa amizade.

Resolvi muitas coisas na minha vida nos últimos três anos. Já estou separado, a Ana está forte o bastante para cuidar da vida dela, e quase não temos mais contato, salvo em dias que ela pega a Priscila. Moramos perto um do outro,

para facilitar com a Priscila, mas somos apenas isso, amigos com uma filha juntos.

Caminho até o posto de enfermagem para tentar descobrir qual é o próximo dia que a Jake trabalhará.

— Oi, boa noite — cumprimento uma das enfermeiras.

— Pois não, senhor? — pergunta me dando um breve olhar, mas sem parar de mexer nos prontuários de atendimento.

— Estou no quarto 804, ou melhor, minha filha está.

— Suspeitei disso, já que essa é a ala infantil — resmunga mal-humorada.

— É... eu gostaria de saber qual é o nome da enfermeira que atendeu a gente. Acho que é Jaqueline, se não me engano.

Assim que falo seu nome, ela para de mexer nos prontuários e me olha assustada.

— Senhor, ela fez alguma coisa errada?

— Não... claro que não...

— Foi mal-educada, alguma coisa assim?

— Já disse que não.

— Ainda bem. — Fecha os olhos e respira aliviada. — A coitadinha está passando por um momento tão difícil, podia sem querer ter tratado vocês mal.

— Momento difícil?

— Ah, desculpa, eu e minha língua grande. Esquece o que falei. Por que queria saber o nome dela?

— Na verdade, ela nos tratou muito bem e gostaria de saber qual é o próximo plantão para mandar uma pequena lembrança.

— Ah, claro, ela trabalha em escala de 12/36, então estará aqui depois de amanhã.

— Obrigado, mas... o que você quis dizer por ela passar por um mau momento?

— Vida pessoal, sabe? O rapaz que mora com ela está doente e ela se desdobra para trabalhar e conseguir atender às necessidades dele.

— Doente? O que ele tem?

— Olha, querido, já falei mais do que devia. Mande a lembrancinha que ela, com certeza, vai ficar muito feliz. Agora, se me der licença, preciso fazer a ronda dos meus pacientes e levar os medicamentos.

Sem me dar tempo de continuar as perguntas, segue para o corredor e me deixa com muitas dúvidas. *Rapaz que mora com ela?* Só pode ser o João. Por

que ela não disse marido? E o que será que aconteceu com o João para que precise de cuidados médicos?

Capítulo 28

Não posso mentir, não consegui esquecer o Daniel em nenhum momento dos últimos dias. Nem quando estou cuidando do João. Ele até perguntou se alguma coisa estava errada, pois me notou abatida. Eu apenas disse que estava cansada, o que não foi mentira, pois fisicamente esses últimos meses têm sido difíceis.

Desde o acidente do João, estou numa maratona me desdobrando em duas para dar conta de tudo. Mas a pior parte já passou. Os dias que ele ficou na UTI sem dúvida foram os mais complicados, agora ficaram apenas algumas contusões, sendo que a pior delas é na perna. Ele fraturou o fêmur em vários lugares e está com pinos externos, o que limita muito seus movimentos e me obriga a praticamente carregá-los para os lugares.

Ele insistiu que eu o ajudasse na recuperação recusando a ajuda da sua família ou de outra enfermeira, dizendo que confiava somente em mim. Eu não podia negar isso ao João, não depois de tudo que ele fez por mim. Por isso, mudei toda minha rotina.

Quando chego ao hospital para mais um plantão depois de uma noite mal dormida já estou cansada. A primeira coisa que faço é ver se a paciente do quarto 804 recebeu alta e só depois que confirmo que sim, consigo respirar aliviada e começar a planejar o meu dia.

Entro na minha rotina já tão conhecida e esqueço meus problemas, pois, quando me deparo com a força desses pequenos que, mesmo em estado grave, ainda conseguem abrir um sorriso e ter esperança, vejo o quanto meus problemas são minúsculos. O que são meus problemas perto de tantas histórias emocionantes que vejo aqui dentro?

Mergulho no trabalho e só percebo a hora quando é quase meio-dia e meu estômago reclama por comida. Vou até a sala de descanso para uma pequena pausa.

— Até que enfim deu uma paradinha. — Sonia, uma das enfermeiras-chefes fala quando entro na sala.

— Tomar um cafezinho enquanto está calmo — respondo me servindo de um café.

— Fazendo sucesso, hein, queridinha?

— Por quê? — questiono.

— Oras, aquelas flores que chegaram e estão no posto de enfermagem, está

todo mundo querendo saber quem foi o papai que se encantou por você desta vez.

Sinto uma descarga elétrica percorrer meu corpo, pois nem preciso olhar para o cartão para saber quem mandou *aquelas flores*. Mal termino de tomar meu café e vou até o posto de enfermagem para confirmar minhas suspeitas. No canto do balcão, vejo uma mini palmeira com um cartão.

"Jake,

Sei que essas flores não resolvem nada, mas gostaria que soubesse que não me esqueci de nada que conversamos. Cada troca de e-mail foi especial.

Por favor, precisamos nos encontrar,

Espero você na saída do seu plantão na lanchonete do hospital,

Daniel."

Como assim, precisamos conversar? Espero você?

— Quem disse que eu quero conversar com você? — sussurro.

Mesmo não querendo, acabo esboçando um sorriso quando entendo o significado das suas palavras. Numa das nossas diversas trocas de mensagens, comentei que eu não gosto de flores, mas sim, de plantas, pois as flores morrem, e as plantas permanecem. Se você ganha uma planta de alguém e cuida dela, é como se você estivesse cultivando o amor que tem por essa pessoa.

Mas logo o sorriso desaparece. Ele pensa que é assim tão fácil, que é só estralar os dedos e pronto, me jogo aos seus pés?

— Espere sentado, pois de pé vai cansar! — resmungo antes de jogar o cartão no lixo e voltar para meu posto de atendimento, mas não antes de ajeitar a plantinha num dos cantos do balcão de enfermagem.

Daniel

Chego meia hora antes do fim do turno de trabalho da Jake e fico olhando por cima do meu ombro a cada dois minutos mal conseguindo disfarçar meu nervosismo, verificando o relógio constantemente. Com o coração acelerado, vejo quando os minutos se arrastam.

Seis horas.

Seis e dez.

O plantão dela já terminou há dez minutos.

Será que ela não vem?

Tento disfarçar minha ansiedade, mas sei que é em vão, me sinto como um adolescente que pega a namorada pela primeira vez para uma ida ao cinema. Vou dizer as palavras certas? Conseguir demonstrar o quanto estou machucado com

essa nossa distância? Não sei. Mas sei que se não der certo na primeira, insistirei até que ela entenda que sou humano não consigo ser perfeito, sou muito falho, cometi um erro e preciso que ela me perdoe.

Seis e quinze.

Seis e meia.

Sete horas.

Aceito finalmente que ela não vem. Fui um tolo em acreditar que seria assim tão fácil quebrar a resistência do seu coração.

— Menina teimosa. — Abro um sorriso.

Caminho até o posto de atendimento e confirmo com as enfermeiras que ela já foi embora. Olho para a bancada e vejo a planta que mandei. Não sei se esquecida ou deixada de propósito, porém, não me passa despercebido que ela está num vaso e não na embalagem que veio da floricultura. Ela está cuidando *da planta*.

Decepcionado por ela ter ido embora sem conversar comigo, vou até próximo do ponto de ônibus onde ela esteve ontem só para confirmar que não está lá também.

Não será tão fácil assim conquistar o seu perdão. *Não vou desistir, Jake, não até que, pelo menos, ouça minhas explicações.*

Plano 1 fracassado.

Plano 2 iniciado.

Apenas uma batalha foi perdida, não a guerra.

E acredite Jake, vou lutar por você.

Capítulo 29

Mais um dia de trabalho que seria igual a qualquer outro, não fosse essa apreensão de que a qualquer momento o Daniel surgirá detrás de alguma porta.

Mas não é o que acontece. Enquanto troco de roupa no fim do meu turno, fico pensando no quão rápido foi para ele desistir de se explicar. Bastou uma negativa e ele desapareceu. Muito fácil. O Daniel que conheço, ou melhor, que acho que conheço não desistiria assim.

Caminho em direção à saída do hospital conversando com alguns colegas. Quando chego ao ponto de ônibus, fico mexendo no celular até meu ônibus vir. Entro, pago o cobrador e caminho até uma das poltronas vagas no fundo. Estou terminando de me ajeitar no acento quando sinto que alguém se senta perto de mim. Olho para o lado e levo um susto quando percebo que é o Daniel.

— O que você pensa que está fazendo?

— Eu? Nada... Peguei o ônibus para ir até um lugar, acreditaria se falasse que foi apenas uma coincidência? — Abre um sorriso debochado que automaticamente me transporta para tantos anos atrás, para quando ele me encontrou no barco.

Sei que não consigo disfarçar minha expressão pela semelhança das duas situações e isso só se confirma quando o Daniel fala.

— *Flashback*, Jake? — sussurra com seus olhos cravados nos meus.

— Era outro tempo, outra vida, na verdade — respondo ofegante, pois a força do seu olhar espalha muito mais que calor por todo meu corpo.

— Na verdade, era a mesma vida. A única coisa que muda é que éramos dois jovens sem as amargas decepções adquiridas na caminhada.

— Aí que você se engana — murmuro bem baixinho.

— O que você falou?

— Não falei nada, porque não quero falar com você. — Viro meu rosto e fico olhando a paisagem sem, na verdade, focalizar em nada específico, apenas tentando manter minhas emoções escondidas.

Meu cérebro está em alerta para retalhar qualquer tentativa de explicação vinda dele. Vê-lo reaviva toda dor que nossa separação me causou e toda mágoa que senti. Para meu espanto, o Daniel não tenta conversar comigo, o que me irrita mais ainda. Que direito ele acha que tem de entrar no meu ônibus e me encurralar desse jeito? Chego a abrir a boca para questioná-lo quando me lembro de um pequeno detalhe: o ônibus não é meu.

Argh... Fico me remoendo por dentro de vontade de falar poucas e boas na sua cara, mas isso só daria combustível para ele ver o quanto sua presença mexe comigo. O ônibus anda alguns quilômetros e percebo que ele se mexe do meu lado, levanta-se do acento e começa a se dirigir à porta de saída.

— Aonde você vai? — pergunto sem conseguir me conter.

— Descer, chegou no meu ponto — responde tranquilamente.

— Mas... — Não consigo terminar de falar, pois o ônibus para.

— Foi bom ver você de novo, Jake. Se cuida. — Faz um gesto com a cabeça e desce as escadas do ônibus, depois continua caminhando despretensiosamente sem olhar nenhuma vez para trás.

O vejo partindo enquanto o ônibus se afasta e mal consigo articular meus pensamentos. Estou espumando de raiva. Quem ele pensa que é para fazer isso comigo? Levanto e estou prestes a apertar o botão para que possa descer e falar um monte de verdades para ele quando me ocorre que pode ter sido apenas uma

coincidência o Daniel ter pegado este ônibus.

Ele pode ter vindo acertar alguma pendência de quando a filha ficou internada, o que justificaria o fato de estar no hospital. E sobre estar no mesmo ônibus, ele mesmo afirmou que morava perto daqui. Então, pode ter sido apenas mais uma coincidência. Vou remoendo esse pensamento até chegar em casa, onde coloco a máscara da indiferença para que o João não note o turbilhão de emoções que estou carregando dentro do peito.

Consigo disfarçar bem meu estado de espírito e o João não faz nenhuma pergunta. Quando me deito na cama, não consigo dormir me questionando se foi mesmo apenas uma coincidência.

Capítulo 30

Passou mais um plantão sem nenhuma ocorrência e estou convencida de que ele desistiu de conversar comigo. Nada de flores, nada de Daniel no ponto de ônibus. Nada de nada. Preciso esquecer esse nosso reencontro e me focar na recuperação do João. Amanhã temos consulta e, se tudo correu bem, deve ser marcada a data para retirada dos pinos externos, o que será ótimo. Ele poderá começar as fisioterapias e sua recuperação logo será total.

Então, hoje meu plantão foi tranquilo, não esperei fantasmas saindo de trás da porta e pulando na minha frente, esfregando meu passado na minha cara. Acredito que ele realmente se convenceu de que não darei oportunidade de conversar comigo. Não era isso que eu queria? Então por que sinto essa pontada de decepção dentro de mim?

Mesmo que faça muita força, não posso evitar pensar em quais seriam as explicações do Daniel. Mas passou, assim como esqueci tantas outras coisas, logo esse reencontro será deixado para trás. Está garoando e, para variar, me esqueci de trazer meu guarda-chuva. Estou me preparando para uma corridinha até o ponto quando sinto alguém parar meu movimento ao pegar meu antebraço.

— Vem, dou uma carona para você. — Olho para minha carona de guarda-chuva e nem me assusto, pois estou começando a reconhecer esse tom de voz.

— Daniel, o que...

— ... estou fazendo aqui? — complementa minha fala. — Essa pergunta está ficando manjada, Jake. — Novamente o tom brincalhão, me dando um vislumbre do “meu Daniel”.

Sem nenhuma outra palavra, apenas puxa meu braço de encontro a ele e nos esprememos embaixo do guarda-chuva enquanto caminhamos até o ponto. Não

sei o que dizer. Quero saber o que ele faz aqui, mas não tenho mais coragem de perguntar. A proximidade do seu corpo junto ao meu me deixa nervosa. Não me atrevo a falar nada, porque corro o risco de ele notar o nervosismo que essa simples aproximação me causa.

Quando o ônibus chega, entro na frente, mas sinto o calor do seu corpo me seguindo. Dessa vez o veículo está quase lotado e me sento em um acento do corredor, a tempo de vê-lo terminando de pagar o cobrador. Depois, caminha decidido até o lado do meu banco e me estende o guarda-chuva para que segure. Com as mãos trêmulas, pego e o coloco no chão, apoiado entre minhas pernas. Ele nem olha para mim, apenas fica parado, com uma mão segurando no apoio em cima e a outra no encosto do acento olhando para frente.

Quero conversar com ele, mas como não estamos sentados, seria uma diversão e tanto para os outros passageiros, por isso, acabo ficando calada também. Mais algumas quadras e sinto que estou asfixiada pelo nervosismo, ele se movimenta e caminha outra vez para a saída. Não vou dar o braço a torcer de olhar sobre o ombro para ele. Noto apenas pelo reflexo na janela que ele está com o rosto voltado para a porta totalmente ignorando minha presença dentro do ônibus!

Quando o ônibus está quase parando, lembro-me do guarda-chuva dele.

— Daniel. — Ele olha na minha direção. — Seu guarda-chuva. — Estendo para ele.

— Pode ficar, não quero que você fique doente. — Mais uma vez aquele sorriso canalha que faz minhas pernas ficarem bambas.

— Mas eu não quero nada de você! — resmungo emburrada.

— Acostume-se. — Dá de ombros. — Não somos donos do nosso futuro e muito menos dos nossos sentimentos. Algumas coisas simplesmente acontecem. Querendo a gente ou não, nos resta apenas aceitar.

Dito isso, ele desce e vai embora, como se nada fosse nada. Fico olhando para o guarda-chuva estendido, para a porta que se fecha lentamente e um sorriso besta brota nos meus lábios. Não sei se ele estava falando do guarda-chuva, dos seus sentimentos ou de qualquer outra coisa. Só sei que foi doce. Muito doce. Esse foi um dos presentes mais doces que já ganhei na minha vida.

Capítulo 31

Estou no meu intervalo de lanche quando recebo o recado de que tem uma pessoa querendo me ver na recepção. Primeiro penso que pode ser o Daniel, mas depois o segurança me fala que é uma mulher. Sigo até a recepção desconfiada.

A mulher que me espera me é vagamente familiar. Mal consigo controlar meu susto quando a reconheço. A ex-esposa do Daniel.

— Calma, por favor. — Ela se apressa a falar quando nota que a reconheci.
— Não estou aqui para discutir com você.

— Oi... — falo bastante sem jeito. Me sinto como se estivesse na frente da mulher que ajudei a trair, mesmo que nunca tenha existido nada entre o Daniel e eu.

— Muito prazer, Jaqueline, é isso? — Estende a mão para mim.

— Isso... — respondo ainda sem jeito enquanto aperto sua mão.

— Ana. Muito prazer em te conhecer — fala de forma tranquila e isso ajuda a controlar meu nervosismo.

— Prazer também.

— Deve estar se perguntando o porquê de eu estar aqui e, prometo, não é para discutir com você. Tem cinco minutinhos para conversarmos?

— Claro. — Estendo a mão mostrando algumas poltronas no hall de entrada.

Mal sentamos e ela já começa a falar.

— O Daniel sofreu muito, Jake, a separação de vocês acabou com ele. — Arregalo meus olhos em surpresa. Ela sabe da gente?

— Eu sei um pouco de toda a história de vocês. — Mesmo sem perguntar, ela acaba entendendo minha expressão. — E a resposta é não. O Daniel não me contou nada, eu descobri.

— O Daniel nunca te traiu, nosso relacionamento nunca passou de uma amizade virtual — Apresso a justificar.

— Claro que não. Ele é muito doce para fazer isso. Tenho certeza que durante todo nosso casamento ele foi fiel.

— Se não veio discutir sobre uma traição, o que está fazendo aqui?—
Questiono realmente curiosa.

— Assim como ele foi um grande amigo para você, ele também é para mim. Ele é meu ex-marido, mas nunca será meu ex-amigo. Devo muito a ele. Mesmo quando me perdi, cometi erros enormes, ele esteve do meu lado. Só que ele pagou um preço muito alto para me ajudar, isso custou a felicidade dele. E a sua felicidade. Não sou estúpida, sempre soube da troca de mensagens de vocês e admito que no início isso me incomodava muito. Depois percebi que vocês tinham uma amizade muito forte. Nunca me senti traída, de verdade. Até o dia que acabei lendo uma mensagem que ele salvou no rascunho. Nesse dia fiquei com muita raiva dele e de você, e, como vingança, tornei a vida dele ainda pior.

Fiz besteira, sim, tenho vergonha disso, só que infelizmente, não posso mudar o passado. Aceitei que ferrei a vida do Daniel. Porém, tenho meus demônios diários para lidar e não posso carregar mais culpa ainda. Por isso estou aqui, se puder consertar apenas um por cento do mal que fiz para ele, já fico feliz.

— Ele te mandou aqui?

— Claro que não! Ele nem imagina que sei dessa história e muito menos que estou aqui no hospital.

— Então...

— O encontro no quarto. Quando ele falou seu nome e eu vi a reação dos dois, soube no mesmo instante que você era a Jaqueline dele.

— Não sou dele!

— Você é dele, querida, e quanto antes admitir isso, melhor.

— O que você veio fazer aqui? Falar que acredita que não traímos você? Disse eu sei, estou com a consciência tranquila — respondo na defensiva.

— Não, na verdade, vim te trazer uma coisa, mas primeiro tem que me prometer que não vai contar ao Daniel que estive aqui e muito menos que sei de vocês dois.

— Isso é algo que vocês dois precisam resolver, não vou comentar com ele — respondo dando de ombros. — Até porque, não pretendo nunca mais falar com ele.

— Obrigada. Nunca é uma palavra muito forte. Pega. — Estende um pedaço de papel.

— O que é isso? — questiono sem abrir a folha.

— O rascunho do e-mail que eu li. Isso era para você, mas tenho a impressão de que nunca chegou a ser enviado.

— Eu não quero ler isso. — Tento empurrar o papel de volta para suas mãos, mas ela as coloca atrás das costas enquanto levanta.

— Não sei ao certo o que aconteceu com vocês, mas sinto que o vi no quarto foi um reencontro. Isso explica a tristeza do Daniel nos últimos anos. A forma como ele focou em tudo, menos nos seus sentimentos. Dê uma chance para ele, Jaqueline, pelo menos ouça suas explicações.

— Eu não quero ouvir nada que ele tenha para explicar — falo com bastante mágoa na minha voz.

— Você quer, só está com medo, sabe disso. E depois que ler o que está escrito aí, tenho certeza que dará uma chance ao menos para que ocorra uma conversa entre vocês.

Olho para o pedaço de papel que seguro. Sinto-o quente nas minhas mãos.

Como se as palavras ali impressas quisessem pular para fora e penetrar na minha cabeça.

— Me desculpa, os erros que cometi trouxeram muita dor para você também.

— Não tem nada a ser desculpado — murmuro.

— Eu sei que tem. Novamente te peço, me perdoa. Foi um prazer conhecer você. — Dá as costas e sai pela porta do hospital.

Sinto meu coração batendo na minha garganta enquanto desdobro o pedaço de papel.

“Não, não e mil vezes não!

Você não pode sair com ele, Jake! Será que depois de todos esses anos não percebeu quais são meus verdadeiros sentimentos por você? Tentei a todo custo te deixar fora da minha vida, dessa porcaria de vida que sou obrigado a enfrentar a cada manhã, mas minhas únicas felicidades são você e a Priscila.

A cada nova dificuldade ou provação que aparece, saber que você está pensando em mim, em algum lugar desse mundo, renova minhas forças e me enche de esperanças de que meu futuro possa ser melhor. E agora você chega e me diz que vai se encontrar com um cara e me rouba essa única fonte de esperança e de energia para enfrentar mais um dia? Não! Não posso deixar isso acontecer. Se quiser saber a verdade, neste exato momento estou com vontade de socar uma coisa até reduzi-la a caquinho. Você é minha, não percebeu ainda?

Quando nos conhecemos, esperei por anos um contato seu, mesmo sabendo que era quase impossível. Fechava os olhos e sentia o calor dos seus lábios, imaginava qual seria a sequência daquele beijo se tivéssemos mais tempo. Mas era quase impossível aquele livro voltar para suas mãos, e o tão sonhado contato não vinha.

Hoje entendo por que, mesmo sendo um dos meus maiores sonhos e planos, relutei em deixar o Brasil: esperança. Mesmo longe, a cada vez que abria meu e-mail, meu coração sabia o que ele queria encontrar. Mas, mais uma vez, nada aconteceu.

Nesse meio tempo, eu conheci a Ana. Ela é uma menina legal, ou melhor, era. Alegre, cheia de vida, divertida e nos envolvemos de uma maneira muito tranquila. Quando percebi, estava apaixonado por ela. Sim, estava. Porque, aos poucos, vi que aquela Ana por quem me apaixonei não existia. A verdadeira Ana foi surgindo. E quando realmente conheci a mulher por trás da máscara, terminei com ela.

Mas, infelizmente, ou felizmente, a Ana estava grávida da Priscila, que, apesar de todo fracasso do meu casamento, dou graças a Deus todos os dias por

ter a oportunidade de tê-la como minha filha. Claro que quando descobrimos a gravidez não deveríamos ter casado. Mas ali, a Ana que eu não conhecia se fez presente e deixou claro que não seguiria com a gravidez sem um casamento. Nem preciso explicar que sou totalmente contra o aborto. O casamento era a única saída possível. Terminei minha especialização e voltamos para o Brasil para começar uma vida juntos.

Foi nesse momento, quando faltavam apenas alguns dias para meu casamento, que você entrou em contato comigo pela primeira vez. Como poderia me envolver com você? Mesmo naquele momento, sabia que nossa conexão era forte demais. Então qual era a única coisa que podia fazer? Te afastar!

E foi isso que fiz, mesmo que todos os dias eu olhasse seu e-mail e me arrependesse profundamente do que tinha feito. Vivi cada dia, com toda força do meu coração, tentando, Jake. Juro que tentei de tudo para ajudar Ana e salvar nosso casamento.

Mas ela não quer ajuda. Começou apenas como uma irresponsabilidade, passou por depressão, tornou-se vício em álcool, e agora, drogas. Eu não tinha mais força para ajudá-la e estava me destruindo no caminho. É impossível ajudar alguém que não vê erros nas suas atitudes. Mesmo que tudo a sua volta grite que ela está errada, a Ana não acha isso. Estava me destruindo junto com ela e não tinha ninguém com quem desabafar.

Nesse tempo, creio que o destino quis me dar uma nova forcinha e você entrou em contato comigo. Já tinha afastado você uma vez, como faria isso de novo? Minha mente gritava CUIDADO e meu coração gritava SE JOGA! Seja o que for nossa amizade, conexão ou sei lá o que temos, isso falou mais alto e eu me joguei.

Cada recado trocado com você me deixou mais confiante, me fez ter certeza de que aquele Daniel ainda estava aqui dentro e que eu tinha muito mais força do que podia imaginar. Mesmo tomando cuidado, essa nossa "conexão", esse laço invisível que nos une, a cada dia, ficou mais e mais apertado. Foi uma tortura segurar esses sentimentos para mim. Agora, abro o meu e-mail e me deparo com você me pedindo conselhos sentimentais?

Não! Você não deve ficar com o João nem com ninguém!

Sei que você pode me dizer: você é casado, como pode me cobrar alguma coisa?

Então eu te respondo: apenas vivo com a Ana. O nosso amor, a atração que sentíamos um pelo outro e até a amizade acabaram. O que permaneceu foi a gratidão e alguns resquícios de respeito.

Não sei em que parte do caminho a Ana começou a se perder ou até se sou responsável por parte desse declínio. O que sei é que não seria homem se

pulasse fora do barco agora que ele está afundando. Preciso continuar a tentar ajudá-la. Enquanto houver esperança de melhora, eu vou apoiá-la. Isso não é nem pela Priscila, mas por mim, pelo homem que sou e que quero continuar sendo.

Sim, eu serei muito egoísta agora no pedido que farei, mas, por favor, me espera! Não se envolva com esse João e com nenhum outro homem que aparecer no seu caminho.

Me dê tempo para resolver a bagunça que está a minha vida, dê uma chance a nós dois.

Sou apaixonado por você desde o momento que a vi naquela ilha, pulando com meu irmão, com os cabelos sendo balançado pelo vento.

Se fechar os olhos, ainda consigo sentir aquele cheiro de mato, maresia, misturado com o som da sua risada e o calor do sol que aquecia nossa pele. Aqueles momentos estão gravados a fogo no meu coração, e por mais eu que tente, não vou esquecer.

Não foi em vão que nos reencontramos, Jake.

Então minha resposta é: Não! Não! Não!

Seja egoísta comigo e me espere, dê uma chance para os nossos corações.

Me espera, por favor.

Seu,

Daniel.”

As lágrimas correm do meu rosto e mal consigo ler até o final. Pelo teor desse e-mail foi quando questionei sobre o que deveria fazer quando conheci o João. Tudo seria diferente se ele tivesse mandado esse e-mail. Não tenho dúvidas de que teria esperado por ele. Por que não me disse essas palavras antes? Por quê?

Capítulo 32

Algumas horas depois, quando saio do hospital, olho discretamente com o canto do olho e ele está apoiado em uma árvore, despreocupado, como se não estivesse esperando minha saída. Tenho que controlar a vontade de rir da situação ridícula na qual me encontro enquanto caminho para o ponto do ônibus. Esse seu costume de pegar "carona" no mesmo ônibus já dura alguns dias.

O Daniel se restringe a entrar no ônibus comigo, perguntar sobre o tempo, fazer um comentário esporádico aqui, outro ali e, depois, simplesmente desce sem se aprofundar em nenhum assunto. Hoje, quando o vejo, sinto um aperto no peito pensando nas palavras que escreveu. Gostaria de confrontá-lo, porém, não envolve apenas nós dois, mas também sua ex-esposa, e prometi que não contaria

nada a ele.

O ônibus chega, subo e o Daniel sobe logo atrás. Pagamos e sentamos em um lugar no meio, um do lado do outro.

— Nossa, como está quente hoje — ele comenta despreocupado, como se eu fosse uma senhora de sessenta anos sentada ao seu lado.

— O que você quer, Daniel? — pergunto sem qualquer rodeio, sentindo uma aquietação dentro da minha alma.

— Eu? Nada, por quê? Você quer alguma coisa? — Seu tom de voz deixa transparecer o quanto ele está se divertindo com a situação e preciso olhar para fora do ônibus para controlar a vontade de discutir.

Respiro fundo umas três vezes para conseguir falar sem soltar um monte de palavrões.

— O que você acha, Daniel? — Faço um gesto com a mão. — Você aparece na minha vida, fica me perseguindo mesmo após eu deixar bem claro que não quero nada com você e ainda pergunta se quero alguma coisa?

— E isso significa que...? — fala erguendo uma sobrancelha de modo questionador.

— Que quero saber o que quer comigo, ora — desabafo.

— Deixa ver se entendi. — Ele vira a cabeça para o outro lado e após um ou dois segundos de pausa volta a falar. — Você quer conversar comigo, é isso?

— É isso, sim, senhor engraçadinho! Meu Deus! Quero que explique por que está me perseguindo desse jeito! — falo em um tom mais alto do que o desejável.

— Ufa. — Ele exala forte e em um movimento só se coloca de pé. — Vem comigo — fala me estendendo a sua mão.

Assim que minha mão toca a sua, nem me dá tempo para reagir, puxa a campainha e nos guia para a porta do ônibus.

— Daniel, o que você está fazendo? — pergunto enquanto desço de forma desajeitada os degraus.

— Não vamos ter essa conversa dentro de um ônibus. — Olha para os lados procurando alguma coisa. — Vamos sentar naquele café e conversar, ok? — Aponta uma cafeteria a mais ou menos cinquenta metros.

— Não precisa ser agora, podemos combinar de nos encontrar em outro lugar... — Sinto um medo momentâneo que não sei explicar de onde vem.

— Não podemos, Jake. — Coloca as duas mãos nos meus ombros e seu rosto fica de frente ao meu. — Não minta para mim e muito menos para você. Precisa dessa conversa tanto quanto eu. Vamos parar de agir como dois

adolescentes e vamos ser, por alguns minutos, dois adultos e os amigos que fomos um dia?

Percebo que não adianta continuar fugindo, essa conversa precisa e vai acontecer hoje, amanhã ou depois. O melhor é encarar de uma vez e superar esse drama todo. Lógico que o que aconteceu há algumas horas teve impacto nesta decisão: eu quero ouvir suas explicações.

— Ok — respondo automaticamente, sentindo o peso daquele olhar dentro do coração.

Ele desliza as mãos dos meus ombros até as minhas mãos, segurando uma entre as suas e caminhamos assim, de mãos dadas em silêncio até o pequeno café, onde sentamos em uma mesa no canto. Uma atendente se aproxima para mostrar o cardápio. Ela anota nossos pedidos e nós ficamos sentados, um de frente para o outro, sem saber o que falar. Não consigo olhar para ele e fico fingindo admirar a decoração do estabelecimento.

— Meu, isso é muito surreal — Daniel comenta num sussurro.

Olho na sua direção e noto que ele está com um cotovelo dobrado e apoiado na mesa, segurando sua cabeça e me olhando com tanta intensidade que as palavras simplesmente somem e fico como uma boba, apenas fitando seus olhos.

— Você é mais linda do que eu me lembrava, sabia?

— Daniel, não é para isso que viemos aqui — falo deixando a timidez ganhar espaço.

— Eu sei, mas sentar do seu lado durante semanas fingindo indiferença enquanto a vontade era poder dizer isso olhando dentro dos seus olhos foi uma tortura, por isso, por favor, me deixe dizer isso pelo menos uma vez, sem precisar fingir que sua beleza não mexe comigo.

Sem me dar tempo de reagir ao seu comentário, estende a sua mão e segura novamente a minha, mas dessa vez, bem apertado.

— Você está ainda mais linda do que nas minhas lembranças, Jake.

Calor! Mil tipos de calores se espalham pelo meu corpo e sinto meu rosto ficar vermelho. Quero fingir que não fiquei abalada com suas palavras, mas a pele corada não vai deixar dúvida de como essas palavras me impactaram.

— Vermelhinha assim, mais linda ainda. — Dá uma piscadinha marota e inconscientemente dou um sorriso e desvio meu olhar para a mesa. — Essa sua faceta de menina tímida, Jake, eu não conhecia.

— Acho que todo mundo é um pouco tímido quando recebe um elogio — falo ainda olhando para a mesa.

Sinto um suave toque no meu queixo, seguido de uma leve pressão o

levantando.

— Vamos conversar nos olhando cara a cara. Já passamos muito tempo conversando olhando para uma tela. — Faz um leve carinho com o dedo no meu rosto antes de tirar sua mão.

Assim que ele a tira, quero puxá-la de volta, segurá-la em meu rosto, sentir o calor do seu toque, o cheiro da sua pele, o peso de seu ato. Respiro fundo para tentar acalmar as batidas frenéticas do meu coração e tentar apagar o fogo que sinto onde seus dedos tocaram meu rosto. Um toque. Com apenas um toque ele conseguiu destruir minhas muralhas e me sinto derretendo por dentro. Cadê toda a raiva que sentia há cinco minutos?

— Daniel, eu... — Sou interrompida pela garçonete que chega com nosso café.

Uso os minutinhos que ela leva para nos servir para recuperar uma parte do meu controle.

— Então. — Ele suspira antes de se apoiar contra a cadeira segurando a xícara de café numa das mãos. — Com um atraso de treze anos, o que acha de conversarmos abertamente sobre nós dois?

— Não tem essa coisa de nós dois, Daniel.

— Para, Jake, vamos ser sinceros pelo menos uma vez. Tem nós dois, sim. E por sinal, um “nós dois” muito bagunçado e confuso. Tenho muitas explicações para dar, sei disso. Mas você tem a sua parcela de justificativa para dar também. Vamos fazer um trato? — Larga a xícara na mesa e cruza as mãos na frente do peito.

— Qual? — Imito seu gesto.

— Vamos falar tudo, mas tudo mesmo que a gente quiser, também responder tudo que o outro perguntar, esclarecer as coisas entre a gente e depois, se for necessário, esquecer tudo o que falamos e voltar a ser amigos?

— Não posso prometer que serei sua amiga, o fato de estar aqui conversando com você não significa que te perdoei.

— Eu sei disso, mas vamos dar um passo de cada vez. Primeiro, a conversa sincera, depois decidimos aonde as coisas vão nos levar, o que acha?

Penso durante alguns segundos e depois balanço a cabeça afirmativamente.

— Sem mais nenhum segredo, combinado? — Daniel murmura.

— Ok — sussurro me preparando para todas as verdades que vão surgir.

Capítulo 33

— Primeiro, quero que me explique por que a treze anos atrás você me

afastou. — Direto, sem rodeio, e a pergunta me pega de surpresa.

— Isso é algo pessoal, não quero...

— Sem segredos, Jake, vamos colocar todas as cartas na me...

— Eu estava morrendo — falo apressadamente antes que perca a coragem.

— E? — questiona sem qualquer ar de surpresa.

— E que eu estava morrendo! Isso não era motivo forte o bastante?

— Forte o bastante para o quê? Me afastar ou se afastar?

— Daniel, *eu estava morrendo!* — exclamo frisando bem as palavras. —

Literalmente morrendo.

— Eu sei... eu entendi da primeira vez que falou.

— Se entendeu, não vai perguntar mais nada?

— Sobre por que você estava morrendo?

— Seria o natural, né? — indago jogando as mãos para o alto.

— Eu já sabia da sua doença. O que quero saber é por que verdadeiramente você me afastou.

— Como você sabia da minha doença? Quando você soube? — balbucio confusa.

— Eu te explico tudo no seu tempo, mas quero, ou melhor, preciso que você me responda. Por que você me afastou? Foi por mim ou por medo do que você estava sentindo?

— Daniel, você está me confundindo. — Balanço a cabeça para os lados e mexo no meu cabelo. — Como sabia da minha doença? Poucas pessoas sabem disso.

— Vai doer o que vou falar agora, mas foi o João quem me contou.

— O João? Como assim? — As palavras saem sufocadas.

— Jake, calma. Olha para mim. — Sinto que ele segura meu rosto entre as suas mãos. — O João me procurou, por isso eu recuei. Eu resolvi me afastar de você para que pudesse ser feliz com o João, que demonstrou que realmente amava você. Prometo que te explico tudo, respondo tudo que quiser saber, mas primeiro me responda, por favor. Por que realmente me afastou? Não era só porque estava morrendo. Qual foi o *verdadeiro* motivo? Aquele que você guarda no fundo da sua alma e esconde até de você mesma. — As palavras dele ficam se embaraçando na minha frente.

Sinto que estou sufocando. São tantas lembranças misturadas com tantas perguntas e com essa descoberta do João que não consigo segurar as lágrimas quando elas queimam nos meus olhos.

— Meu Deus, isso só piora! — Soluços escapam de minha garganta. — Quando o João te procurou, por que ele fez isso?

Não sei em que momento, mas ele puxou a cadeira para o meu lado e sinto que os braços do Daniel estão ao meu redor me embalando suavemente.

— Responde, linda, qual foi o verdadeiro motivo de ter impedido que nossa conexão falasse mais alto?

Todos aqueles sentimentos que sufoquei dentro de mim, todo aquele medo, aquela angústia, aquele pavor voltam à tona com muita força e não consigo segurar suas palavras sem deixar que elas penetrem em mim. Elas entram pelos meus ouvidos e se instalam no meu coração destrancando uma comporta de sentimentos que mantinha fechada dentro de mim.

— Te afastei porque tive medo, Dani. Tive medo de te amar e você me descartar, ir embora da minha vida como todas as pessoas que amei e me deixaram. Minha mãe, minha avó, meu avô, o Mauricio. Uns não puderam escolher quando Deus os chamou, outros escolheram o dinheiro e eu fiquei em segundo lugar. Não suportaria perder ninguém mais. Por isso não podia te amar nem deixar que você me amasse, não aguentaria todo aquele sofrimento outra vez.

— Então você me afastou por medo, isso? — O Daniel me aperta entre seus braços.

— Medo? Talvez isso nem chegue perto do sentimento real.

— Então você vai entender por que me afastei também, meu amor. — Ele afrouxa o abraço de maneira que nossos rostos fiquem de frente um para o outro. — Eu tive medo também, Jake. Medo de não ser tudo que você precisava. Por isso, quando o João veio e me contou toda sua história, fiquei apavorado, em pânico por não ser o homem certo para você. Estava saindo de um casamento fracassado, com uma ex-esposa viciada, uma filha pequena que precisava de mim, sem contar o jeito como minha cabeça estava confusa. Por isso me afastei. Por medo. Mas depois percebi que fui um idiota, que não podia ter deixado esse medo ganhar. Eu podia ser seu tudo, só dependia de mim. Só que, então, era tarde demais. Quando liguei para o João e ele disse que vocês estavam bem e pediu para me manter longe, eu senti que minha chance tinha escorregado pelos meus dedos e que tinha perdido você.

— Você ligou para o João?

— Liguei alguns meses depois do seu casamento.

— Meu Deus, não acredito que ele fez isso comigo! Ele te procurou e depois você ligou para ele?

— Ele te ama, Jake, e juro, não quero ser uma pedra no casamento de vocês. Eu quero ser seu amigo. Preciso disso, querida. — Encosta nossas testas uma na outra. — Quando te conheci naquela ilha, eu era um menino. Não senti a importância daquele sentimento, daquela nossa conexão. Mas até aquele dia, eu não sabia que uma parte de mim estava faltando. Daí você apareceu e eu... me senti completo, pela primeira vez na minha vida. Então nos afastamos e aquela parte minha que estava perdida se afastou também. Só que eu sentia, ela também estava me procurando e sentindo minha falta.

— Daniel... — tento falar, mas ele não deixa e continua.

— Quando nos reencontramos virtualmente, mesmo com a distância física, eu me sentia o Daniel, aquele Daniel que eu queria ser. Cada vez que tive que te afastar me destruiu, Jake, acredite nisso. Acabava comigo! Esses últimos três anos foram um massacre para minha alma. Ela berrava, brigava comigo a cada novo dia. Porque ela queria aquela parte perdida, e ela estava com você. Só você me faria completo outra vez. Não sei se acredita no que vou dizer agora, mas eu acho que nós dois somos uma alma que foi separada em duas partes. Só somos completos quando estamos em contato um com o outro. Por isso, eu vou ser egoísta, mas eu preciso de você na minha vida. Sei que não pode ser romanticamente falando, como um casal. Mas eu me contento com sua amizade. Não importa a forma, Jake, preciso de você, da minha amiga, da minha confidente, da minha alma gêmea de volta a minha vida.

— Você não entende o que está me pedindo...

— Eu entendo, sei o quanto é difícil para você manter um relacionamento comigo no campo da amizade quando está casada com o João, mas eu juro, nunca vou ultrapassar a linha da amizade.

— Nós já ultrapassamos essa linha mesmo sem querer no passado.

— Não sou mais casado, Jake. O que disse no último e-mail era mentira, nunca voltei para ela. — Essas palavras batem fundo dentro do meu coração e me lembram do meu encontro com a Ana e do e-mail que ele me escreveu.

— Mesmo assim, no passado nada impediu que nos conectássemos emocionalmente.

— Eu sei disso! Mas podemos nos corresponder por e-mail novamente ou...

— Calma, Daniel. — Empurro gentilmente seus braços e percebo os olhares voltados para nós. — Está todo mundo olhando.

— Sinceramente, Jake, não me importo com quem esteja olhando, minha preocupação é só contigo.

— Daniel, eu preciso entender essa história, estou confusa. Não consigo

acreditar que João faria uma coisa dessa comigo. Como e quando te procurou?

— Antes do seu casamento, uns dias antes daquele que mandei a mensagem terminando nossa amizade...

Ele passa a relatar toda a conversa que os dois tiveram. Recordo da minha desconfiança de que o João pudesse ter lido meu e-mail, das suas atitudes na semana que antecederam o casamento e muitas coisas começam a fazer sentido na minha cabeça.

— Era você, né? — questiono com a voz trêmula.

— Na frente da igreja? Era. Eu... precisava ver você.

— Por que não veio falar comigo?

— Porque eu não podia! Você precisava casar com o João. Eu estava confuso, Jake, acreditava que ele era o cara certo. Se fosse falar contigo, imploraria para que me desse uma chance. Vou me arrepender disso pelo resto da minha vida. Mas... você é dele agora e quero que seja realmente feliz no seu casamento. Juro, não serei um empecilho para vocês. Nunca abordarei outra vez meus sentimentos por você.

Passo as mãos no cabelo e o amarro no alto da cabeça.

— Por que você não veio falar comigo, Daniel? — Choro e rio ao mesmo tempo. — Como você foi burro!

— Eu fui! Perdão! Fui burro, fraco, agi como um menino assustado, movido pelo impulso, e pelo resto da minha vida vou me punir por isso.

— Tem noção da consequência na minha vida por ter visto você naquele dia?

Ele balança a cabeça.

— Aquilo... aquilo... Meu Deus. O João sabia de tudo e... não sei quem é o pior, o João por ter ido conversar com você ou você por ter deixado ele te convencer — falo entre soluços.

— Eu... Era o melhor a fazer.

— Era o melhor a fazer? Quem disse isso? Você? O João? E minha opinião, onde ficou? Em nenhum momento você parou para pensar no que *eu* queria? Do que *eu* realmente precisava?

— Você precisava de alguém que cuidasse de você! — ele responde e posso jurar que sinto sua voz embargada pela emoção.

— E se eu não quisesse ser cuidada? Se quisesse me machucar? Quebrar a cara? Vocês dois não tinham o direito de decidir isso por mim.

— Eu sei disso hoje! Mas ele me pegou de surpresa quando veio conversar comigo. O João te ama Jake, provou isso quando veio conversar comigo. Não

brigue com ele por causa disso. Já disse, não quero ser um problema para o casamento de vocês.

— Que ódio de vocês dois. Esses últimos três anos foram tão complicados, carregados de culpa e agora eu descobro que... o João armou para mim... que era você mesmo do lado de fora da igreja! — Caio na gargalhada outra vez em meio ao choro.

— Jake, calma.

— Calma? Calma? Tenho certeza depois de três anos que tomei a atitude correta, que posso jogar fora uma tonelada de culpa que estava carregando e você me pede calma? Quer saber? Não consigo mais olhar para a sua cara, não agora. — Me afasto e fico de pé. — Agora preciso encontrar o João, tirar essa história a limpo, porque eu não consigo acreditar que ele fez realmente isso comigo. É surreal!

Pego minha bolsa de cima da mesa e saio apressada para fora do café.

— Jake, vamos conversar, temos tantas coisas para esclarecer! — Ouço a voz do Daniel nas minhas costas.

— Não precisa esclarecer mais nada. Eu entendi tudo. Acreditei num homem e ele me fez de idiota, outra vez! Idiota... — Continuo caminhando sem olhar para trás.

— Você não pode chegar em casa assim, precisa se acalmar antes de conversar com o João.

— Me acalmar antes de conversar com ele? Quero bater nele! Machuca-lo como fez comigo! Nem todo o tempo do mundo seria capaz de me acalmar.

— Jake...

— Não insista, Daniel, preciso digerir isso tudo.

— Você não pode ir embora desse jeito.

— Sim, eu posso.

— Jake, temos muito que conversar ainda.

— Sem dúvida, vamos conversar de novo, Daniel, mas antes preciso conversar com o João e entender porque ele fez isso comigo.

Quando chego ao ponto, nem vejo que ônibus está vindo, simplesmente dou sinal para que ele pare. Preciso sair daqui, organizar meus pensamentos.

— Sabe um detalhezinho que você deixou escapar, Daniel? — Olho para ele enquanto o ônibus vai parando. — Que mulher eu queria ser.— Ele arregala os olhos. — Depois que pensei ter visto você do lado de fora da igreja, eu tive uma certeza da mulher que eu não queria ser.

Subo para o ônibus e olho por cima do ombro.

— Não queria ser uma mulher que fica com sua segunda opção. E eu seria uma se me casasse com o João amando outro homem. — As portas se fecham e só consigo pegar um vislumbre do semblante apavorado do Daniel.

Capítulo 34

Não sei como cheguei ao meu apartamento. Só registrei que cheguei no meu apartamento quando abri a porta e vi o João, que eu acreditava ser meu melhor amigo, deitado confortavelmente no meu sofá, a bile subiu e tive que me controlar para não vomitar. Nem bem fecho a porta e a pergunta já pula da minha boca junto com as lágrimas que voltam a correr dos meus olhos.

— Por quê, João?

— O que foi, Jaqueline? — Sua voz soa como ácido nos meus ouvidos.

— Por quê, João?! — berro enquanto jogo minha bolsa sobre o sofá. — Por que fez eu me sentir culpada por todos esses anos enquanto o canalha era você?!

Vejo o exato momento em que ele toma consciência de que sei o seu segredo.

— Ele te encontrou? — Apenas balanço a cabeça em confirmação. — Filho da puta! Jaqueline, não é o que está pensando — fala enquanto apoia a perna no chão para se levantar.

— Não é o que estou pensando? — Solto uma gargalhada entre as lágrimas. — Então responde, você foi conversar com o Daniel para que ele se afastasse de mim?

Ele não diz nada e seu silêncio só confirma o que o Daniel me contou há pouco.

— Como fez isso comigo, João? Eu te considerava meu amigo...

— Eu sou a porra do seu amigo, Jaqueline, mas eu te amo! Não podia deixar um fantasma entrar na sua vida e roubar você de mim!

— Ele não estava me roubando! Será que depois de todos esses anos ainda não percebeu que nunca fui sua? Pensei que com tudo que aconteceu tivesse entendido isso e aceitado que somos apenas amigos!

— Nunca desisti de você, Jaqueline.

— João, eu deixei você no meio do nosso casamento!

— Você estava confusa, só isso! Sabia que quando colocasse a cabeça no lugar perceberia que foi um erro não casar comigo.

— João, três anos! Eu fui ao inferno e voltei, e você estava esperando eu mudar de ideia? Nunca me arrependi de não ter casado com você!

— Estava tudo dando certo, daí o Daniel tem que aparecer para estragar tudo outra vez!

— Estragar tudo? Não existe nada para ser estragado.

— Como pode falar isso? Olha como estamos nos dando bem. — Faz um gesto nos apontando.

— Eu estou ajudando você, João, em consideração a tudo que aconteceu entre a gente!

— Consideração? Jaqueline, você não percebe o que sente por mim.

— Quem não percebe é você, João! Nunca seremos mais que amigos!

— Estamos morando juntos! — esbraveja e vejo a raiva borbulhar no seu rosto.

— Porque você quase morreu, sou sua amiga e estou ajudando a passar por esse momento complicado! Te devia isso, afinal, quando cai em depressão depois do fim da minha amizade com o Daniel foi você que me ajudou a se reerguer! E agora, percebo que não te devo nada, porque você foi o motivo dele ter se afastado ! — respondo no mesmo tom cheio de raiva.

— Jaqueline, vamos parar de gritar um com o outro. — Respira fundo e passa a mão pelo seu cabelo. — Esse ressurgimento do Daniel foi até bom, podemos de uma vez por todas decidir nossa situação.

— Verdade, podemos mesmo. — Cruzo as mãos ao redor de meu corpo. — Fora da minha casa! Fora da minha vida! Nunca mais quero ver você, João! — grito e sinto meu rosto pegando fogo pelo ódio que estou sentindo.

— Não! Não é assim que as coisas serão. Não vou a lugar nenhum até que se acalme e raciocine direito.

— O que tem para raciocinar? Sei de tudo e quero você longe de mim.

— Você sabe a versão do idiota do Daniel. Não mereço nem ao menos a oportunidade de falar a minha versão disso tudo?

— Eu sei a minha versão e essa é a que importa.

— E qual é essa versão? — pergunta sem gritar dessa vez.

— Que os dois caras que deixei entrarem na minha vida e abri o meu coração resolveram se aliar e decidir o meu destino, sem ao menos se preocuparem com a minha vontade!

— Não foi isso que aconteceu.

— Não? Ok... Então conta a sua versão da história. — Me jogo no sofá e fico aguardando a sua explicação.

— Tudo começou quando você se negava a assumir a gente. Sua resistência me dizia que existia muito mais do que apenas medo de ser deixada outra vez.

Foi quando comecei a notar o tempo que você passava na internet. Os sorrisos bobos para a tela no note. Como sua expressão se iluminava quando seu celular recebia uma notificação de e-mail. Não sou burro, Jaqueline! Sabia que a razão da sua resistência estava ali. Sendo esfregada na minha cara, um pouquinho a cada dia. Não queria invadir sua privacidade, por isso, te pressionei a se abrir comigo. E pontos para você, porque foi exatamente isso que fez. Me contou sobre o Daniel e o relacionamento maluco de vocês dois. Passei a lutar contra um adversário do outro lado da tela, um cara que você mal tinha visto quando era pouco mais que uma adolescente. Já parou para pensar no quanto isso era foda para mim?

— Ele não era seu advers...

— Deixe terminar, Jaqueline. — Ergue a mão para me calar.

— Ok.

— Mesmo depois que nosso casamento estava marcado, sentia que você estava escapando pelos meus dedos. Presente, mas, ao mesmo tempo, distante. Bastaria o Daniel dar um aceno e você me daria um pontapé na bunda e correria para ele. Vivía com o medo de chegar aqui e você terminar comigo. Então, um dia, chego no seu apartamento e vejo você xingando o notebook, claro que na hora senti que, fosse o que fosse, era importante e tinha algo a ver com ele. E por minha sorte, você entrou no banheiro e quando passei o dedo no teclado, ele ainda não tinha bloqueado e a mensagem dele surgiu na tela. A menos de uma semana do casamento, o cara resolve se declarar para você! Não lutei tanto para ter seu amor para perder ele ali, quando estava quase conseguindo você para mim. Então nem vacilei quando anotei o e-mail dele e entrei em contato marcando um encontro. Ele me passou o endereço e inventei uma reunião do trabalho para que pudesse ir conversar sem levantar suspeitas. Voei até lá e deixei as coisas claras, que ele não era o homem certo e que esse homem era eu. Pensei que ele resistiria, lutaria por você. Mas não! Ele concordou e deu um jeito de sumir da sua vida. Quando você surtou no dia do casamento, eu sabia o motivo. Foi o Daniel ter aparecido. Num primeiro momento, fiquei muito indignado e sumi, achei realmente que vocês ficariam juntos. Quando o Daniel entrou em contato depois de alguns meses, perguntando se você estava bem, percebi que ele não sabia que não estávamos casados e sabia que era minha chance de tentar uma aproximação sem a sombra do Daniel sobre a gente. Então, disse que estávamos bem, que era para ele se manter afastado. Nesse momento, percebi e confirmei minhas suspeitas, de que na verdade, você só estava confusa, porque, se realmente o amasse, teria procurado por ele. Decidi me reaproximar como um amigo, e aos poucos, ir retomando nosso relacionamento,

e foi isso que aconteceu, não foi, Jaqueline? Quando cheguei e encontrei você deprimida, vai negar que te ajudei a dar a volta por cima?

— Não, João, não nego. Mas nunca houve a retomada do relacionamento! Deixei tudo bem claro quando voltamos a nos relacionar, que seríamos amigos, apenas isso.

— Mas olha onde estou, Jaqueline, morando com você. Nos damos super bem, ficamos horas conversando, gostamos da companhia um do outro. Como pode pensar que não existe nada entre a gente?

— Vou repetir, não está morando comigo! E claro que existia algo entre a gente, amizade! Estou te ajudando, João, porque pensei que, depois de todo sofrimento que te fiz passar, nada mais justo do que retribuir isso cuidando de você quando estava precisando!

— Foi muito mais que isso. Acha que não percebi os olhares que me dava quando pensava que não estava olhando?

— João, nunca olhei para você assim... Você está obcecado por mim e está vendo atitudes onde não existem! Gosto de você como um amigo, apenas isso, nunca terá meu coração dessa forma que quer!

— Não quero seu coração, Jaqueline! Eu te amo o suficiente por nós dois. Basta que me dê sua companhia, sua presença, sua paixão. Um relacionamento entre nós dois será perfeito. Eu cuido de você, das suas necessidades e isso me dará prazer. Você não precisa fazer nada, apenas se deixar ser cuidada.

— Mas eu quero mais, João! Eu sempre quis mais. Não quero apenas um amor morno, em banho-maria. Quero algo que faça meu coração acelerar. Quero que a pessoa ao me ver perca o ar. Que quando estivermos juntos seja explosivo. Quero que a pessoa divida sua vida comigo, seja o meu mundo!

— Podemos tentar e...

— Não, nunca vamos tentar. Quando disse não naquela igreja, não foi apenas para aquele momento, mas um não para toda vida. Eu não quis ser a segunda opção de ninguém, não quis ficar com o resto do afeto e não podia fazer isso com outra pessoa. Percebi naquele dia que jamais seria feliz dando metade do amor que você merece.

— Então me dê todo o amor que mereço, Jaqueline. Você não percebe que é minha vida? Que meu mundo gira ao redor de você?

— Não posso, João... Não podemos controlar os sentimentos. Eu realmente acreditei que você era a pessoa certa para mim. Mas hoje vejo que o que admirava em você é o que me irrita hoje. Você não cuida de mim, mas me sufoca. Você não é carinhoso, é ciumento. Não é um amante atencioso, é um

amante que quer provar que pode me fazer perder a cabeça para se vangloriar depois. Você não me ama de verdade, mas ama a ideia de ter o meu amor. Definitivamente, você não é o homem da minha vida.

— Jaqueline, está vendo tudo errado.

— Muito pelo contrário, estive vendo tudo errado, agora, estou vendo tudo claro como o dia. Eu me coloquei nessa situação. Quando se reaproximou, acreditei que o sentimento de amizade que nós tínhamos era verdadeiramente forte. Percebo agora que foi um erro, isso deu a você esperanças onde não existia.

— Jaqueline...

— Vai embora, João.

— Você está nervosa, vou para um hotel e amanhã conversamos.

— Não, João, vai embora.

— Ok, Jaqueline, se acha melhor, vou para meu apartamento e amanhã mando alguém pegar minhas coisas, dou esse tempo para você acalmar a cabeça e daqui a alguns dias conversamos.

— Não, João! Você não está entendendo! Vai embora da minha vida! De uma vez por todas! Lembra quando disse que meu relacionamento com o Daniel era tóxico? Hoje descobri que, na verdade, esse relacionamento também é tóxico.

— Não vou em...

— Cala a boca, João! Por favor! Chega! Não quero mais suas explicações, elas só demonstram o quão fui idiota e manipulada por você. Vou sair e daqui a uma hora volto e espero que não encontre nada seu dentro do meu apartamento. Juro, se você não tiver saído, não vou hesitar em chamar a polícia para te tirar daqui!

Pego minha bolsa e saio do meu apartamento. Deixo o João gritando desesperado e me chamando, porém, em nenhum momento tenho dúvidas da minha decisão.

Acabou. Agora realmente acabou.

O que vou fazer agora?

Não sei, o que fazer com relação ao Daniel, mas qualquer relacionamento entre João e eu, esse sim, definitivamente acabou!

Capítulo 35

Duas semanas depois...

Essas duas semanas foram ao mesmo tempo boas e ruins.

Boas, pois consegui colocar minha cabeça no lugar, processar todas as informações que tive e aceitá-las da melhor forma no meu coração. O João não acatou bem a decisão de me afastar totalmente dele, tentou manter contato pelo telefone tantas vezes que optei por trocar o meu número, então, ele começou a aparecer no hospital. Somente depois de ameaçar entrar com uma medida de afastamento, ele desistiu. Ou melhor, recuou um pouco.

E o Daniel? Nada... nem uma "carona" de ônibus. Nem uma olhada de longe. Sumiu. Desapareceu e me deixou sozinha com minhas mágoas e pensamentos. Mas sei que esse sumiço não será para sempre. Algo dentro de mim diz que ele apenas recuou porque está reagrupando seu ataque.

E por que ruim? Porque fico imaginando todos os "se" que podiam ter acontecido. Se vou ser sincera comigo, ruim também porque não queria que o Daniel tivesse sumido. Ainda estou com esse pensamento em mente quando viro num dos corredores e esbarro com uma pessoa.

— Desculpa. — Apoio minhas mãos no seu peito.

Quando ergo os olhos e visualizo o rosto dessa *pessoa*, nem me assusto, pois meu coração estava esperando seu ressurgimento a qualquer instante.

— Oi... — fala e abre um sorriso.

Abaixo minhas mãos e recuo um ou dois passos.

— Oi, Daniel... — sussurro. — O que você está fazendo aqui?

— Mas você gosta dessa pergunta, hein, linda? — Abre um sorriso de orelha a orelha e não posso deixar de retribuir. — Eu digo oi, você diz oi, eu pergunto se está tudo bem, você me dá a resposta e assim começamos a conversar. Quer tentar novamente? — Ergue uma sobrancelha de forma interrogativa e preciso colocar a mão na boca para me impedir de cair na gargalhada.

— Oi — o Daniel fala enquanto faz um gesto para mim.

— Oi. — Faço um gesto para ele, como se passando minha vez.

— Como você está? Tudo bem? — Faz um gesto de vitória no ar e aponta para mim.

— Eu estou bem, e você, o que está fazendo aqui? — respondo sarcasticamente.

— Ah, essa pergunta de novo? — Faz um gesto de derrota e caímos em gargalhadas.

Quando paramos de rir, ele me fita com muita intensidade.

— Você está bem mesmo, Jake?

— Dentro das possibilidades, estou bem — falo baixinho.

— Eu... nós... precisamos conversar — diz no mesmo tom de voz que usei.

— Daniel, não é local para termos uma conversa. — Cruzo os meus braços na frente do peito para disfarçar meu nervosismo.

— Sim, concordo com você. Sei que não é esse o local apropriado para nossa conversa. Não vou tomar muito seu tempo, serei breve, prometo. No nosso último encontro, você saiu tão rápido que não tive tempo de te entregar uma coisa.

— Que coisa?

Ele estende a mão para mim e um pouco cautelosa estendo minha mão até a dele. Ele segura minha mão na sua enquanto me olha dentro dos olhos e tira alguma coisa do seu bolso com a outra. Depois, coloca alguma coisa na minha e a fecha, entrelaçando nossas mãos e as apertando firme.

Sem desviar os seus olhos dos meus, se aproxima e dá um beijo suave no rosto.

— Tchau, linda. — Se afasta, solta minhas mãos e sai caminhando pelo corredor tranquilamente.

Aperto o que ele colocou na minha mão, não tenho coragem de ver o que é. Só quando ele dobra o corredor, trago minha mão para perto e devagar, abro-a para me deparar com um pedaço de papel, um cartão dele. Número de telefone, e-mail, endereço do seu escritório. Quando viro o cartão, percebo algumas palavras rabiscadas no verso. *Use quando estiver pronta.* Um recado simples, mas tão forte. Abro um sorriso. O Daniel sabe como respeitar minha necessidade de tempo e com isso meus sentimentos.

Passo dias me debatendo contra a vontade de entrar em contato com ele. Sinto como se aquele pedaço de papel na minha bolsa pesasse toneladas. Depois de mais um dia de muita ansiedade, chego em casa exausta de tanto pensar e, após tomar banho, deito na cama segurando o cartão dele. Viro de lado e o coloco sobre o travesseiro com a parte escrita voltada para mim, para que possa olhar para ele enquanto tento decidir o que fazer.

Use quando estiver pronta.

Como vou saber quando estou pronta? Talvez eu nunca saiba. Aceito que eu nunca esteja realmente pronta. Pior de tudo, preciso aceitar a verdade de que talvez eu já esteja pronta, mas o medo me impeça de agir. Perco-me nesses pensamentos. Passado, presente e futuro se misturam mais uma vez na minha cabeça.

Minha história com o Daniel é trágica e, ao mesmo tempo, tão linda. Quanto mais nos afastamos, mais coisas malucas acontecem para nos unirem.

São tantas dúvidas, medos, perguntas sem respostas. Contudo, preciso encarar o fato de que não é assim que tudo termina. Nem que seja uma conversa, ela terá que acontecer. Tenho que descobrir de uma vez aonde essa nossa história quer me levar.

Salto da cama, pego meu celular e adiciono seu número nos contatos, mas depois de uns segundo, resolvo que o melhor é mandar um e-mail, afinal, foi assim que tudo começou e durou durante tantos anos. Respiro fundo e, antes que perca a coragem, pego o meu notebook e escrevo uma breve mensagem.

De: Jake <jaqueline@gmail.com>

Enviado: quinta-feira, 11 de outubro de 2012, 22:26

Para: Daniel <danielarquiterows@gmail.com>

Assunto: Oi...

Daniel,
Estou pronta.
Jake.

*

Dei o primeiro passo. Agora é esperar e ver como meu coração reagirá com as suas palavras e explicações.

Capítulo 36

Acordo algumas horas depois, assustada, sem saber ao certo o motivo. Olho no relógio e passa de uma hora da manhã. Deve ter sido alguma buzina ou som do vizinho de cima. Estou virando para o lado quando ouço o som da campainha ecoando por todo o apartamento.

— Quem pode ser a essa hora? — Saio meio grogue da cama, ando até a sala e destranco a porta, mas deixo a corrente de segurança e abro apenas uma fresta.

— Oi... — falo com a voz embargada pelo sono tentando focalizar quem é a pessoa do outro lado.

Meus olhos assimilam quem está ali e solto um pequeno grito.

— Daniel? — Ele me olha com um sorriso debochado no rosto.

— Não vai perguntar o que estou fazendo aqui?

Fico olhando pela fresta sem conseguir falar nada.

— Bom, já que você não fará sua pergunta preferida, eu gostaria de explicar, mas para isso preciso entrar, posso? — Faz um gesto com a cabeça na

direção da porta da minha casa.

Saindo do meu estado de catatonia, abro a fresta para que ele entre.

— Como você sabe onde moro?

— Digamos que... eu tive uma conversa com o João e meio que... de uma forma muito educada, depois dele ter uma conversa amigável com meus punhos, eu o convenci a me passar seu endereço.

— Quando você falou com ele?

— Antes de deixar meu cartão com você.

— E por que só veio agora?

— Porque eu estava esperando você me dizer que estava pronta.

Sei que pareço uma idiota olhando para ele, com cara de quem não acredita no que ouviu. *Ele é tão doce que chega a me dar medo.*

— Não que eu tenha queixas, estou adorando a vista, inclusive. Só que talvez você prefira colocar algo mais “confortável” para conversarmos?

Olho para mim e só então percebo que estou vestindo apenas uma camiseta que deixa a borda da minha calcinha aparecendo e meias de algodão. Instintivamente, tento puxar a camiseta para baixo e aperto meus joelhos juntos. Daniel cai na gargalhada e vira de costas.

— Vai se trocar, te espero aqui na sala.

Não preciso esperar nenhuma outra palavra e corro para meu quarto, sentindo meu rosto pegando fogo. Depois de colocar uma calça *legging*, aproveito que vim para o quarto e escovo os dentes, passo os dedos pelo cabelo e os prendo num coque frouxo.

Sentindo ainda vergonha, dou umas dez respiradas profundas e volto para a sala. Não foi culpa minha me apresentar desse jeito. Ele podia ter esperado até amanhã para aparecer, né? Quando chego no final do corredor, vejo o Daniel sentado, ou melhor, jogado no meu sofá, com os braços e a cabeça sob o encosto de olhos fechados. Aproveito que ele não está me olhando e fico absorvendo seus traços. Ainda é o mesmo menino, mas agora, tem a segurança de um homem que sabe muito bem o que quer.

Como se tivesse sentido o peso do meu olhar, ergue a cabeça e seus olhos encontram os meus. Abro um sorriso tímido e caminho para a sala, sentando na poltrona do lado da sua.

— Melhor? — pergunto timidamente.

— Depende. Para você ou para mim? — retruca com um sorriso safado no rosto.

Abro um sorriso e olho para minhas mãos apoiadas no meu colo.

— Não me culpe, não estava esperando ninguém. E por sinal, precisava vir essa hora?

— Ué, você disse que estava pronta. Eu estou pronto. Por que esperar mais?

— Pois é... é uma hora da manhã, super normal aparecer a essa hora na casa das pessoas. Então, por que esperar, né? — Balanço a cabeça enquanto um sorriso escapa dos meus lábios.

— A verdade é que não podia esperar mais nenhum dia para falar com você, estava ficando louco! Você está bem? Quer dizer... depois de conversar com o João e de tudo que descobriu. Nem eu consigo acreditar em tudo ainda.

— Estou ainda me sentindo traída, mas melhor.

— Isso quer dizer que... posso voltar a ser seu amigo? — questiona de forma cautelosa.

— Daniel, quem a gente está querendo enganar? Nunca deixamos de ser amigos.

— Amigos? — Sinto uma pontada de esperança na sua voz e dou de ombros.

Ele ergue uma sobrancelha de forma interrogativa.

— Eu conversei com o João e sei que vocês não são casados. Primeiro quero deixar claro que fui um idiota em deixar ele me convencer a me afastar e mais idiota ainda de não ter conversado com você sobre isso. Mas... não posso mudar o que fiz de errado. Posso apenas tentar consertar esses erros. Por isso, preciso saber, não casar com o João tem alguma coisa a ver comigo, Jake?

Sinto uma pontada de ansiedade que fica nitidamente estampada na intensidade da sua voz.

— E-eu... eu... — começo a gaguejar.

Ele escorrega da poltrona e se ajoelha na minha frente.

— Deixa eu falar algumas coisas antes de você responder isso. — Ergue a mão e coloca uns fios de cabelos que escaparam do coque atrás da minha orelha, depois escorrega os dedos na minha bochecha. Os toques dele são sempre breves, mas me aquecem inteira e fazem meu coração acelerar.

— Você sente isso também, né? — ele pergunta num sussurro. — Não sei o que acontece com a gente, Jake, mas é mais forte do que qualquer coisa que senti na minha vida e hoje sei que com você não é diferente. A gente errou. Um pouco você, um pouco eu, um pouco as coisas da vida. Mas não podemos negar que, há tantos anos, quando nos encontramos, as águas do rio da sua vida se misturaram com as do rio da minha vida, e a partir daquele dia foi impossível conseguir separar o que era você e o que era eu. Mesmo longe, a de quilômetros

de distância, sem nos vermos fisicamente, nossa conexão não morreu. E a cada ano que ficamos longe, a vontade de te encontrar só crescia. Errei em não ver isso antes e perceber que somos um do outro, que essa nossa ligação não vai sumir, pelo contrário, ela só aumenta. Precisamos aprender a realmente confiar um no outro, esquecer o passado e decidir qual caminho estamos dispostos a percorrer. — Quando termina de falar, sua respiração está acelerada e seus olhos estão marejados de lágrimas.

Nem sei como, mas minhas mãos tomam a frente de meu cérebro e estão segurando seu rosto.

— Eu errei tanto me afastando de você quando nos conhecemos. Eu tinha medo, porque o sentimento que despertamos um no outro foi tão forte que me assustou. Não queria que ninguém possuísse meu coração, porque isso me deixava vulnerável. E depois de tudo que passei, não quero nunca mais ser vulnerável e deixar minha vida nas mãos de alguém. É muito importante para mim ser dona das minhas decisões, você entende isso? — Ele balança a cabeça. — Mas você tem razão, os anos só fizeram o laço que nos une mais forte e cada vez mais apertado ao redor de nossos corações. Esse laço foi nos puxando um para perto do outro. A cada desencontro, uma reviravolta e lá estávamos um na vida do outro de novo. Mas precisamos admitir, a gente é teimoso e nenhum de nós é inocente. Concordo com você quando diz precisamos aprender a confiar um no outro.

— Não podemos mudar o nosso passado ou apagar as coisas que vivemos nem devemos fazer isso, porque elas fazem parte de nossa vida e moldaram quem somos hoje. Se você me quiser na sua vida, apenas como um amigo, vou me sentir honrado e feliz, muito feliz. Mas, se você me quiser para algo a mais que uma amizade, primeiro tem que saber que entro nesse relacionamento com um passado, que incluem uma ex-esposa que pode precisar de mim a qualquer momento e uma filha por quem movo céus e terra para proteger. Mas acredite, se você me der uma chance de mostrar que podemos dar certo, prometo que nem por um segundo sequer se arrependerá disso, pois, você será o centro do meu universo.

— Tem noção do que está pedindo? Uma chance comigo, uma pessoa que é cheia de falhas, por dentro e por fora.

— Cheia de falhas, mas nem por isso menos perfeita, Jake. Eu tenho muitas falhas também. O que nos define não são apenas nossas falhas, mas aquilo que carregamos dentro da gente, nossas qualidades e defeitos, misturados, que nos fazem únicos.

— Mas as suas falhas não estão sempre sobre a sua cabeça como uma

sentença de morte, Daniel. Eu tive câncer, quase morri. Hoje estou em remissão, mas a chance de voltar a ficar doente é muito maior do que a de qualquer pessoa.

— Todos podemos morrer a qualquer momento, Jake, posso sair daqui e ser atropelado por um carro e morrer ou posso viver até os oitenta anos. Por causa desse risco, devo deixar de viver? Não posso amar ninguém nem ser amado?

— Não é só isso... eu... não posso ter filhos. Depois da quimioterapia é quase impossível que eu possa engravidar — falo num sussurro.

Ele fica alguns segundos em silêncio e sinto que isso o pega de surpresa.

— Eu sinto muito, Jake, de verdade. Mas isso não é motivo para que não possamos ficar juntos. Se você quiser ser mãe, existem muitas soluções para isso. Volto a falar, isso é motivo para se privar de ser feliz?

— Daniel, entenda. Eu quero você na minha vida. Mas não acho justo atrelar você aos meus problemas.

— Jake, querida... não são *seus* problemas. São *nossos*. Será que ainda não entendeu que, mesmo que não queira, não existe mais eu ou você? Existe o nosso rio, nossas águas misturadas.

— Oh Dani... eu não mereço isso. — Aperto seus ombros tentando segurar minhas lágrimas.

— Merece, linda, assim como eu mereço. Nós merecemos essa chance. Mas está nas suas mãos.

— O que está nas minhas mãos?

— Decidir se vamos ser amigos ou aquilo que estamos destinados.

— E o que estamos destinados a ser, Daniel?

— Amigos, companheiros, confidentes, almas gêmeas, amantes, namorados, marido e mulher, e dois velhinhos caminhando juntos e abraçados até o final da vida, ou aquilo que seu coração entender como certo.

— Dani, a gente merece isso? — pergunto entre lágrimas. — E se não der certo e perdermos nossa amizade?

— A gente vai dar certo, Jake. Não deixe o medo manipular você! Seja minha parceira de vida, Jake.

— Eu sempre torci para você ser feliz, Daniel, nunca quis que seu casamento não desse certo ou que tivesse qualquer dificuldade nele. Mas preciso admitir, estou feliz por ter essa chance com você. — Encosto minha testa na sua. — Eu aceito ser sua parceira de vida, se você for o meu parceiro também.

— Sim! Mil vezes sim. — Não pensa um segundo sequer antes de gritar sua resposta. — Eu prometo que nunca se arrependerá dessa decisão. — Seus braços me apertam contra seu peito e ficamos assim, um nos braços do outro por vários

minutos, apenas deixando nosso calor nos confortar.

— Isso não é um sonho, né? — ele sussurra interrompendo o silêncio.

— Se for um sonho, estou sonhando junto com você.

— Então acho que precisamos aproveitar esse sonho antes que a gente acorde — ele fala com um tom de voz rouco que demonstra qual é a sua intenção.

— E qual é a ideia que você tem para aproveitar esse sonho? — retruco no mesmo tom carregado de desejo.

— Você quer que eu fale... — Ele dá um beijo leve na minha boca. — Ou posso mostrar?

— Hum... acho que prefiro que você me mostre.

— Acha? Não senti firmeza nessa resposta.

— Daniel... — Inclino meus lábios na direção dos seus. — Cala a boca e me beija logo.

Sem mais demora, sinto seus lábios sobre os meus. Sinto lábios, dentes, língua, respiração acelerada, desejo, tudo misturado e me atingindo com tanta força que se torna difícil conciliar ou pensar em alguma coisa. Lanço minhas preocupações pela janela e deixo que Daniel saiba que quero aproveitar do beijo tanto quanto ele.

Quero desfrutar deste homem viril e atraente que desejo tanto e que pelo fogo do seu beijo retribui o mesmo sentimento. Deslizo meus dedos no seu peito e não penso em nada além do quanto quero sentir seu peso sobre mim. Daniel corre sua mão pela linha do meu pescoço até a curva do meu ombro e depois a repousa na parte inferior das minhas costas, me puxando com força para me deitar no sofá, colando seu corpo no meu.

O calor do seu corpo. O pressionar de sua mão no meu quadril. O volume de sua ereção quando ele empurra contra a parte inferior do meu corpo é quase demais para mim, tornando difícil não gemer e colocar ainda mais fogo nesse momento.

Assim que o gemido escapa de meus lábios, ele interrompe o beijo e me fita preocupado.

— Jake? — Sei exatamente o que ele está me pedindo.

— Sim, Daniel. — Duas palavras. É tudo o que preciso dizer para que a necessidade e o desejo reprimidos por tantos anos aumentem e inflamem em um fogo incontrollável em que o primeiro beijo cauteloso é transformado em uma noite maravilhosa de muitas promessas e cheia de prazer.

Capítulo 37

Um ano depois...

Sentir o vento batendo no meu rosto misturado com esse cheiro de maresia e calor do sol é tão familiar que não consigo parar o sorriso que brota nos meus lábios. Depois de muitos anos sem voltar aqui, estou na Ilha de Anhatomirim com o Daniel e a Priscila, no lugar onde tudo começou. Fizemos da mesma forma de quando nos conhecemos, viemos no primeiro barco e passamos o dia inteiro caminhando pela ilha, mostrando todos os segredos para Pri, que está encantada com tanta novidade e beleza.

Agora eles desceram na lanchonete para pegar um refrigerante e esperar os outros visitantes terminarem o passeio, e eu fiquei aqui, sozinha, curtindo um momento para ter uma conversa com meu avô. Sinto que ele está muito feliz com o rumo da minha vida. Orgulhoso da mulher que me transformei. Senti isso em cada momento que estive na ilha. Foi um dia perfeito e agora volto para casa sabendo que cada detalhe está no lugar onde deveria estar.

— Eu te amo, vovô — digo olhando o horizonte e sinto o vento levando minhas palavras até ele e como ele as recebe, cheio de orgulho e emoção.

Levanto e caminho em direção à escadaria, e vejo meus dois amores me aguardando lá embaixo. Mesmo sem querer, noto que apressei o prazo para me reunir outra vez com eles. Quando nos encontramos no fim da escada, os dois estão sorridentes e me abraçam apertado.

— Ei, por que esse abraço tão apertado? — pergunto aos dois.

— Porque a gente te ama, ué — a Pri fala toda sorridente com sua ingenuidade de criança

— Eu também amo vocês, pequena. — Dou um beijo no topo da sua cabeça e depois um beijo nos lábios do Daniel.

Nos desvencilhamos e vamos brincando até o barco, onde aguardamos todos os visitantes entrarem. Percebo quando um dos tripulantes faz um gesto em direção ao Daniel.

— Já volto. — Daniel levanta e vejo que caminha para cima do barco.

— O que será que ele vai fazer? — pergunto para Priscila, que arregala os olhos e fica vermelhinha.

— O que vocês dois estão aprontando? — pergunto fazendo cosquinhas na sua barriga.

— Nada, Jake — fala se contorcendo e rindo muito.

Não tenho tempo de continuar minha tortura quando a voz do “capitão” soa na embarcação, acompanhado de uma sirene estridente.

— Atenção, caros passageiros, hoje temos uma surpresa a bordo! — Olho

para os lados um pouco assustada, mas logo a ficha cai e percebo que deve ser uma das atividades recreativas do passeio.

Ainda estou absorvendo a cena quando vejo o Daniel descendo a escada, vestindo uma camisa branca e segurando um buquê de flores nas mãos. Arregalo os olhos e não tenho tempo de esboçar nenhuma outra reação, pois em dois passos ele está ajoelhado na minha frente.

— Jake, há alguns anos, peguei esse mesmo barco para passear com o meu irmão, esperando apenas passar um dia agradável numa ilha no meio do oceano. Mas, em vez disso, encontrei a mulher mais perfeita e maravilhosa do universo. Passamos momentos muito difíceis até que nossos caminhos se encontrassem novamente. Não quero correr o risco de me afastar de você outra vez. Quero entrelaçar a minha vida na sua para sempre e nada me faria mais feliz do que você aceitar se casar comigo e se tornar minha mulher. — Estou em lágrimas e mal consigo acreditar no que ele está fazendo. — Jake, você aceita casar comigo?

— Sim! Sim! Sim! Claro que aceito ser sua esposa! — O barco inteiro irrompe em palmas.

O Daniel fica em pé e me puxa para seus braços. Mal tenho tempo de passar meus braços ao redor dele quando percebo algumas pessoas caminhando na minha direção. Uma delas com um vestido branco e a outra com o que parece um véu.

— Dani, o que mais você aprontou?

— Para que esperar, né? Esperar não combina conosco, querida. Você disse sim e isso é tudo que importa. Estamos em alto-mar, o capitão do barco aceitou fazer o nosso casamento, então vamos fazer nossos votos nessa ilha, no lugar onde tudo começou, sob a benção do seu avô.

Minhas duas mãos estão na minha boca parando o gemido que deixo escapar e não consigo interromper as lágrimas que rolam pelo meu rosto.

— Ei, pequena, você ficou triste? — pergunta com seus braços ao redor de mim.

— Claro que não, Dani...

— Então não chora!

— Não consigo parar, Dani. Você sabia que isso foi muito doce, né?

— Não fiz isso para ver você chorando, mas sorrindo.

— Você sabe que esse casamento não tem validade... — tento argumentar.

— Para nós dois essa é toda a validade que precisamos. As duas pessoas mais importantes da nossa vida estão aqui, seu avô e minha filha. Esse é o nosso

momento, as promessas que faremos aqui não serão em vão. Depois podemos fazer algo para oficializar no cartório, mas esse momento é só nosso, querida. — Sela sua promessa com um selinho.

— Eu te amo, Dani — pronuncio as palavras com dificuldade.

— E te amo mais, Jake. — Ele se afasta de meus braços e as mulheres se aproximam de mim.

Elas me estendem um vestido branco soltinho, retiro minha canga e o coloco sobre o meu biquíni. Depois, a Priscila pede para que eu me sente, e coloca uma coroa de flores na minha cabeça, de onde pende um pequeno véu. Quando acha que está bom, me estende o buquê que o Daniel estava segurando.

O Daniel já está na frente do barco e a Priscila corre para perto dele. As pessoas se posicionaram na lateral, deixando um corredor para eu passar. Quando chego perto do Daniel, ele pega o buquê da minha mão e estende para a Priscila. Depois, me guia para perto do Capitão.

Para as pessoas que veem de fora, a cena deve ser hilária. Um homem vestido de pirata realizando um casamento. Mas o Daniel ter pensado em fazer isso, possibilitado esse momento num lugar tão especial para mim, só demonstra o quanto ele me ama e conhece meu coração. Nenhum casamento, mesmo que na maior igreja do mundo, seria tão especial quanto essa simples celebração.

— Estamos hoje aqui reunidos para unir em matrimônio esse moço e essa moça. Blá-blá-blá... — o capitão pirata começa a falar e ouço algumas risadinhas ao nosso redor. — Encurtando o papo, você trouxe uma aliança? — ele pergunta para o Daniel.

Só então noto que a Priscila está com uma caixa de joias, de onde retira duas alianças e coloca nas mãos do Daniel.

— Você, moço, aceita essa linda moça como sua esposa? Prometendo amá-la, respeitá-la e cuidar dela durante toda sua vida?

— Aceito, Capitão — exclama com seus olhos cravados nos meus. — Receba essa aliança como prova do meu amor, fidelidade e lealdade. Prometo que durante todos os dias da minha vida, te farei a mulher mais feliz do universo, porque não quero ser apenas o seu marido, mas quero ser também seu melhor amigo, aquela pessoa que você pode contar em qualquer momento. Seja minha mulher, pois eu serei o seu tudo. — Ele segura minha mão e desliza a aliança no meu dedo anelar.

— Você, moça bonita, aceita esse moço como seu marido? Prometendo amá-lo, respeitá-lo e cuidar dele durante toda sua vida?

— Aceito, Capitão. — Minha voz está embargada pela emoção. Pego a

aliança na sua mão. — Receba essa aliança como prova do meu amor, amizade e lealdade. Te prometo que durante toda a minha vida, farei da sua vida a minha vida, do seu bem estar o meu, da sua felicidade a minha. Vou te honrar e não serei apenas a sua esposa, mas também a sua melhor amiga. Eu serei o seu tudo, pois você é a minha vida.

Como o Daniel fez há poucos minutos, deslizo a aliança no seu dedo.

— Pelo poder em mim investido, eu os declaro casados. Pode beijar a moça. — Ouço as palmas por todo o barco enquanto o Daniel me toma nos seus braços e aproxima seus lábios dos meus.

— Obrigada, eu te amo muito! Do tamanho do universo. — sussurro em seus braços.

— Eu te amo mais, querida. Duas, dez vezes o tamanho do universo — fala antes de me beijar mais uma vez.

Sinto o vento soprando suave ao nosso redor, como se estivesse nos abraçando, e tenho certeza de que é meu avô falando através do vento, aprovando nossa união e derramando sua benção sobre a nossa união.

Obrigada, vovô, por ter respondido todas as minhas orações.

Epílogo

“ Nada pode impedir o encontro de duas almas gêmeas, a energia e a vontade que ambas tem de se encontrar é tão forte que nem mesmo os fatos, as circunstâncias e as tempestades conseguem destruir o que ultrapassa passagens de tempo.”

CAMILA HARUMI

Alguns anos depois...

Daniel

— Preparadas? — Passo meus olhos pelas minhas duas meninas nervosas paradas perto de mim na entrada do orfanato.

A Priscila abre um sorriso contagiante, mas a Jake está com um semblante apreensivo.

— Pri, querida, o que acha de ir na frente? Preciso conversar uma coisa com a Jake e já seguimos você.

Ela faz que sim com a cabeça, solta a mão da Jake e corre porta adentro. Chego bem perto dela quase colando nossas testas e seguro suas mãos apertadas entre as minhas.

— Está nervosa, querida? — pergunto suavemente.

— Estou apavorada, Dani.

— Não tem porque, querida.

— E se eu for uma péssima mãe? — Pela sua voz percebo que ela está quase rompendo em choro.

— Você sabe que teve um motivo para não poder engravidar mesmo depois de todo tratamento, né? — Ela ergue seu olhar de forma questionadora.

— Nosso filho já estava aqui, querida. Por isso não conseguimos conceber. E ele está esperando a gente lá dentro, louco de vontade de vir para casa com sua mãe. Que por sinal, será uma mãe maravilhosa, assim como já é uma *boadrastra* maravilhosa para a Pri.

— Dani, e se a gente não souber o que fazer?

— Então vamos aprender juntos. Filhos não vêm com manual de instrução, independente se saem de dentro da sua barriga ou do nosso coração, Jake.

— Você promete que me ajuda?

— Nem precisa pedir por isso. É do nosso filho que estamos falando. Juntos sempre, nos bons e nos maus momentos, lembra?

Ela abre um sorriso e sinto a tensão do seu corpo diminuindo. Me afasto e pego sua mão, nos guiando para dentro do orfanato. Quando nos aproximamos, vemos a Priscila ajoelhada na frende do Pedro, a criança que estamos adotando e levando para casa hoje. Priscila está toda radiante, pois, nos seus quase quinze anos, sente-se também um pouco mãe do Pedro que tem apenas sete. Menino este que nos encantou e roubou o nosso coração desde a primeira vez que nos encontramos.

Quando o Pedro nos vê entrando, sai correndo e se joga nas pernas da Jake, a fazendo cambalear e dar um passo para trás.

— Jake! Eu vou embora com você hoje? — pergunta todo empolgado.

— Claro! Não combinamos isso? — fala se ajoelhando na sua frente e Pedro sem demora pula no seu colo.

— E não preciso mais voltar? Vou ficar morando com vocês para sempre? — Fita a Jake com olhos suplicantes.

— Para sempre, querido... — Jake responde com a voz embargada e

qualquer medo que ela porventura ainda tivesse, sinto escorrendo e caindo por terra.

Esses últimos anos foram maravilhosos. Nossa conexão que era enorme só cresceu e se transformou num elo forte, inquebrável. Tivemos problemas, sim. Altos e baixos como todo casal. Mas em nenhum momento tive dúvidas de que estava com a pessoa certa, no lugar certo.

Pedro só veio para coroar essa felicidade. Ele precisa de pais, de um lar, e nós, de um filho para compartilhar esse amor que cresce a cada dia mais dentro de nós. Mas é muito mais que isso, três vidas que vão ser entrelaçadas. Quando nos vimos a primeira vez, não restou dúvidas, ele era nosso filho e, assim como precisava de nós, também precisávamos dele.

Estou perdido em pensamentos quando sinto que o Pedro está abraçando minhas pernas.

— Obrigado! — fala com a vozinha chorona.

— Ei... Nada de choro, mocinho. — Puxo-o para meu colo. — Por que você está chorando, pequeno?

— Porque a tia Jake disse que posso ficar para sempre com vocês.

— E isso não deixa você feliz?

— Deixa... muito feliz — fala deitando sua cabeça no meu peito. Olho para a Jake, que está abraçada com a Priscila e ambas tem lágrimas escorrendo pelo rosto.

Abro meus braços para elas que correm ao nosso encontro e passam os braços ao redor de nós dois. Sinto uma emoção muito grande e me junto a eles nas lágrimas derramadas.

— Daniel — Jake chama baixinho perto do meu ouvido. — Sabe o que estou sentindo agora?

Balanço minha cabeça e me aconchego melhor no seu abraço.

— Como se depois de muitos encontros e desencontros, todas as partes do meu coração tivessem finalmente se encontrado.

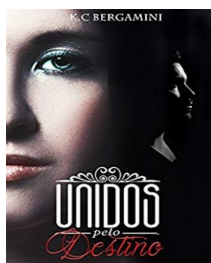
Afasto minha cabeça e nossos olhares se encontram.

— Me sinto assim também, querida, como se depois de uma longa separação, estivesse novamente conectado com todas as partes da minha alma.

Fim.

ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO! ATENÇÃO!

*Recado da autora:
Amado(a) leitor(a),
Não deixe de realizar sua avaliação,
ela é muito importante não apenas para mim, para que outros leitores
saibam o que esperar desse livro!
E, se gostou desse livro, confira também minhas outras obras.
Beijokas enormes.
Katia.*



Um carro desgovernado, uma tragédia, duas vidas. Quando eu acordei e soube que havia matado minha esposa e meu filho em

As tragédias na vida de Christina provocaram consequências irreparáveis. Ainda menina, viu-se sozinha, sob a responsabilidade apenas de um tio alcoólatra. Os momentos a sós na casa se tornavam cada vez mais angustiantes. E no ápice do desespero, quando começou a ser agredida, não teve a quem pedir socorro.

Um rapaz, de olhos encantadores, salvou-a dando um tiro em seu tio. De onde ele veio? Como soube que ela precisava de ajuda? Que conexão foi aquela que Christina sentiu entre eles? Yuri é seu nome. Por matar um homem, foi preso. Por salvá-la, ela quis conhecê-lo. Mas ele distanciou-se, não quis contato, manteve-se em silêncio por todos os anos de sua sentença.

Agora, ao saber de sua liberdade, tanto tempo depois, Christina tem uma única missão: desvendá-lo. Mais madura, insistirá mais uma vez em descobrir todos os mistérios deixados por Yuri, despertando e sendo despertada por sentimentos intensos.

https://www.amazon.com.br/Unidos-Pelo-Destino-K-C-Bergamini-ebook/dp/B01NBAC6SP/ref=pd_sim_351_2?encoding=UTF8&psc=1&refRID=1AF2493HGV5S03HZ48FD



O amor pode ser duro, o amor pode ser leve, o amor pode nos esvaziar e nos transbordar.

Emília, uma mulher mais determinada do que imagina, amou com todas as forças um homem, mas dedicar forças demais a algo é também se deixar enfraquecer. Dentro do próprio casamento, viu-se sozinha, abusada, humilhada e precisou partir. Com pouco do que restou de si mesma, Emília saiu de casa com sua filha sabendo apenas que precisava recomeçar. Precisava curar as feridas de um amor que a fez refém. E reconstruir-se depois de ter o coração estilhaçado pode ser desafiador. Para ser livre, Emília precisa de respostas, precisa reencontrar-se.

Mas como ser forte o bastante e deixar o coração livre para um novo amor depois de tanto sofrimento?

Em capítulos intensos que nos levam ora à angústia, ora à esperança, Emília nos conta a história de como descobriu no amor outros sentimentos, outros lados, outros caminhos e como lutando contra seus medos, enfrentando suas angústias, derrubando as barreiras que o passado lhe impôs pode enfim ser livre.

ATENÇÃO:

Esse livro não é um conto de fadas. Retrata a verdadeira luta de uma mulher para resgatar a sua dignidade.

Não indicado para menores de 18 anos.

Livro possui cenas de violência doméstica e contém cenas de violência psicológica e sexual.

https://www.amazon.com.br/Outro-Lado-do-Amor-ebook/dp/B06W57855J?qid=1523986063&sr=1-1&text=K.C.+Bergamini&ref=sr_1_1



Liliane, quando criança, achava que ser bastarda era uma doença que herdou de seu pai. Não entendia por que era a única escrava clara entre todos os escravos que conhecia.

Aos seis anos foi tirada dos braços de sua mãe e passou a compreender que ser bastarda não era hereditário, era uma doença social: era discriminada apenas pela cor de sua pele.

A pequena Lili, assustada e frágil, em uma carroça em frente à casa-grande onde vai viver e servir conhece o menino Pedro, filho do senhorio e dono dos olhos mais verdes que já viu, que a consola e faz uma promessa: “vou ser seu amigo e cuidar de você sempre, ninguém vai te machucar e você nunca mais vai ficar sozinha”.

Quando eles crescem e percebem que a amizade inocente que nutriram se tornou o amor de homem e mulher, começam a fazer planos de se casar e viver longe daquela sociedade racista.

Mas quando a senzala ama, a casa-grande arranca seu coração. Outras pessoas entrarão em seus caminhos para impedir que fiquem juntos, manipulando e conspirando contra, assim, os dois terão suas rotas alteradas e seus sentimentos serão colocados à prova.

Entre dor e desejo, ódio e paixão, suas vidas opostas terão sempre uma coisa em comum: eles nunca esqueceram.

(https://www.amazon.com.br/Eu-Nunca-Esqueci-K-C-Bergamini-ebook/dp/B0754XS3R9?qid=1523986013&sr=1-2&text=K.C.+Bergamini&ref=sr_1_2)



Qual a configuração exata do seu Príncipe Encantado?

Sophia é uma mulher fora dos padrões de beleza impostos pela sociedade. Já cansada pelo fracasso e decepções sofridas nos seus relacionamentos, toma uma atitude drástica: procurar sua outra metade em qualquer lugar do Brasil. Impulsionada por muita coragem, resolve aventurar-se no mundo dos encontros virtuais, na busca do seu tão sonhado príncipe encantado.

Para que isso fosse possível, precisava enfrentar um grande dilema: qual a configuração correta para colocar na busca, para não correr risco de descobrir um sapo, ao invés do tão sonhado príncipe?

Ela tentou. Será que conseguiu?

(https://www.amazon.com.br/Ascendente-C%C3%A2ncer-configura%C3%A7%C3%A3o-pr%C3%ADncipe-encantado-ebook/dp/B075PWTGYC?qid=1523986083&sr=1-6&text=K.C.+Bergamini&ref=sr_1_6)



Um carro desgovernado, uma tragédia, duas vidas. Quando eu acordei e soube que havia matado minha esposa e meu filho em um acidente, me tornei

somente escuridão. Não havia mais motivos para viver. Eu poderia desistir, se não fosse covarde. Eu poderia recomeçar, se não estivesse devastado pela culpa.

Então, dediquei minha existência ao sofrimento. Tentaram me falar, inúmeras vezes, que tudo aconteceu porque Deus tinha um propósito para mim. Mentira. O único propósito era meu: pagar por cada momento da vida deles que eu joguei fora. Ou então, era isso que eu imaginava até conhecer Cecília. Quando ela aparece, como um anjo enviado pela mãe da falecida Flávia, sabe que tem apenas uma missão: revelar o que restou depois de tudo. E fará isso mostrando todas as outras rotas que foram alteradas naquele acidente, todas as vidas que foram mudadas drasticamente. Afinal, quantos caminhos podem ser interligados em uma noite tão marcante?

<https://www.amazon.com.br/QUE-RESTOU-VOC%C3%8A-K-C-BERGAMINI-ebook/dp/B07C7TNBRH>



Katia Titão, (K. C. Bergamini), é catarinense, casada, 37 anos de idade e mãe de três filhos, é nascida em São Miguel do Oeste, no oeste de Santa Catarina, atualmente residindo em Realeza, no interior do Estado do Paraná. Possui graduação de Bacharelado em Administração Pública pela UNICENTRO e Pós-graduada em Docência no Ensino Superior. Trabalha no Poder Judiciário do Estado do Paraná e também como professora Universitária. É escritora de livros de Romance, possuindo atualmente vários livros publicados no Amazon.

Siga a autora nas redes sociais:

<https://www.facebook.com/LivrosdaKatia/>

<https://www.skoob.com.br/autor/17439-kcbergamini>

email para contato:

kbtitao@gmail.com

um acidente, me tornei somente escuridão. Não havia mais motivos para viver. Eu poderia desistir, se não fosse covarde. Eu poderia recomeçar, se não estivesse devastado pela culpa. Então, dediquei minha existência ao sofrimento. Tentaram me falar, inúmeras vezes, que tudo aconteceu porque Deus tinha um

propósito para mim. Mentira. O único propósito era meu: pagar por cada momento da vida deles que eu joguei fora. Ou então, era isso que eu imaginava até conhecer Cecília. Quando ela aparece, como um anjo enviado pela mãe da falecida Flávia, sabe que tem apenas uma missão: revelar o que restou depois de tudo. E fará isso mostrando todas as outras rotas que foram alteradas naquele acidente, todas as vidas que foram mudadas drasticamente. Afinal, quantos caminhos podem ser interligados em uma noite tão marcante?

<https://www.amazon.com.br/QUE-RESTOU-VOC%C3%8A-K-C-BERGAMINI-ebook/dp/B07C7TNBRH>

CONHEÇA A AUTORA

Katia Titão, (K. C. Bergamini), é catarinense, casada, 38 anos de idade e mãe de três filhos, é nascida em São Miguel do Oeste, no oeste de Santa Catarina, atualmente residindo em Realeza, no interior do Estado do Paraná. Possui graduação de Bacharelado em Administração Pública pela UNICENTRO, Pós-graduada em Docência no Ensino Superior e Mestranda em Políticas Públicas. Trabalha no Poder Judiciário do Estado do Paraná e também como professora Universitária. É escritora de livros de Romance, possuindo atualmente vários livros publicados no Amazon.

Siga a autora nas redes sociais:

Instauram k.c.bergamini_autora

<https://www.facebook.com/LivrosdaKatia/>

<https://www.skoob.com.br/autor/17439-kcbergamini>

e-mail para contato:

kbtitao@gmail.com

Table of Contents

[CONECTADOS](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)